

EXPOSIÇÃO DO APOCALIPSE

REVELAÇÃO EM PARÁBOLAS



revista cristã
última chamada

FRANK BRITO

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

Exposição do Apocalipse

Revelação em Parábolas

Frank Brito



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Exposição do Apocalipse

Revelação em Parábolas

Autor: Frank Brito

Capa: César Francisco Raymundo

(Imagem gera por IA)

Site:

<https://resistireconstruir.wordpress.com/>

Acessado dia 02/07/2026

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Julho de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
I – O Tempo Está Próximo	23
II – Segundo a Ordem de Melquisedeque	34
III – Um Sacrifício Vivo	43
IV – Luz do Mundo	48
V – O Templo de Deus	64
VI – O Livro Selado	76
VII – Não Há um Justo, Nem um Sequer	89
VIII – A Besta Que Subiu do Mar	95
IX – O Culto Imperial	102
X – Mulheres no Deserto	117
XI – A Besta Ressurreta	135
XII – Um Povo Que Não Se Chamava Pelo Meu Nome	141
XIII – Eleitos de Deus	152
XIV – Fogo do Altar	157
XV – O Mistério de Deus	174
XVI – As Duas Testemunhas	177
XVII – A Guerra de Cristo Contra a Besta	185
XVIII – Os Mil Anos	193
XIX – A Última Apostasia	211
XX – A Cidade Amada	219
Obras importantes para pesquisa...	223

Sobre o Autor



Frank Brito é formado em Teologia na instituição de ensino *The North American Reformed Seminary*. É também administrador do site *Resistir e Construir*.

- Introdução -

“A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros por parábolas, para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam”. (S. Lucas 8.10)

Apocalipse significa revelação. Apesar disso, é um dos livros mais difíceis de ser compreendido em toda a Bíblia. Mas, apesar de sua complexidade aparente, não podemos de qualquer maneira ignorar o seu valor. O Apóstolo João já começa o livro avisando: “Bem-aventurado aquele que lê e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas”. (Ap 1.3) O próprio Jesus confirma no final: “Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”. (Ap 22.7) A dificuldade em compreender o Apocalipse não deve nos levar a subestimar a sua importância. Como parte das Sagradas Escrituras, o livro de Apocalipse tem um valor e importância imensurável para todo cristão. O Apocalipse foi revelado por Deus e se Ele revelou é para ser entendido. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre”. (Dt 29.29)

A dificuldade em compreender o Apocalipse é que sua mensagem é quase inteiramente transmitida em símbolos. Durante o seu ministério, Jesus também falava muito por meio de símbolos – o que chamamos de parábolas. Uma explicação muito comum sobre o uso de parábolas por Jesus era que Seu objetivo era facilitar o entendimento dos ouvintes. Segundo este entendimento as parábolas

eram simplesmente uma maneira de fazer com que temas complexos fossem compreendidos mais facilmente por meio de comparações baseadas na vida comum, com coisas que os ouvintes já estavam acostumados a lidar no dia a dia. Apesar de sua aparente coerência, tal explicação contradiz o que o próprio Jesus ensinou sobre isso:

“E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem.” (Mateus 13.10-13)

Jesus não usava parábolas pra facilitar a compreensão de verdades espirituais, mas para dificultar. Um dos motivos pelo qual muitos acreditam que as parábolas eram um meio de facilitar o entendimento é que na Bíblia há, muitas vezes, a explicação das parábolas ao lado da própria parábola. Isso cria a impressão de que as parábolas eram fáceis de entender. Mas esse não era o caso da maioria dos que ouviam as parábolas do próprio Jesus. Na parábola da semente sendo lançada no caminho, por exemplo, “a semente é a palavra de Deus”. (Lucas 8.11) Mas isso só foi explicado para alguns dos discípulos de Jesus em particular. Para os ouvintes originais que não recebiam tais explicações, não seria tão obvio o significado da semente. Para compreender o que Jesus falava por meio de símbolos nas parábolas, era necessário que ele explicasse os símbolos em linguagem clara. Isso era feito somente para aqueles a quem era “dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (Mateus 13.10).

Da mesma forma, se um texto bíblico é de difícil compreensão, o leitor deve buscar auxílio de outros textos que falam mais claramente de forma a revelar o significado do texto que é mais complexo. O leitor precisa pressupor a unidade e coerência da Bíblia. Sobre isso, a Confissão de Westminster[1] comenta:

“Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes [2]... A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente”.[3]

Infelizmente, em vez de buscar compreender os textos mais obscuros da Escritura a luz da própria Escritura, muitos cristãos optam por chegar a conclusões sobre os textos bíblicos com base na fertilidade da própria imaginação. Isso é especialmente comum na interpretação do Apocalipse. O Apocalipse é certamente uma revelação. Mas é uma revelação em parábolas. A compreensão dos símbolos do Apocalipse exige esforço, dedicação e reflexão sobre os seus símbolos – comparando Escritura com Escritura – para chegar a conclusões sólidas sobre o que cada símbolo significa. A maior parte dos símbolos do Apocalipse não é explicada pelo próprio livro, mas presume que o leitor já tenha um conhecimento extenso e profundo de ensinamentos e profecias de outros livros da Bíblia. Se os símbolos do Apocalipse não são claros, aqueles que querem compreendê-los devem buscar na própria Bíblia evidências sobre o que significam. O leitor deve buscar a origem dos símbolos do Apocalipse em outros livros da Bíblia que explicam o significado de tais símbolos de forma a determinar o que significam no Apocalipse.

O Apocalipse é um livro quase inteiramente sobre escatologia. A palavra escatologia tem origem na língua grega. O sufixo *logia* significa “estudo” e *eschaton* significa “último”. Assim, “escatologia” significa “o estudo das últimas coisas”. A origem dos termos baseia-se em passagens da Escritura que se referem aos “últimos dias”, “últimos tempos” e “última hora” (cf. Dt 4.30, Is 2.2, 9.1, Dn 2.28, At 2.17, I Co 10.11, I Jn 2.18). Refere-se ao ramo da teologia que

estuda o propósito último de Deus tanto para a humanidade quanto para o universo como um todo.

A escatologia cristã divide-se em dois ramos principais: a escatologia geral e a escatologia individual. Questões referentes à condição do indivíduo, entre a sua morte e ressurreição final, pertencem ao ramo da escatologia individual. São consideradas questões como a imortalidade da alma, a morte física e a condição intermediária de sua alma até a ressurreição final. Já a escatologia geral considera os eventos proféticos pelo qual a história do mundo e da raça humana chega a sua consumação final.

Quanto à escatologia individual, a Confissão de Westminster resume a perspectiva que é praticamente unanime entre os protestantes:

“Os corpos dos homens, depois da morte, convertem-se em pó e vêm a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), tendo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus aonde vêem a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão, em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além destes dois lugares destinados às almas separadas de seus respectivos corpos as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar... No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados; todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos e não outros, posto que com qualidades diferentes, e ficarão reunidos às suas almas para sempre... Os corpos dos injustos serão pelo poder de Cristo ressuscitados para a desonra, os corpos dos justos serão pelo seu Espírito ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso dele”.[4]

Quanto à escatologia geral, não existe qualquer coisa próximo a uma unanimidade. Perspectivas diferentes são defendidas até mesmo dentro de uma mesma denominação. As diversas linhas de interpretação costumam ser inseridas pelos teólogos em três correntes principais: pre-milenismo, amilenismo e pós-milenismo. Há questões em que as três correntes concordam: Haverá uma Segunda Vinda corporal e visível de Cristo, os mortos hão de ressuscitar, haverá um Juízo Final, os justos herdarão a vida eterna e os ímpios irão receberão a condenação eterna. As divergências são em relação aos eventos proféticos que devemos esperar que aconteçam até a Segunda Vinda e o Juízo Final. O nome de cada linha de interpretação é determinado pela maneira que abordam a visão dos mil anos de Apocalipse 20.

Pre-Milenismo

O pre-milenismo é a corrente escatológica mais difundida entre as igrejas brasileiras em nossos dias. Defende que a maioria das profecias do Apocalipse se cumprirá um pouco antes do fim do mundo e baseia-se numa leitura literal de Apocalipse 20. Costumam defender também que no decorrer da história até a Segunda Vinda, há um aumento progressivo de pecado, sofrimento, desastres naturais, guerras e perseguições aos fiéis, até que, por fim, a personificação de toda a iniquidade se manifestará na pessoa do Anticristo. Depois que ele tiver consumado o domínio da iniquidade no mundo, acontecerá a Segunda Vinda de Cristo em triunfo para estabelecer um reino de mil anos na terra. Os santos mortos ressuscitarão com os corpos glorificados, mas não os ímpios. O reino será inaugurado pela prisão de Satanás de maneira que ele não possa mais exercer qualquer influencia sobre a terra. Jerusalém será restaurada e servirá de sede para um Império mundial de Cristo. Será um período de grande justiça, paz e prosperidade em todo o mundo. Todavia, não será um mundo absolutamente perfeito. Ainda haverá pecadores. Mas será uma minoria e todo pecado será rapidamente reprimido por Cristo.

Defendem também que depois dos mil anos, Satanás será solto por um breve tempo e tentará incitar pessoas do mundo inteiro a se rebelar contra Cristo e guerrear contra Jerusalém. É somente aí que acontecerá o Juízo Final pelo qual os fiéis entrarão no Novo Céu e Nova Terra enquanto os ímpios serão entregues a condenação eterna assim como o Diabo e os demais demônios.

Uma divergência que existe entre pre-milenistas contemporâneos é em relação ao arrebatamento conforme descrito em I Tessalonicenses 4. Historicamente, pre-milenistas sempre defenderam que no fim dos tempos os cristãos seriam perseguidos e martirizados pelo Anticristo até que Jesus voltasse para resgatá-los. A partir do século XIX e principalmente no século XX, isso mudou com o que veio a ser chamado de “pre-tribulacionismo”. Os pre-tribulacionistas defendem que o reino do Anticristo terá uma duração de sete anos num período que chamam de “Grande Tribulação”. Diferente dos pre-milenistas históricos, os pre-tribulacionistas acreditam que imediatamente antes do Anticristo começar a reinar, todos os genuínos cristãos serão arrebatados por Deus da terra e transportados para o céu. O objetivo principal de Deus será impedir a Igreja de ser perseguida e martirizada pelo Anticristo. Além do pre-tribulacionismo, há também o “meso-tribulacionismo”. São chamados assim porque diferente dos pre-tribulacionistas, acreditam que o arrebatamento dos cristãos acontecerá no meio da Grande Tribulação e não antes dela começar. Assim, acreditam que a Igreja será de fato perseguida e martirizada pelo Anticristo, mas que não terão que passar por isso até a Segunda Vinda porque serão retirados da terra três anos e meio antes. Já aqueles que defendem a perspectiva tradicional do pre-milenismo costumam ser chamados hoje de “pós-tribulacionistas”.

Amilenismo

O amilenismo defende que a visão dos mil anos de Apocalipse 20 não deve ser entendida literalmente[5]. Defende que “mil” deve ser

entendido como um número simbólico e que o Milênio se refere ao intervalo de tempo entre a Ascensão e Segunda Vinda de Cristo. A prisão de Satanás se refere ao fato de que ele não pode impedir a proclamação do Evangelho em todas as nações. Já a primeira ressurreição é entendida por alguns como sendo o novo nascimento e por outros como sendo a entrada da alma dos santos mortos no céu. Assim como os pre-milenistas, muitos amilenistas acreditam que há um aumento progressivo de pecado, sofrimento, desastres naturais, guerras e perseguições aos fiéis à medida que o fim da história se aproxima. Outros defendem que por toda história e até o fim do mundo, as forças do bem e do mal se mantêm relativamente equilibradas. O Juízo Final acontecerá imediatamente após a Segunda Vinda com os fiéis sendo introduzidos ao Novo Céu e Nova Terra e os ímpios sendo entregue a condenação eterna. Até então, não há qualquer perspectiva de um reino de Cristo que faça prevalecer à justiça, paz ou prosperidade na terra. Cristo já reina, mas isso tem isso trás benefícios quase exclusivamente espirituais.

Pós-Milenismo

O propósito desta série é defender que a Bíblia ensina o pós-milenismo. A ascensão de Cristo inaugurou o seu Reino e desde então, ele vai progressivamente eliminando o pecado e o sofrimento da terra. Assim como os amilenistas, a primeira ressurreição é entendida por alguns como sendo o novo nascimento e por outros como sendo a entrada da alma dos santos mortos no céu. O Milênio é simbólico e acontece antes da Segunda Vinda. A prisão de Satanás significa que as nações são progressivamente convertidas ao Evangelho de maneira que chegará um tempo em que a maioria das pessoas será genuinamente cristã. À medida que há transformação espiritual entre os povos, há também desenvolvimento cultural e prosperidade material de forma que a terra é progressivamente restaurada da maldição do pecado. A libertação de Satanás após os mil anos é entendida como uma tentativa final dos ímpios que

restarão de se rebelar contra o sucesso mundial do Cristianismo. É somente depois desse longo processo que acontecerá a Segunda Vinda Cristo que é quando os fiéis e os ímpios ressuscitarão para o Juízo Final. Os ímpios serão julgados a condenação eterna e os santos habitarão na Nova Criação consumada.

VALE A PENA ESTUDAR O APOCALIPSE?

Muitos acreditam que profecias bíblicas são simplesmente complicadas demais para que a gente entenda e que é melhor deixar para descobrir a interpretação correta quando chegarmos ao céu. Mas, se Deus nos revelou profecias é porque ele quer que nós entendamos. Se ele não quisesse que nós entendêssemos, ele não teria nos revelado. Revelação pressupõe possibilidade de compreensão. Há muitas coisas que de fato não nos foram reveladas. Não sabemos e nem temos meios de saber quando Jesus voltará. Todavia, “as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre”. (Dt 29.29) Não há qualquer parte da Escritura que podemos simplesmente ignorar como irrelevante porque ela é a revelação de Deus para nós, para nossa compreensão. Devemos reconhecer que não compreendemos aquilo do qual ainda não chegamos a uma conclusão. Mas, a Escritura na sua totalidade nos foi dada para que entendêssemos aqui e agora, na terra e não para quando chegarmos ao céu.

Muitos acreditam também que o entendimento correto da escatologia bíblica não irá determinar ou impedir nossa salvação individual e por isso não é um assunto importante.

Primeiro, não é verdade que a compreensão da escatologia seja absolutamente insignificante para a salvação. Não é possível sermos salvos rejeitamos que haverá uma Segunda Vinda corporal e visível de Cristo, que os mortos hão de ressuscitar, que haverá um Juízo Final, que os justos herdarão a vida eterna. Além disso, podemos ver no

catolicismo romano os efeitos nefastos de erros no âmbito da escatologia individual – o purgatório.

Segundo, é um erro acreditar que somente devemos nos preocupar com aquilo que é o mínimo necessário para garantir a nossa própria salvação pessoal. É possível uma pessoa se salvar sem nunca ler a Bíblia, comparecer a um culto, ser batizado ou tomar a Ceia do Senhor. Mas aí de nós se dissermos que não há importância em qualquer uma destas coisas! O objetivo da Bíblia não é tratar unicamente daquilo que é mínimo possível que precisa acontecer para que sejamos salvos. Jesus ensinou que “viverá o homem... de toda palavra que sai da boca de Deus”. (Mateus 4.4) Isso significa que erramos quando restringimos nosso interesse somente ao que é minimamente necessário para que sejamos salvos ao mesmo tempo em que ignoramos todo o resto do que sua Palavra diz. Na carta aos Hebreus há uma reclamação contra os cristãos que só procuram entender como funciona a salvação pessoal e os princípios elementares da fé e nunca se desenvolvem em assuntos mais complexos:

“Sobre isso temos muito que dizer, mas de difícil interpretação, porquanto vos tornastes tardios em ouvir. Porque, devendo já ser mestres em razão do tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar os princípios elementares dos oráculos de Deus, e vos haveis feito tais que precisais de leite, e não de alimento sólido. Ora, qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, pois é criança; mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal... Pelo que deixando os princípios elementares da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento de arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e o ensino sobre batismos e imposição de mãos, e sobre ressurreição de mortos e juízo eterno. E isso faremos, se Deus o permitir”. (Hb 5.11-14,6.1-3)

A compreensão que o homem tem de seu próprio destino e do destino do mundo determina diretamente a maneira que ele toma suas decisões e conduz sua vida. A importância da escatologia está diretamente ligada à maneira que nossos valores são formados e a maneira que vivemos nossas vidas com base nestes valores. Isso é verdade tanto no âmbito da escatologia individual quanto da escatologia geral. É o que Jesus ilustrou com clareza por Jesus na parábola do rico insensato:

“Propôs-lhes então uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância; e ele arrazoava consigo, dizendo: Que farei? Pois não tenho onde recolher os meus frutos. Disse então: Farei isto: derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus cereais e os meus bens; e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe disse: Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus”. (Lucas 12.16-20)

O rico da parábola tinha como meta principal aproveitar o máximo a suas próprias riquezas por muitos anos: “Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te”. (v.18) Sua perspectiva sobre seu próprio futuro era o de viver aproveitando os deleites da riqueza. Suas ações no presente eram somente meios para este fim. A expectativa do juízo de Deus não fazia parte da equação pela qual ele media seus atos. Sua completa ignorância escatológica foi a causa de sua ruína. Ele não levou em consideração que o Juízo de Deus é o destino inevitável de todos os homens: “Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?” (v.20) Aqueles que ignoram a realidade do juízo de Deus vivem como se jamais serão julgados. Aqueles que acreditam que serão julgados vivem com base no tipo de julgamento que acreditam que terão. A parábola do rico insensato nos ensina é que as expectativas que o homem tem em relação ao seu destino

determinam a forma com que ele age no presente em relação a tais expectativas. Sendo assim, a escatologia bíblica é absolutamente crucial para o desenvolvimento da vida prática.

Com base nisto, devemos entender que o propósito maior da escatologia bíblica não é matar a nossa curiosidade sobre o futuro. Não devemos ser movidos por qualquer especulação sobre como as coisas serão por mera curiosidade. O propósito maior da escatologia bíblica é fazer com que nossos valores e modo de vida estejam em conformidade com os propósitos de Deus. Deus é o soberano governador da história. Tudo o que acontece é sempre em conformidade com seus decretos. Seu objetivo em nos revelar determinados acontecimentos futuros não é matar nossa curiosidade. É fazer com que nossos próprios planos e objetivos estejam sempre subordinados aos propósitos d'Ele. Sem qualquer conhecimento do nosso destino como indivíduos ou do destino do mundo como um todo, não teríamos qualquer meio de averiguar se nossas próprias decisões estariam em conformidade com os planos de Deus. Por meio das profecias bíblicas, Deus nos informa de onde viemos e para onde vamos, de forma que podemos medir nossos valores.

Como exemplo disso, vamos refletir nas palavras do pre-milenista Hal Lindsey[6] em seu best-seller *A Agonia do Planeta Terra*:

“Jesus disse que ‘Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram’. (Mateus 24.34) Que geração? Evidentemente, no contexto, a geração que veria os sinais – o principal sendo o renascimento de Israel. Uma geração na Bíblia é algo ao redor dos quarenta anos. Se isto é uma dedução correta, então cerca de quarenta anos depois de 1948, todas essas coisas já terão acontecido”.[7]

Quarenta anos depois de 1948 é 1988. Em 1980, início da década de 80, Hal Lindsey escreveu *Década de 80: Contagem Regressiva para o Armagedom*:

“Muitos ficarão chocados com o que acontecerá no futuro muito próximo. A década de 1980 poderá ser a última da história como a conhecemos”.[8]

Hal Lindsey não só defendia que o mundo estava prestes a acabar a qualquer momento, mas que provavelmente acabaria até o fim da década de 80. Evidentemente, já se passaram mais de 20 anos que a suposição de Hal Lindsey se mostrou falsa. Mas, a mesma perspectiva de que o fim do mundo está pra acontecer a qualquer momento ainda é a convicção de muitos cristãos. Se a compreensão que o homem tem de seu próprio destino e do destino do mundo determina diretamente a maneira que ele toma suas decisões e conduz sua própria vida, precisamos refletir de que forma a vida milhões de cristãos tem sido afetada por uma perspectiva escatológica assim.

As palavras do pastor John McArthur[9] refletem isso: “Os esforços do homem para melhorar o mundo... significam o mesmo que arrumar as cadeiras do Titanic para que todos tenham uma visão melhor do navio afundando”.[10] Sendo um pre-milenista, John McArthur acredita que o futuro do mundo necessariamente será marcado pelo aumento da iniquidade, do sofrimento, de desastres naturais, de guerras e de perseguições aos fiéis até o fim do mundo. Da mesma forma que o Titanic afundou e não havia quem pudesse impedi-lo de afundar, nossa civilização também está sendo completamente submergida por trevas de maneira inevitável. Consequentemente, todos nossos esforços de pra melhorar o mundo seriam em vão. John McArthur não vê motivos para “melhorar o mundo”, pois isso seria tentar evitar o inevitável. Não há dúvidas de que esta perspectiva tem um efeito profundo sobre a vida prática dos cristãos na maneira com que se relacionam com o mundo.

Os principais defensores do amilenismo tem defendido uma perspectiva parecida. O pastor amilenista Herman Hanko[11] escreveu: “O mundo é cheio de pecado e piorando uma situação

desesperadora além da possibilidade de reparo”.^[12] Mas se não podemos melhorar o mundo, só nos restam três alternativas lógicas: cooperar ativamente com a expansão da iniquidade, nos submeter passivamente a ela ou lutar na convicção de que nossa luta será em vão. A perspectiva de John McArthur é perfeitamente lógica e consistente com seus pressupostos escatológicos. O mundo vai sempre de mal a pior. Os odiadores de Deus serão mais e mais poderosos enquanto os justos cada vez menos influentes. Assim pensam a maioria dos cristãos hoje. E esse é um dos fatores determinantes que faz com que Igreja continue agindo como se fosse impotente para combater, com eficácia, contra a expansão da iniquidade. Ideias tem consequências.

O propósito deste estudo não é comentar cada detalhe do Apocalipse, mas somente servir de introdução a sua mensagem central. O objetivo é que o leitor adquira uma perspectiva firme e consistente do propósito que levou o livro a ser escrito, do significado das visões e personagens principais e também que desenvolva a capacidade de aplicar seus ensinamentos aos dias atuais. Como o Apocalipse não foi revelado em linguagem clara e direta, mas trata-se de uma revelação em parábolas, haverá duas fontes principais sendo usadas para explicar o significado das visões. Para compreender o que os símbolos significam serão analisados textos da própria Bíblia – dentro ou fora do próprio Apocalipse. Quando lermos a respeito de homens sendo marcados na testa ou na mão, por exemplo, não usaremos nossa imaginação para concluir o que as marcas significam. Usaremos a própria Bíblia para chegar determinar o significado da visão. E para compreender o cumprimento das profecias do livro, serão analisados eventos históricos em que condizem com os eventos profetizados. Os eventos históricos não serão usados pra determinar o significado dos símbolos, pois isso será determinado pela própria Bíblia. Os eventos históricos serão citados somente para demonstrar o cumprimento daquilo que fora profetizado dentro do contexto histórico que a Bíblia indica que se cumpriria.

As visões não serão necessariamente comentadas na mesma ordem que aparecem no Apocalipse. Há motivos importantes pra isso. Primeiro, a ordem em que as visões aparecem não reflete necessariamente uma ordem cronológica. Por exemplo, a visão das sete taças do capítulo 16 se refere aos mesmos eventos ou a eventos paralelos ao da visão das sete trombetas dos capítulos 8 aos 11. O fato de uma visão aparecer depois não significa que tenha referência a um evento que só aconteceria depois das visões que aparecem antes. Visões diferentes não se referem necessariamente a eventos ou personagens diferentes. Em diversos casos o mesmo evento ou personagem é descrito de diferentes maneiras e em visões distintas. Muitas vezes uma visão dá maiores detalhes sobre um evento ou um personagem do que a outra. Na maioria dos casos um evento ou personagem sendo profetizado não pode ser adequadamente compreendido sem levar em consideração a outra visão em que o mesmo evento ou personagem é descrito. A besta que sobe do mar de Apocalipse 13, por exemplo, tem sete cabeças e dez chifres. Mas no capítulo 13 não há qualquer pista do que as cabeças ou os chifres significam. Isso somente é explicado no capítulo 17. Consequentemente, é impossível compreender integralmente o capítulo 13 sem fazer referência ao que é capítulo 17. O Apocalipse foi escrito de maneira que exige do leitor uma reflexão profunda para chegar a conclusões consistentes. O leitor precisa refletir não somente na visão que está lendo no momento, mas também relação daquela visão com tudo o que foi dito antes e tudo que será ainda dito. Sendo assim, as visões não serão comentadas neste estudo na mesma ordem que aparecem no Apocalipse, mas na ordem em que o significado das visões possa ser mais bem esclarecido. Além disso, ao comentar uma visão, nem sempre todos os aspectos da visão serão comentados de imediato. Em muitos casos, é necessário comentar uma visão somente parcialmente de maneira introdutória e esperar que outros textos sejam mais bem compreendidos para que então aquela visão seja compreendida na íntegra.

[1] A Confissão de Fé de Westminster é um documento protestante produzido pela Assembléia de Westminster na Inglaterra entre 1643 e 1648. Trata-se de uma exposição das principais doutrinas bíblicas conforme professadas principalmente por igrejas presbiterianas e reformadas ao redor do mundo.

[2] Confissão de Westminster, Capítulo I, seção 7.

[3] Ibid., seção 9.

[4] Ibid., Capítulo 32, seção 1.

[5] “A” é um prefixo de negação. Amilenismo significa “sem milênio” ou “nenhum milênio” pra indicar a sua crença na inexistência de um milênio literal.

[6] Hal Lindsey é um evangelista e escritor americano. É um dos principais defensores contemporâneos do dispensacionalismo e do sionismo cristão.

[7] Hal Lindsey, A Agonia do Grande Planeta Terra.

[8] Ibid., Contagem Regressiva para o Armagedom.

[9] John McArthur é um teólogo e pastor americano.

[10] John MacArthur New Testament Commentary.

[11] Herman Hanko foi um teólogo e pastor holandês.

[12] Herman Hanko, The Illusory Hope of Postmillennialism, p. 159.

I

O Tempo Está Próximo

“Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo”. (Apocalipse 22.10)

No decorrer deste estudo será demonstrado que a maior parte dos eventos profetizados no Apocalipse se cumpriu no primeiro século. Somente a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que ainda são futuros a nós. A primeira vista, essa perspectiva soa como algo praticamente impossível de ser aceito pela maior parte dos cristãos de nosso tempo. Mas as primeiras palavras do livro não podem ser ignoradas: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo”. (Ap 1.1) Tais palavras precisam ser levadas mais a sério. As coisas que deveriam acontecer eram futuras em relação ao tempo em que o livro foi escrito. Mas elas se cumpriram brevemente, como diz o verso. Para nós que vivemos no século 21, são coisas que ficaram no passado.

Alguns poderão argumentar que a perspectiva de tempo neste verso não é uma perspectiva humana, mas a perspectiva de Deus. Neste caso, quando o texto diz “brevemente”, isso seria sob uma perspectiva temporal de Deus. De fato, a Bíblia ensina que “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”. (II Pd 3.8) Isto significa que aquilo que parece ser um longo intervalo de tempo para os homens, é insignificante para Deus. Sendo assim, por que não poderíamos considerar que quando o Apocalipse diz que se

cumpriria brevemente, estaria falando dentro de uma perspectiva temporal de Deus[1] – o que para nós humanos seriam equivalente a muitos séculos?

Evidências no próprio Apocalipse anulam essa possibilidade e demonstram que a perspectiva de tempo neste verso seja uma perspectiva humana e não Divina. No final do Apocalipse, o anjo avisa a João: “Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo”. (Ap 22.10) Tais palavras claramente remetem ao que havia sido dito ao profeta Daniel séculos antes: “E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira. Tu, porém, sela a visão, porque se refere a dias mui distantes”. (Dn 8.26) Por três vezes, Daniel recebeu a ordem de “sellar a visão” [2]. O motivo é que tais profecias se referiam coisas que iriam se cumprir somente em “dias muito distantes”. De fato, tais profecias só vieram a se cumprir muitos séculos depois. Mas a ordem dada a João foi exatamente o contrário, “não seles”. E a explicação foi que “próximo está o tempo” – o contrário do que havia sido dito a Daniel. Isto deixa claro que a mensagem central do Apocalipse não pode se referir a “dias muito distantes” – séculos depois – como foi o caso de Daniel. Se o cumprimento do Apocalipse fosse demorar muitos séculos, João teria recebido a mesma ordem que Daniel e não uma ordem exatamente contrária.

Mas o Apocalipse não é um livro sobre os últimos dias? Não revela os acontecimentos dos últimos tempos? Não há dúvidas de que o Apocalipse seja um livro sobre últimos tempos. Mas, diferente do que muitos pensam, quando o Novo Testamento menciona os “últimos tempos”, “últimos dias” e termos parecidos, elas estão se referindo a toda a história do mundo a partir da primeira vinda de Jesus Cristo e não somente aos últimos momentos da história antes de sua Segunda Vinda. Há evidência clara disso por todo Novo Testamento. O fato de não poucos cristãos acreditarem que os “últimos tempos” e “últimos dias” são referências aos últimos momentos da história

antes de sua Segunda Vinda é uma evidência do quanto o conhecimento bíblico precisa ser mais valorizado.

Nos Atos dos Apóstolos diz: “Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão”. (At 2.14-18) Pedro menciona que Joel havia profetizado a efusão do Espírito para acontecer nos últimos dias e isso estava se cumprindo naquele momento. Portanto, devemos entender já no tempo dos apóstolos os últimos dias haviam chegado.

O mesmo Apóstolo diz em sua epístola: “... sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto no fim dos tempos por amor de vós”. (I Pd 1.18-20) Aqui Pedro lembra aos cristãos que eles foram salvos não por dinheiro, mas pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo. E ele deixa claro que isso aconteceu no fim dos tempos.

Em sua epístola aos Coríntios, Paulo escreveu: “tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos”. (I Co 10.11) Paulo menciona que ele e seus contemporâneos haviam chegado aos fins dos séculos. Ele não poderia estar falando dos últimos momentos da História do mundo, logo antes da vinda de Jesus Cristo porque ele escreveu isso há mais de vinte séculos.

Em sua carta a Timóteo, ele escreve: “Sabe, porém, isto, que nos últimos dias sobrevirão tempos penosos; pois os homens serão amantes de si mesmos, gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. Afasta-te também desses. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; sempre aprendendo, mas nunca podendo chegar ao pleno conhecimento da verdade”. (II Tm 3.1-7) Aquilo que Paulo diz que viria nos últimos dias, era o que já havia começado a acontecendo em seu próprio tempo. Pois ele se refere aos homens que ele disse que viria nos últimos tempos como já estando ativo e justamente por isso manda que Timóteo se afaste deles.

Quando o Novo Testamento fala nos “últimos tempos”, nos “últimos dias” e termos parecidos, a premissa é que a História da Humanidade está centralizada na pessoa de Jesus Cristo. Vemos isso claramente em Isaías:

“Mas a terra, que foi angustiada, não será entenebrecida; envileceu nos primeiros tempos, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali; mas nos últimos tempos a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, na Galiléia das nações. O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz... Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”. (Isaías 9.1-2,6-7)

Mateus narra o cumprimento:

“E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali; Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom, e a terra de Naftali, Junto ao caminho do mar, além do Jordão, A Galiléia das nações; O povo, que estava assentado em trevas, Viu uma grande luz; E, aos que estavam assentados na região e sombra da morte, A luz raiou. Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. (Mateus 4.13-17)

Quando Isaías menciona os primeiros tempos, está se referindo a toda a História antes da vinda de Jesus Cristo. Quando menciona os últimos tempos está uma referência toda a História depois da vinda de Jesus Cristo. Por isso, textos que se referem aos últimos tempos ou últimos dias não podem ser tomados como se referindo necessariamente aos últimos momentos antes da Segunda Vinda.

O maior motivo pelo qual muitos pensam que os últimos tenha que significar os últimos momentos da história logo antes de Segunda Vinda de Cristo é que a palavra “dias” pode dar a impressão de um período curto de tempo. Mas o uso da palavra pela própria Bíblia mostra que ela não precisa necessariamente indicar um período curto, mas pode se referir a um período com até mesmo séculos de duração. Vemos isso já nos primeiros capítulos de Gênesis: “E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos, e morreu”. (Gênesis 5:5) Todos que são citados na genealogia de Gênesis 5 viveram durante séculos. E a palavra dias – no hebraico יום (yom) [3] – é usada pra se referir a este longo período de tempo.

No decorrer deste estudo será demonstrado que a mensagem central do Apocalipse não é sobre os últimos momentos da história, mas é sobre o significado e as implicações do fim do Antigo Pacto

estabelecido por Moisés e o estabelecimento do Novo Pacto por Jesus Cristo no primeiro século. A transição entre o Antigo e o Novo Pacto durou quarenta anos – o mesmo tempo de duração entre a saída de Israel do Egito e a chegada da nação terra prometida. A transição estava consumada no primeiro século – em 70 AD – quarenta anos depois do início do ministério público de Jesus Cristo em seu batismo. A maioria das visões se cumpriu neste período de transição e usam eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como base pra explicar o significado de acontecimentos relacionados neste período de transição.[4]

O fato é que os destinatários originais do Apocalipse foram “às sete igrejas que estão na Ásia” (Ap 1.4). O livro não poderia ser sobre acontecimentos sem qualquer relação direta com eles. Muitos entendem que as visões do Apocalipse apontam para eventos quase exclusivamente futuros e cujo cumprimento em muito lembra aquilo que costumamos ver nos filmes de ficção científica. Mas a preocupação primária do Apocalipse é tratar dos conflitos que estavam acontecendo já no primeiro século, problemas enfrentados por aqueles a quem o livro foi dirigido, as tribulações que passariam aqueles que viveram no período de transição entre os dois pactos. O Apocalipse fala de questões diretamente relevantes e não de coisas que eles não nunca seriam capazes de entender porque somente se cumpririam séculos depois.

A maioria dos cristãos que vivem no Ocidente do século XXI, não tem condições de sequer começar a imaginar o que realmente significa ser perseguido por ser cristão. A maioria de nós tem a completa liberdade de professar nossa fé, ir às nossas igrejas, estudar, trabalhar, fazer compras, casar, ter filhos, ir onde quisermos e comer o que mais agrada nosso paladar. Nossas vidas não estão sempre em risco pelo mero fato de sermos cristãos. Devemos ser infinitamente gratos a Deus por isso. Devemos reconhecer que isto é a resposta muitas orações daqueles que vieram antes de nós e que tantas vezes não tiveram o mesmo privilégio: “Exorto, pois, antes de tudo que se

façam súplicas, orações, intercessões, e ações de graças por todos os homens, pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade”. (I Tm 2.1-2)

A Igreja Primitiva não teve o mesmo privilégio[5]. Tiveram que enfrentar dois inimigos principais: o Império Romano e os líderes de Israel. O próprio Jesus foi crucificado em uma aliança entre Roma e Jerusalém. Não muito depois, Pedro e João foram presos porque curaram um enfermo e pregaram no templo[6]. Estevão morreu apedrejado[7]. Todos os cristãos que havia em Jerusalém, com exceção dos apóstolos, tiveram que fugir por causa das perseguições[8]. Antes de sua conversão, Paulo assolava a igreja a ponto de entrar até mesmo nas casas das pessoas pra leva-los arrastados para as prisões[9]. Aos Tessaloniscenses, Paulo descreveu a situação dos cristãos não só em Israel, mas também em diversos lugares do Império: “Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; porque também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que elas padeceram dos judeus”. (I Ts 2.14)

Foi para esta geração que o Apocalipse foi escrito. Pra consolar os primeiros cristãos em meio a tantas perseguições que eram obrigados a sofrer por todo Império. O historiador romano Tácito[10] descreveu o que tantos de nossos irmãos eram obrigados a enfrentar:

“... Mas nem todo o socorro que uma pessoa poderia ter prestado, nem todas as recompensas que um príncipe poderia ter dado, nem todos os sacrifícios que puderam ser feitos aos deuses, permitiram que Nero se visse livre da infâmia da suspeita de ter ordenado o grande incêndio, o incêndio de Roma. De modo que, para acabar com os rumores, acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãs, que eram odiadas por suas atrocidades, e as puniu com as mais terríveis torturas. Cristo, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à extrema punição por

Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também em toda a cidade de Roma, onde conflui e se celebra quanto de atroz e vergonhoso houver por onde quer. Assim, começou-se por deter os que confessavam a sua fé; depois pelas indicações que estes deram, toda uma ingente multidão ficou convicta, não tanto do crime de incêndio, quanto de ódio ao gênero humano. A sua execução era acompanhada por escárnios, e assim uns, cobertos de peles de animais, eram rasgados pelos dentes dos cães; outros, cravados em cruzes eram queimados ao cair o dia como se fossem luminárias noturnas. Para este espetáculo, Nero cederá os seus próprios jardins e celebrou uns jogos no circo, misturado em vestimenta de auriga entre a plebe ou guiando ele próprio o seu carro. Daí que, ainda castigando os culpáveis e merecedores dos últimos suplícios, tinham-lhes lástima, pois acreditavam que o castigo não era por utilidade pública, mas para satisfazer a crueldade dele próprio”.[11]

A maior parte dos eventos profetizados pelo Apocalipse se refere aos dois principais inimigos que a Igreja teve que enfrentar: o Império Romano e os líderes de Israel. O Apocalipse foi escrito pra lembrá-los que mesmo em meio a tanto sofrimento, Jesus Cristo é o verdadeiro “Soberano dos reis da terra” (Ap 1.5), o Messias que veio cumprir as palavras dos antigos profetas.

Mas nada disso significa que o Apocalipse não tenha importância para nós que não estamos mais no primeiro século. As Escrituras continuamente mostram que eventos passados e profecias de eventos que já se cumpriram não tinham importância somente para aqueles que viveram na época em que aconteceram, mas que “tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso...”. (I Co 10.11) Por exemplo, Deus profetizou para Abraão que o povo de Israel seria escravizado pelos egípcios por quatrocentos anos e que depois disso os egípcios seriam julgados por Deus: “Então disse o Senhor a Abrão: Sabe com certeza que a tua descendência será

peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos; sabe também que eu julgarei a nação a qual ela tem de servir; e depois sairá com muitos bens”. (Gn 15.13-14) Mas a libertação de Israel da escravidão no Egito tinha importância não somente para a geração do Êxodo na qual a profecia se cumpriu, mas tem importância também para os judeus de todas as gerações e também para os cristãos. O juízo de Deus sobre o Egito era um exemplo para todas as gerações do que Deus faz contra povos ímpios. A libertação de Israel da escravidão do Egito é um exemplo para todas as gerações de como Deus liberta o seu povo e salva os oprimidos que clamam por ele. Da mesma forma, as cartas apostólicas do Novo Testamento foram escritas para igrejas específicas do primeiro século, com o objetivo de tratar de problemas específicos pelo qual eles estavam passando. Isso não significa que estas cartas não tenham qualquer valor pra nós agora. Ao contrário, as lições que as igrejas do primeiro século receberam dos apóstolos devem servir de base para todos os homens de todas as épocas. Da mesma forma a maior parte das visões do Apocalipse se cumpriram no passado, mas continuam servindo de exemplo e tendo uma aplicação importante para todos nós.

A verdade é que o Apocalipse seria irrelevante se ele fosse um livro somente sobre os últimos momentos da História do Mundo. Nesse caso, o livro estaria falando de coisas dos quais a Igreja nunca teria ideia do que era até a geração final. A Igreja, até a última geração ficaria a mercê de especulações vazias, sem meios de compreender ao que os símbolos se referem, pois até lá o significado das profecias permaneceriam indecifráveis. O Apocalipse seria irrelevante para todos os cristãos que vivessem antes desta última geração. Mas o Apocalipse é claro. Foi escrito de forma a ser compreendido por seus destinatários originais, “às sete igrejas que estão na Ásia” (Ap 1.4) para “mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”. (Ap 1.1) e confirmar a esperança dos seus servos em Jesus que “vem com as nuvens” não secretamente como acreditam os pre-tribulacionistas, mas de forma que “todo olho o verá” (Ap 1.7) Como

escreveu o Rev. David Chilton: “O Apocalipse fala poderosamente hoje e sua mensagem para nós é a mesma que era fora dada a Igreja primitiva: a de que não há um centímetro quadrado no céu, na terra ou debaixo da terra em que existe paz entre Cristo e Satanás”.[12]

[1] Um exemplo está na Epístola aos Hebreus: “Porque repreendendo-os, diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estabelecerei ... um Novo Pacto... Dizendo: Novo pacto, ele tornou antiquado o primeiro. E o que se torna antiquado e envelhece, perto está de desaparecer”.(Hebreus 8.8,13)A profecia do Novo Pacto foi dada por Jeremias mais de seis séculos antes de seu cumprimento com a vinda de Jesus Cristo. O argumento aqui é que quando Jeremias profetizou o estabelecimento de um Novo Pacto, ele estava indicando que o Pacto do Sinai estava se tornando velho e por isso estava perto de desaparecer. Mas se o desaparecimento só veio muitos séculos depois, segue-se que a palavra “perto” não pode estar sendo usada pelo autor pra se referir a proximidade sob uma perspectiva humana comum.

[2] Dn 12.4,9

[3] James Strong. Strong's Exhausted Concordance of the Bible.

[4] Muitos desconhecem a realidade deste período de transição, pois acreditam que foi imediata na crucificação de Jesus Cristo. De fato, o Novo Pacto foi imediatamente inaugurado com a morte de Jesus Cristo. Mas os apóstolos ainda precisavam articular as implicações disto e nem todos os crentes piedosos que viviam sob o Antigo Pacto ficaram sabendo de mediato que isso aconteceu. O centurião Cornelio é um exemplo claro. Ele já era um genuíno convertido antes de Pedro pregar para ele (At 10.1-2), mas ainda não sabia de Jesus Cristo e, portanto vivia como se o Novo Pacto ainda não tivesse sido estabelecido, com informação disponível somente aos santos do Antigo. Esta certamente era a situação de muitos por todo o Império Romano, especialmente entre os judeus. Por isso o período de transição era tão necessário. Isso explica também a preocupação e mesmo a possibilidade dos apóstolos em guardar as cerimônias da Lei em determinadas circunstâncias (cf. At 16.1-3; 21.23-25; I Co 9.20) No fim dos quarenta anos o templo foi destruído e com ele todo vestígio do Antigo Pacto. No decorrer deste livro essas questões serão discutidas com maiores detalhes.

[5] Evidentemente, ainda há muita perseguição contra o Cristianismo no mundo atual. Mas não me refiro aqui ao mundo inteiro, mas somente ao Ocidente onde perseguição física é raríssima. O ponto é que isso é uma benção imensurável de Deus e não podemos subestimá-la, pois é um privilégio que muitos cristãos, em muitos casos mais piedosos do que nós, não tiveram. Até quando o privilégio estará conosco, não temos meios de saber.

[6] At 4.3

[7] At 7.59

[8] At 8.1

[9] At 8.3

[10] Públio Cornelio Tácito (55 – 120 d.C.) foi um historiador, orador e político romano. Ocupou os cargos de questor, pretor, cônsul e procônsul da Ásia. É considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade.

[11] Públio Cornelio Tácito, *Annais*, XV.44.

[12] David Chilton. *Paradise Restored*. p. 31.

II

Segundo a Ordem de Melquisedeque

“João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça a vós e paz da parte daquele que é, e que era, e que há de vir... da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados... a ele seja glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém”. (Apocalipse 1.4-6)

O objetivo aqui é identificar Jesus Cristo com o Rei dos reis e Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque (cf. Ap 1.5; Sl 110.1,4). No Antigo Testamento, reis não eram sacerdotes e sacerdotes não eram reis. Tinham funções distintas, com finalidades diferentes, apesar de estarem igualmente subordinados aos mandamentos da Lei de Deus. Mas os dois ofícios continham a substancia daquilo que se cumpriria em Jesus Cristo.

É importante lembrar que o estabelecimento da monarquia em Israel foi reconhecido por Deus como um ato de apostasia e rebelião: “Então todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram ter com Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos. Constitui-nos, pois, agora um rei para nos julgar, como o têm todas as nações. Mas pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei para nos julgar. Então Samuel orou ao Senhor. Disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do

povo em tudo quanto te dizem, pois não é a ti que têm rejeitado, porém a mim, para que eu não reine sobre eles”. (I Sm 8.4-7) Deus havia deixado muito claro para Israel que sua Lei estabelecia um padrão de moral e de justiça absolutamente soberano tudo o que havia entre os gentios: “Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o é a nós o Senhor nosso Deus todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e preceitos tão justos como toda esta Lei que hoje ponho perante vós?” (Dt 4.7-8) A essência do pecado de Israel foi a inveja dos pagãos e o ardente desejo de estabelecer um sistema político segundo o padrão deles. O profeta Oséias escreveu sobre a ira de Deus em reação a isso: “Onde está agora o teu rei, para que te salve em todas as tuas cidades? e os teus juízes, dos quais disseste: Dá-me rei e príncipes? Dei-te um rei na minha ira” (Os 13.10-11).

O primeiro rei de Israel foi Saul. Ele foi sucedido por Davi. Depois de Saul, todos os reis deveriam vir da tribo de Judá, especificamente da descendência de Davi: “Fiz um pacto com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi: Estabelecerei para sempre a tua descendência, e firmarei o teu trono por todas as gerações”. (Sl 89.3-4) “Assim diz o Senhor: Se o meu pacto com o dia e com a noite não permanecer, e se eu não tiver determinado as ordenanças dos céus e da terra, também rejeitarei a descendência de Jacó, e de Davi, meu servo, de modo que não tome da sua descendência os que dominem” (Jr 33.25-26).

Isso conduz à seguinte questão: se o estabelecimento da monarquia em Israel foi reconhecido por Deus como um ato de apostasia e rebelião, por que Deus jurou que faria a descendência de Davi reinaria eternamente? A mera existência de reis em Israel não era contrária a sua vontade expressa? Por que ele não prometeu abolir em vez de perpetuar? Porque por meio da descendência de Davi, o próprio Deus reina na pessoa de Jesus Cristo. Quanto a sua natureza humana, Jesus Cristo “nasceu da descendência de Davi” (Rm 1.3)

Mas simultaneamente, Jesus Cristo é “Deus bendito eternamente” (Rm 9.5)[1].

Em sua primeira epístola aos Coríntios, o Apóstolo Paulo escreveu com clareza sobre o significado e as implicações do Reino de Cristo:

“Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte”. (I Coríntios 15.25-26)

O Apóstolo Paulo cita o Salmo 110 pra falar do Reino de Cristo: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés”. (Sl 110.1) Este é o texto do Antigo Testamento mais mencionado no Novo Testamento[2]. É uma clara referência a ascensão de Jesus Cristo ao céu após sua ressurreição: “Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus”. (Mc 16.19) Mediante sua morte, ressurreição e ascensão Jesus Cristo foi estabelecido como o absoluto soberano sobre todas as coisas:

“E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” (Mateus 28.18-19).

“Segundo a operação da força do seu poder, que [Deus] operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés” (Efésios 1.19-22).

“Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que

também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor”. (Filipenses 2.5-11)

É importante notar também que o Novo Testamento sempre reconhece a morte de Cristo como o meio pelo qual seu Reino foi estabelecido. É por isso que o Salmo 110 não fala somente de seu reino, mas também de seu sacerdócio: “Jurou o Senhor, e não se arrepende: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”. (Sl 110.4) Isto indica uma mudança radical em relação ao Antigo Pacto. Sob o Antigo Pacto, reis não eram sacerdotes e sacerdotes não eram reis. Mas sob o Novo Pacto, Jesus Cristo é encarregado dos dois ofícios simultaneamente.

Sob o Antigo Pacto, a função primária dos sacerdotes era administrar o serviço religioso. Eles ensinavam a Lei e administravam os rituais como a circuncisão e os sacrifícios. Eram exclusivamente homens da tribo de Levi: “Então disse o Senhor a Moisés: Faze chegar à tribo de Levi, e põe-nos diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam; eles cumprirão o que é devido a ele e a toda a congregação, diante da tenda da revelação, fazendo o serviço do tabernáculo; cuidarão de todos os móveis da tenda da revelação, e zelarão pelo cumprimento dos deveres dos filhos de Israel, fazendo o serviço do tabernáculo. Darás, pois, os levitas a Arão e a seus filhos; de todo lhes são dados da parte dos filhos de Israel” (Números 3.5-9).[3] Qualquer outro era terminantemente proibido de exercer o ofício sacerdotal. Vemos isso claramente na vida de Saul:

“Esperou, pois, sete dias, até o tempo que Samuel determinara; não vindo, porém, Samuel a Gilgal, o povo, deixando a Saul, se dispersava. Então disse Saul: Trazei-me aqui um holocausto, e ofertas pacíficas. E ofereceu o holocausto. Mal tinha ele acabado de oferecer o holocausto, eis que Samuel chegou; e Saul lhe saiu ao encontro, para o saudar. Então perguntou Samuel: Que fizeste?

Respondeu Saul: Porquanto via que o povo, deixando-me, se dispersava, e que tu não vinhas no tempo determinado, e que os filisteus já se tinham ajuntado em Micmás, eu disse: Agora descerão os filisteus sobre mim a Gilgal, e ainda não aplaquei o Senhor. Assim me constrangi e ofereci o holocausto. Então disse Samuel a Saul: Procedeste nesciamente; não guardaste o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou. O Senhor teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre; agora, porém, não subsistirá o teu reino; já tem o Senhor buscado para si um homem segundo o seu coração, e já o tem destinado para ser príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou”. (I Samuel 13.8-14)

Saul não era um sacerdote e era um benjamita. Portanto, ele não tinha o direito de oferecer sacrifícios e por isso foi condenado por Deus: “Porque todo sumo sacerdote tomado dentre os homens é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus... E por esta razão deve ele, tanto pelo povo como também por si mesmo, oferecer sacrifício pelos pecados. Ora, ninguém toma para si esta honra, senão quando é chamado por Deus, como o foi Arão”. (Heb 5.1-4) Isso explica porque Jesus não poderia ser reconhecido como sacerdote sob o Antigo Pacto. Sob o Antigo Pacto, os sacerdotes deveriam vir exclusivamente da tribo de Levi. Jesus Cristo era da tribo de Judá e não de Levi. Por isso o Salmo diz que ele seria estabelecido como “sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”. (Sl 110.4)

O livro de Gênesis fala sobre Melquisedeque: “Ora, Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; pois era sacerdote do Deus Altíssimo”. (Gen 14.18) Diferente da distinção de ofícios que o Antigo Pacto faria, Melquisedeque era rei e sacerdote simultaneamente. É por isso que o Salmo 110 diz que Jesus Cristo seria sacerdote segundo a ordem dele. Jesus Cristo seria rei e sacerdote ao mesmo tempo: “Porque aquele, de quem estas coisas se dizem, pertence a outra tribo, da qual ninguém ainda serviu ao altar,

visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo da qual Moisés nada falou acerca de sacerdotes. E ainda muito mais manifesto é isto, se à semelhança de Melquisedeque se levanta outro sacerdote” (Hebreus 7.13-15).

Uma das principais responsabilidades dos sacerdotes levitas era o de administrar os sacrifícios de animais no templo. Mas Jesus Cristo ofereceu a si mesmo como sacrifício na cruz. Os animais sacrificados pelos sacerdotes levitas não tinham em si mesmos a capacidade de efetuar a expiação pelos pecados do homem: “Porque tendo a Lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam”. (Heb 10.1) Estes sacrifícios somente sombras do sacrifício expiatório na cruz do verdadeiro Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Se os sacrifícios fossem em si mesmos eficazes para resolver o problema do pecado humano, não haveria a necessidade de serem repetidos continuamente. A necessidade de repetição testemunhava para sua própria ineficácia:

“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus; que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo”. (Hebreus 7.26-27)

Os sacrifícios eram representações proféticas da expiação de Jesus, tendo a sua eficácia derivada dele somente. Ainda que Jesus Cristo não tivesse nascido ou sido crucificado, aqueles que viveram antes dele poderiam ter acesso aos méritos de sua morte por meio do sistema sacrificial.

O duplo ofício de Jesus Cristo com Rei e Sacerdote é crucial para que ele cumpra sua missão de restaurar o que foi perdido em Adão e que Israel posteriormente não conseguiu cumprir. Em Adão, a

humanidade se rebelou contra Deus. Sendo assim, a restauração da humanidade exige a expiação de pecados. O Reino de Deus não poderia ser estabelecido sobre sua Criação sem que Jesus Cristo – nosso Sumo Sacerdote – nos libertasse de nossos pecados. Por meio de Jesus Cristo, toda oposição a Deus é destruída até que todas as coisas serão completamente submetidas a ele, de maneira que o reino seja entregue em completa subordinação a Deus o Pai:

“Pois como todos em Adão morrem, do mesmo modo todos em Cristo serão vivificados. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda. Então virá o fim quando ele entregar o reino a Deus o Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e todo poder. Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte”. (I Coríntios 15.22-26)

Aqui o Apóstolo Paulo explicou que o processo de restauração não seria imediato, mas progressivo. Ele diz que “é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos de baixo de seus pés” (I Co 15.24). O Reino de Cristo começou quando ele subiu aos céus e foi entronizando a direita do Pai. Desde então, ele está progressivamente derrotando seus inimigos. Somente no fim da História é que Jesus Cristo terá “destruído todo domínio e toda autoridade e todo poder” (v.24). Além disso, Paulo identificou qual seria o último inimigo que seria derrotado: “Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte”. (I Co 15.22-26) Se é o último, não poderá haver outros depois. Se houvessem outros depois, não seria o último. O último inimigo que será destruído será a morte. Isso acontecerá na ressurreição do último dia, na Segunda Vinda de Cristo:

“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível

se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (I Coríntios 15.51-55)

“Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”. (João 5.28-29)

“E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia”. (João 6.39)

“Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”. (I Tessalonicenses 4.16)

Após a Segunda Vinda não poderá haver outros inimigos a serem derrotados, pois significará a derrota do último inimigo. Na Segunda Vinda, Jesus Cristo terá “destruído todo domínio e toda autoridade e todo poder” (I Co 15.24). A Segunda Vinda de Cristo marcará o fim do tempo, da história, o fim do mundo.

A vasta maioria dos cristãos contemporâneos acredita que quanto mais o fim da História se aproxima, mais devemos esperar que as coisas fiquem progressivamente piores em todos os aspectos da vida até que Jesus volte para nos salvar de toda destruição. Esta tem sido a mensagem incessante dos teólogos mais influentes de nossos dias. Mas o que Paulo nos ensinou aos Coríntios é exatamente oposto a isso. O que ele ensinou é que devemos esperar que antes da Segunda Vinda, os inimigos de Deus e do Evangelho sejam progressivamente submetidos a Jesus Cristo. O que devemos esperar é que o Reino de Deus cresça e se expanda até que chegue ao seu auge na ressurreição

dos mortos. Como o próprio Jesus ensinou: “o reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos”. (Mateus 13.31-32) E também: “o reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado”. (Mateus 13.33) O que devemos esperar para o futuro não é que as coisas fiquem progressivamente piores em todos os aspectos da vida, mas é que todas as coisas fiquem progressivamente melhores mediante a expansão do Evangelho. A contínua existência de pecado e maldade no mundo não deve nos levar a concluir que Jesus Cristo ainda não começou a reinar. Deve nos levar a concluir somente que o Reino de Jesus Cristo ainda não chegou a sua consumação final. A consumação final será simplesmente o cumprimento final do pacto do domínio estabelecido por Deus com a humanidade inteira em Adão. Israel invalidou o pacto da mesma forma que Adão (cf. Os 6.7). Mas por Jesus Cristo foi estabelecido um Novo Pacto que de maneira nenhuma será invalidado.

[1] O Concílio de Calcedônia em 451 A.D. declarou com bastante clareza a verdade da dupla natureza de Jesus Cristo: “Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à Divindade, perfeito quanto à Humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado”.

[2] Mt 22.44; Mc 12.44; Lc 20.42-43; At 2.34; Ef 1.22; I Co 15.25; Hb 1.13; Hb 10.12-13.

[3] A tenda da revelação foi posteriormente substituída pelo Templo por Salomão. Não havia diferença substancial entre os dois. A diferença era principalmente estética. O que levou Davi a desejar a construção do templo foi sua percepção de que a tenda era esteticamente indigna daquilo que representava: “disse ele ao profeta Natã: Eis que eu moro numa casa de cedro, enquanto que a arca de Deus dentro de uma tenda”. (II Samuel 7.2)

III

Um Sacrifício Vivo

“... e nos fez reino, sacerdotes para Deus, seu Pai, a ele seja glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém”. (Apocalipse 1.6)

O objetivo aqui é identificar toda a Igreja como um sacerdócio real como extensão do sumo sacerdócio de Cristo. O que é dito aqui da Igreja era o que já havia sido dito de Israel no preâmbulo da Lei: “Vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel”. (Êx 19.6) Isso mostra que não devemos entender que a vocação de Deus para Seu povo sob o Novo Pacto seja substancialmente diferente da vocação de Deus sob o Pacto Mosaico. O Novo Pacto não institui um propósito diferente para o povo de Deus, mas simplesmente capacita o povo a cumprir aquilo que já havia sido exigido de Israel.

De que maneira somos feitos sacerdotes e reis? Por nosso novo nascimento. A Bíblia ensina que desde o pecado de Adão todos nascem mortos. Não biologicamente mortos, mas espiritualmente mortos:

“Eis que eu nasci em iniquidade, e em pecado me concedeu minha mãe”. (Salmo 51.5)

“Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, proferindo mentiras”. (Salmo 58.3)

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram”. (Romanos 5.12)

“Todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira...” (Efésios 2.3)

É por isso que Jesus ensinou a Nicodemos que nosso nascimento biológico não nos garante a entrada no Reino de Deus. “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”. (João 3.3) O segundo nascimento não é da mesma natureza que o primeiro. O primeiro é biológico. O segundo é espiritual. No primeiro, nos tornamos filhos de nossos pais e, portanto, herdeiros do pecado original. No novo nascimento nos tornamos filhos de Deus: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”. (João 1.11-13) A Bíblia também se refere a este novo nascimento como uma ressurreição:

“Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos de desobediência, entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo”. (Efésios 2.1-5)

“Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida”. (João 5.24)

Haverá a ressurreição corporal no fim do mundo. Mas antes disso, há a ressurreição espiritual na história – o novo nascimento. Assim como todos nascem biologicamente, todos ressuscitarão corporalmente. Todavia, nem todos ressuscitam espiritualmente. Os que ressuscitam espiritualmente ressuscitarão corporalmente para a vida eterna. Já os que ressuscitarão corporalmente sem na história ressuscitarem espiritualmente sofrerão a morte eterna no tormento eterno:

“Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”. (João 5.28-29)

É sobre nosso novo nascimento que o Apocalipse fala quando diz que Cristo “nos fez reino, sacerdotes para Deus, seu Pai”. (Ap 1.6) Os sacerdotes levitas efetuavam sacrifícios de animais. Mas Jesus Cristo ofereceu a si mesmo como sacrifício na cruz tendo ressuscitado no terceiro dia. Assim também, o Apóstolo Paulo falou daqueles que estão em Cristo como sacrificando a si mesmo:

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”. (Gálatas 2.20)

“Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. (Romanos 6.4)

“Tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos; e a vós, quando estáveis mortos nos vossos

delitos e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoadando-nos todos os delitos”. (Colossenses 2.12-13)

Assim como Jesus Cristo ofereceu a si mesmo como sacrifício, nós também somos espiritualmente sacrificados para vivermos uma nova vida com Deus. Não é um sacrifício literal, da mesma forma que nosso novo nascimento não é literal. É o sacrifício de nossa vida de rebelião contra Deus:

“...vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo”. (I Pedro 2.5)

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. (Romanos 12.1-2)

Da mesma forma que as Escrituras revelam que o sacerdócio de Cristo foi o meio pelo qual seu Reino foi estabelecido, o Apocalipse revela que é por nosso sacrifício vivo de entrega a Deus que ele “nos fez reino”. O sacerdócio real do cristão é um chamado para manifestar o Reino de Deus sobre a terra.

Apesar de não se tratar primariamente de um sacrifício literal, a resistência do cristão a mentalidade iniqua no meio em que vive poderá literalmente lhe custar à vida. Era um risco constante para a maioria dos cristãos no primeiro século. A vasta maioria dos cristãos que vive no Ocidente do século XXI não tem condições de sequer começar a imaginar o que isso significa. Mas ainda é um perigo constante para muitos cristãos em muitas partes do mundo. A virtude do mártir não está na morte em si mesma. Morrer não é em si mesmo virtuoso. “Pois, que glória é essa, se, quando cometeis pecado e sois

por isso esbofeteados, sofreis com paciência? Mas se, quando fazeis o bem e sois afligidos, o sofreis com paciência, isso é agradável a Deus”. (I Pd 2.20) A essência da corrupção, seja nas coisas mínimas, seja nas coisas grandes, consiste na noção de que o bem estar é mais importante do que a obediência e fidelidade ao que é certo e justo. A virtude do mártir consiste na sua fidelidade incondicional ao que é certo ainda que isso lhe custe a própria vida. É neste sentido que a Bíblia fala de conversão e santificação como um martírio. Ainda que uma minoria seja literalmente martirizada, todos são chamados ao espírito do martírio: a fidelidade incondicional a Deus ainda que isso custe o nosso bem estar. As Escrituras louvam os mártires não simplesmente por morrer, mas porque “eles venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte”. (Ap 12.11) Se isso precisa valer até mesmo em circunstâncias que custam nossas vidas, quanto mais em coisas menores que enfrentamos todos os dias? Que sejamos dignos de honrar nosso sacerdócio real.

IV

Luz do Mundo

“E ouvi por detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas: a Efeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia. E voltei-me para ver quem falava comigo. E, ao voltar-me, vi sete candeeiros de ouro, e no meio dos candeeiros, um semelhante a Filho de Homem...” (Apocalipse 1.10-13)

O objetivo aqui é identificar a Igreja como a luz do mundo. Jesus Cristo explicou o significado dos candeeiros de ouro: “... os sete candeeiros são as sete igrejas”. (Apocalipse 1.20) São os destinatários originais do livro, as “sete igrejas que estão na Ásia”. (Ap 1.4) As sete igrejas eram igrejas reais. Sabemos disso por que o Apocalipse especifica que as igrejas eram localizadas na Ásia além de especificar a cidade em que cada igreja era localizada. Ao mesmo tempo, devemos lembrar que por toda a Bíblia o número sete indica algum tipo de simbolismo. No Apocalipse há sete cartas para sete igrejas (2-3), sete selos (6-7), sete trombetas (8-11), sete taças (16) e sete bem-aventuranças (1.3, 14.13, 16.15, 19.9, 20.6, 22.7, 22.14). Na Bíblia, o número sete indica plenitude qualitativa. Apesar de terem sido igrejas reais, as sete igrejas do Apocalipse apontam também para a Igreja de Jesus Cristo em sua plenitude. Tudo o que foi dito as sete igrejas não é dito somente pra elas, mas pra toda a Igreja, de todos os tempos. Um fato interessante é que o Apóstolo Paulo também escreveu suas epístolas a sete igrejas: Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses.

As sete igrejas foram descritas como candeeiros para indicar que a Igreja não tem uma luz que seja propriamente sua. Candeeiros são somente instrumentos pelo qual a luz se propaga. Jesus Cristo falou mais sobre isso no Sermão da Montanha:

“Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se há de restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem os que acendem uma candeia a colocam debaixo do alqueire, mas no velador, e assim ilumina a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus. Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”. (Mateus 5.13-20)

Na analogia de Jesus o sal, a candeia e a cidade representam os homens. O sal pode salgar ou ser insípido e a candeia pode iluminar ou ser escondida. O sabor do sal, a iluminação da candeia e da cidade situada sobre o monte são equivalentes a “boas obras” (v. 16) que os homens podem vir a praticar. Já o sal insípido e a luz escondida são equivalentes aos operadores da iniquidade que “para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens” (v.13).

Diferentes pessoas definem o bem e o mal de diferentes maneiras. Mas isso é somente consequência da ruína de Adão. A essência de todo e qualquer pecado consiste na ideia de que o homem possa

estabelecer as suas próprias palavras, o próprio julgamento, a própria opinião, no lugar da Palavra de Deus. Em resposta a isso, Jesus avisou: “Não penseis que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da Lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido” (v. 19). O bem e o mal não podem ser definidos por homens porque o homem não é Deus. O bem e o mal são definidos pela Lei de Deus.

A noção da Lei como padrão pra distinguir o bem do mal foi posteriormente ensinada pelo Apóstolo Paulo: “eu não conheci o pecado senão pela Lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a Lei não dissesse: Não cobiçarás”. (Rm 7.7) E também: “o que vem pela Lei é o pleno conhecimento do pecado”. (Rm 3.20) O Apóstolo João ensinou o mesmo: “o pecado é a transgressão da Lei”. (I João 3.4) A Lei nos revela o que é justo e o que é injusto, o que é certo e o que é errado, o que é o bem e o que é o mau, o que é pecado e o que não é. Quando a Lei diz “não cobiçarás”, está revelando que a concupiscência é imoral. O mesmo é válido para todo o resto.

É por isso que a Bíblia diz que a desobediência a Lei é a característica das pessoas carnis (Rm 8.7), que o prazer e a meditação na Lei do Senhor é a característica dos justos (Sl 1.2), que a Lei do Senhor no coração é o que faz dos homens justos e sábios (Sl 37.31), que são bem aventurados aqueles que andam na Lei do Senhor (Sl 119.1), que são soberbos aqueles que não andam segundo a Lei (Sl 119.85), que os que abandonam a Lei acabam louvando a maldade dos ímpios (Pv 28.4) e que Deus reconhece como abominável até mesmo a oração daqueles que não ouvem a Lei (Pv 28.9).

O homem como sal e luz remete a posição original de Adão quando foi criado por Deus. O homem foi criado pra dominar e governar a terra, conforme as habilidades e características concedidas a ele por Deus. O homem foi criado pra ser o sal da terra e a luz do mundo. Como Salvador do mundo, Jesus Cristo veio restaurar a

humanidade ao seu propósito original. Por isso Jesus começou seu ministério publico “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. (Mateus 4.17) No sermão da montanha, Jesus marcou o início de seu ministério público chamando os homens a se a se voltarem em arrependimento para a Lei de Deus.

A comparação dos que guardam a Lei de Deus com a luz já havia sido feita no Antigo Testamento: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”. (Pv 4.18) “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho”. (Sl 119.105) “À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles” (Is 8.20) A ideia de que o povo de Deus deveria instruir as nações na Lei de Deus também já estava no Antigo Testamento:

“Guardai-os e observai-os, porque isso é a vossa sabedoria e o vosso entendimento à vista dos povos, que ouvirão todos estes, estatutos, e dirão: Esta grande nação é deveras povo sábio e entendido. Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o é a nós o Senhor nosso Deus todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e preceitos tão justos como toda esta lei que hoje ponho perante vós? Tão-somente guarda-te a ti mesmo, e guarda bem a tua alma, para que não te esqueças das coisas que os teus olhos viram, e que elas não se apaguem do teu coração todos os dias da tua vida; porém as contarás a teus filhos, e aos filhos de teus filhos”. (Deuteronômio 4.6-9)

A Lei de Deus dá entendimento e sabedoria. É por isso que o primeiro Salmo chama de bem aventurado aquele que medita na Lei de Deus (Sl 1.2). Isso pressupõe que para compreender o significado da Lei não basta simplesmente ler os mandamentos. É necessário refletir e meditar sobre cada mandamento pra então compreender e extrair as reais implicações do que ele diz. Quanto maior for a meditação, maior será o entendimento; maior será a capacidade de discernir o bem e o mal. Como diz o Salmo 119: “Oh! quanto amo a

tua Lei! ela é a minha meditação o dia todo. O teu mandamento me faz mais sábio do que meus inimigos, pois está sempre comigo. Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, porque os teus testemunhos são a minha meditação”. (Sl 119.97-99)

A necessidade de meditação existe porque o propósito da Lei não é revelar diretamente todas as circunstâncias possíveis em que é necessário discernir o bem e o mal. Não há dúvidas de que “vem pela Lei é o pleno conhecimento do pecado”. (Rm 3.20) Mas isso não é sempre diretamente. Muitas vezes é indiretamente. A obrigação de obedecer ao que a Lei diz não se refere exclusivamente ao que é dito explicitamente, mas também ao que é uma conclusão lógica e necessária do que é dito explicitamente. Por isso é necessário meditação. Pra extrair todas as implicações do que cada mandamento diz. Segue dois exemplos pra deixar claro como isso funciona:

I) “Os presbíteros que governam bem sejam tidos por dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino. Porque diz a Escritura: Não atarás a boca ao boi quando debulha. E: Digno é o trabalhador do seu salário”. (I Timóteo 5.17-18)

Aqui o Apóstolo Paulo explicou que os líderes da igreja têm o direito de ser economicamente sustentados pelo trabalho que exercem. Ele cita dois textos bíblicos pra provar que o direito é real. O primeiro é um mandamento da Lei. “Não atarás a boca ao boi quando estiver debulhando”. (Deu 25:4) O segundo está no Evangelho de Lucas (Lc 10.7). Mas o mandamento da Lei fala de boi. Não fala nada sobre presbíteros. Como o Apóstolo Paulo poderia ter usado isso como base pra provar que os líderes da igreja têm o direito de ser economicamente sustentados? Porque a obrigação de obedecer ao que a Lei diz não se refere exclusivamente ao que é dito explicitamente, mas também ao que é uma conclusão lógica e necessária do que é dito explicitamente. Explicitamente, a Lei diz que quando o boi trabalha ele tem o direito de ser alimentado. O boi não

pode ser explorado. O boi tem direito ao seu “salário”. Mas os homens tem mais valor do que qualquer animal (cf. Mt 10.31, Lc 12.7). Consequentemente, um homem tem muito mais direito ao seu salário do que o boi tem o direito de ser alimentado. Segue-se então que o mandamento sobre não atar a boca do boi nos ensina que os presbíteros têm o direito de ser economicamente sustentados. E pra chegar a esta conclusão não basta simplesmente ler. É necessário refletir e meditar. “Bem-aventurado o homem que... tem seu prazer na Lei do Senhor, e na sua Lei medita de dia e noite”. (Sl 1.1-2)

II) “Quando edificares uma casa nova, farás no terraço um parapeito, para que não tragas sangue sobre a tua casa, se alguém dali cair”. (Dt 22:8)

Aqui Deus fala sobre a construção de um terraço em uma casa nova. O terraço não poderia ser construído de forma a trazer riscos de vida. A construção não poderia ser perigosa. O texto fala exclusivamente da construção de uma casa e não de qualquer outra construção. Mas se obrigação de obedecer ao que a Lei se refere também ao que é uma conclusão lógica e necessária do que é dito explicitamente, devemos entender que este mandamento faz uma exigência a toda construção e a qualquer situação em que as pessoas podem ser colocadas em risco de vida. A essência do mandamento é dizer que devemos zelar pela segurança de nosso próximo. O parapeito no terraço é somente uma aplicação circunstancial deste princípio. Mas isso não é dito explicitamente. Pra chegar a esta conclusão não basta ler. É necessário meditar. Quanto maior a meditação, maior o entendimento; maior a capacidade de discernir o bem e o mal.

A necessidade de meditar na Lei nos leva a necessidade de compreender a estrutura da Lei. A necessidade de refletir e meditar na natureza de cada mandamento pressupõe a necessidade de compreender como cada mandamento se relaciona com os demais. Por vezes demais ímpios e crentes encaram os mandamentos bíblicos

como uma mera lista de proibições desconexas cujo único objetivo aparente é nos privar de ser feliz. O motivo principal que faz a maioria pensar assim é que encaram os mandamentos da maneira isolada, não refletem na relação dos mandamentos nem nas implicações dos mandamentos para o bom funcionamento de toda Criação. O fato é que nenhuma proibição Divina existe arbitrariamente, mas é sempre a proteção de valores que foram positivamente estabelecidos por Deus. A proibição do homicídio, por exemplo, existe pra proteger a vida humana. Já a proibição do adultério existe pra proteger a instituição do casamento.

Pra começar a entender, precisamos considerar o que Jesus ensinou sobre os mandamentos mais importantes da Lei:

“Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”.(Mateus 22.36-40)

Muitos acreditam que estes dois mandamentos foram inaugurados por Jesus. Mas isso não é verdade. Jesus foi interrogado sobre o grande mandamento na Lei. E ele respondeu citando a Lei: “Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te”. (Dt 6.4-7) “Não odiarás a teu irmão no teu coração; não deixarás de repreender o teu próximo, e não levarás sobre ti pecado por causa dele. Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor”. (Lv 19.17-18) Jesus ensinou que toda a Lei e os Profetas são logicamente dependentes destes dois mandamentos. Isso significa que nenhum

mandamento da Lei pode jamais ser entendido como contrário ao amor. Isso significa que todos os mandamentos da Lei precisam ser entendidos como aplicações do amor.

Diferentes pessoas definem o amor de diferentes maneiras. O que a Lei nos dá é a definição Divina do amor. Mas a definição do amor não é estabelecida pelo homem. O amor não é qualquer sentimentalismo humano baseado em sua mera preferência pessoal. O verdadeiro amor é definido unicamente pela Lei de Deus:

“A ninguém devais coisa alguma, senão o amor recíproco; pois quem ama ao próximo tem cumprido a Lei. Com efeito: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De modo que o amor é o cumprimento da Lei”. (Rm 13.8-10)

Aqui o Apóstolo Paulo nos dá uma pista importância para compreender a estrutura da Lei. Jesus ensinou que “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.17-18) é o segundo mais importante mandamentos e que os demais mandamentos que regem as relações humanas precisam ser entendidos como logicamente dependentes deste. O que o Apóstolo faz aqui é a aplicação deste princípio para explicar a proibição do adultério, do assassinato, do roubo e da cobiça. O mandamento de amar o próximo é uma exigência ampla. E as proibições de adulterar, assassinar, roubar e cobiçar definem o que o amor ao próximo significa. Se amamos então não assassinamos, não roubamos, não adulteramos nem cobiçamos o que é seu. Não inclui somente estas coisas, é claro. Há outros mandamentos que definem a relação interpessoal que poderíamos citar como derivados destes. Mas o ponto é que o significado do amor ao próximo é definido pela totalidade dos mandamentos que tratam do relacionamento interpessoal. Para entender o que o amor ao próximo significa, precisamos meditar sobre a natureza de cada mandamento a luz do maior. Isso não é

verdadeiro somente para o mandamento de amar o próximo, mas também para a definição do que significa amar a Deus.

A importância disso não pode ser subestimada. A objetividade da Lei de Deus é a única coisa que pode impedir que o homem seja entregue ao engano da subjetividade, do sentimentalismo de seu próprio coração. Um casal homossexual, por exemplo, poderá argumentar que eles têm o direito de casar porque eles se amam. E um adúltero poderá argumentar que ele trai sua esposa porque ele ama sua amante. Sem a objetividade da Lei de Deus, qualquer um define amor como bem entende.

É natural que todo cristão e toda igreja de alguma maneira fale da necessidade de santificação. Mas simplesmente mencionar a palavra santificação é fácil. Dizer que é preciso obedecer a Deus também é fácil. Até os escribas e fariseus falavam nisso. O grande teste é esse: Qual é o padrão usado pra definir o que é pecado e o que não é? Santificação significa viver em obediência a Deus. Mas qual é o padrão usado pra definir o que é justo e injusto, o que é pecado e o que é virtude? “Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”. (Mt 5.20) Sem a objetividade da Lei de Deus, somos entregues as tradições humanas, ao sentimentalismo, ao misticismo e a tudo o que o coração corrompido do homem for capaz de inventar. Faça o teste na sua Igreja: você ouve explicações detalhadas sobre o significado e aplicação da Lei de Deus com a mesma frequência que ouve falar em santidade e obediência? E não basta falar de amor. Qualquer bêbado, homossexual ou feiticeiro é capaz de falar em amor. Com que frequência você ouve o significado do amor sendo definido com objetividade pelos mandamentos de Deus? Se não ouve, há grandes riscos que sejam meros mandamentos humanos, mas não obediência a Deus.

Quando meditamos na Lei continha diversos mandamentos, ritos, costumes e cerimônias que eram somente sombras e tipos que

apontavam para uma situação temporária em Israel, mas que se cumpriram com a vinda de Jesus Cristo. Um exemplo disso são os sacrifícios de animais. Estes animais sacrificados não tinham em si mesmos a capacidade de efetuar qualquer purificação ou expiação pelos pecados:

“Porque tendo a Lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam”. (Hebreus 10.1)

Estes sacrifícios somente sombras do sacrifício expiatório na cruz do verdadeiro Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Com a vinda de Jesus Cristo não foi anulado aquilo que as cerimônias significavam. O sacrifício animal significava a remissão dos pecados. Mas os homens continuam recebendo remissão dos pecados. Apesar disso, nós não estamos mais sob a obrigação de sacrificar animais. O que o rito significava se cumpriu em Cristo. A essência do rito continua conosco, mas foi abolida sua observância externa. Isso é verdade não só para o sacrifício animal, mas pra todas as cerimônias da Lei:

“...e tendes a vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade, no qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos; e a vós, quando estáveis mortos nos vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoadando-nos todos os delitos; e havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz; e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz. Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo”. (Colossenses 2.10-17)

Não estamos mais sob a obrigação de guardar as festas judaicas, de guardar o sábado ou de deixar de comer coisas como a carne de porco ou camarão. Tais coisas eram sombras que se cumpriram em Cristo. Mas isso não significa que a Lei tenha de alguma forma sido anulada. “Anulamos, pois, a lei pela fé? De modo nenhum; antes estabelecemos a Lei”. (Rm 3.31) Apesar de não haver continuidade das cerimônias e ritos da Lei, ela não é anulada porque nós temos em Cristo o cumprimento do que tais ritos e cerimônias significavam. Aquilo que era revelado em sombras, nós agora temos revelado em toda plenitude por Jesus Cristo. Como Jesus tinha dito no sermão da montanha: “Não penseis que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir”. (Mt 5.17) Sobre isso, João Calvino comentou:

“Mas agora que a coisa em si é dada para nós, não deve descansar por mais tempo nas sombras. De fato, a Lei não é abolida (Mateus 5.18; Efésios 2,15; Colossenses 1.14, 17); por isso temos de manter agora a substância e a verdade dela. Assim, a sombra é eliminada pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo...”[1]

Aos Colossenses, Paulo citou como sombra: a circuncisão, as leis dietéticas, os sábados e as festas judaicas. Ele não cita aqui o sistema de sacrifícios, mas o princípio é o mesmo porque, como já vimos, a carta aos Hebreus fala dos sacrifícios (entre outros rituais da Lei) como sombras (cf. Heb 8.3-6,10.1). Isso deixa claro que a circuncisão, as leis dietéticas, os sábados e as festas judaicas estão na mesma categoria do sistema sacrificial. Apontavam para uma realidade que já se cumpriu com a vinda de Cristo e por isso não temos a obrigação de guardar tais coisas se possuímos a Cristo para quem tais coisas apontavam. Isso não significa que a Lei é anulada, pois a substância do que tais coisas significavam continuam conosco tendo se cumprido, ainda que sem os mesmos sinais externos, pois eram somente sombras. A Confissão Belga resume isso com clareza:

“Cremos que as cerimônias e figuras da Lei terminaram com a vinda de Cristo e que, assim, todas as sombras chegaram ao fim. Por isso, os cristãos não devem mais usá-las. Contudo, para nós, sua verdade e substância permanecem em Cristo Jesus, em quem têm seu cumprimento”. [2]

Em vez de refletir e meditar na Lei de Deus pra compreender e extrair as reais implicações do que ela diz, os escribas e fariseus estavam continuamente buscando meios de anular a obrigação de cumpri-la. Eram reconhecidos como os grandes mestres da Lei em Israel. Mas na realidade eram os grandes transgressores:

“Então chegaram a Jesus uns fariseus e escribas vindos de Jerusalém, e lhe perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? pois não lavam as mãos, quando comem. Ele, porém, respondendo, disse-lhes: E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? Pois Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e, Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, certamente morrerá. Mas vós dizeis: Qualquer que disser a seu pai ou a sua mãe: O que poderia aproveitar de mim é oferta ao Senhor; esse de modo algum terá de honrar a seu pai. E assim por causa da vossa tradição invalidastes a palavra de Deus. Hipócritas! bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homem”. (Mateus 15.1-9)

A Lei de Deus manda que o homem honre seu pai e sua mãe. Isso é uma obrigação tão séria que Jesus citou aqui o fato de que amaldiçoar (invocar imprecações contras eles) os pais era um crime passivo pena capital: “Qualquer que amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, certamente será morto; amaldiçoou a seu pai ou a sua mãe; o seu sangue será sobre ele”. (Lv 20.9) A honra em questão envolvia a necessidade de sustentar os pais nos momentos de dificuldade financeira, especialmente na velhice. Mas os escribas e fariseus negligenciavam isso em nome de uma “causa santa”. Aquilo que seria usado pra

sustentar seus pais era ofertado a Deus. Por ser uma oferta a Deus, acreditavam que estavam fazendo algo sublime. Mas Jesus não mediu palavras “Hipócritas!”. Obedecer a Deus significa fazer o que sua Lei manda e não inventar votos e ofertas por tradições que nos impedem de cumprir o que sua Lei manda. O que os escribas e fariseus mais queriam era uma demonstração pública do quanto eram piedosos e espirituais. O que eles queriam era a glória humana. O que eles não queriam era obedecer a Deus.

Foi por causa disso que no sermão da montanha Jesus avisou: “se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”. (Mt 5.20) A maior problema dos escribas e fariseus era que “amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus”. (Jo 12.43) Todo sistema de religião do escriba e fariseu era centralizado na busca pela glória do homem. Sua preocupação não era o que Deus exige de nós, mas o que os homens vão achar. Por isso seu sistema moral não era fundamentado na Lei de Deus, mas em tradições humanas.

No final de sermão Jesus anunciou qual a diferença crucial entre os que verdadeiramente servem a Deus e os que somente chamam pelo seu nome, mas na realidade são iníquos: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus... Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”. (Mt 7.21-23) No grego bíblico, a palavra lei é νόμος – nomos. Já palavra iniquo é ἄνομος – anomos – e iniquidade é ἀνομία – anomia. Iniquidade significa literalmente “sem lei”. A semelhança dos escribas e fariseus, os que praticam a iniquidade são aqueles que quebram, rejeitam e se opõe a Lei de Deus. Não importa se chamam pelo Senhor da boca pra fora. Se não fazem a vontade do Pai – revelada em sua Lei – serão rejeitados.

O sucesso da Igreja em sua missão de ser candeeiro depende dela se conformar as exigências da Lei de Deus e ensiná-la para as nações. Essa é a base tanto dos elogios quanto das críticas que as igrejas recebem no Apocalipse. As sete cartas às sete igrejas tem muito a nos ensinar sobre a natureza e o propósito da Igreja de todas as eras.

Primeiro, somos informados que a Igreja não é uma instituição infalível. Isto inclui até mesmo a Igreja no primeiro século. Muitos veem a Igreja Primitiva como o padrão de pureza e conduta para todos os séculos. Mas isso é uma fantasia. O Novo Testamento não esconde a quantidade de problemas que assolava a Igreja Primitiva, muitas piores que em muitas de nossas igrejas no século XXI. Na Igreja Primitiva havia quem matinha relações sexuais com a própria madrasta (I Co 5), quem promovia bebedeiras na Ceia do Senhor (I Co 11.23), cultos desorganizados (I Co 14) incluindo mulheres que queriam pregar e exercer autoridade na Igreja (I Co 14.34-35), quem não cria na ressurreição dos mortos (I Co 15), quem defendia a idolatria e a participação em cultos pagãos (I Co 10, Ap 2.14, 2.20-21), quem queria reinstaurar a necessidade das cerimônias judaicas (Cl 2), quem defendia que a circuncisão era um critério para a salvação (At 15, Gl), quem defendia a justificação com base nos méritos de cumprir a Lei (Gl), quem defendia o racismo (Gl 2.11-12) quem pregava com segundas intenções e interesses desonestos (Fp 1.15, II Tí 6.5), quem prestava culto a anjos (Cl 2.18), quem queria favorecer os ricos e desprezar os pobres na igreja (Tg 2.1-5), quem se apresentava como cristão mas na verdade era um anticristo (I João 2.18-19) e muitas outras coisas. O padrão de comportamento da Igreja é definido pela Palavra de Deus e não pela Igreja de qualquer era, até mesmo a Igreja Primitiva.

Segundo, somos informados de que o fato de uma igreja ter sido santa e exemplar antes não significa que sempre será. Jesus avisou a igreja em Efésio: “Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor”. (Ap 2.4) Com base nisso, ele ameaçou: “Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; e se

não, brevemente virei a ti, e removerei do seu lugar o teu candeeiro, se não te arrependeres”. (Ap 2.5) Se os candeeiros representavam as igrejas, o perigo aqui é que a Igreja em Éfeso deixaria de existir ou pela menos que deixaria de ser reconhecida como igreja caso não se arrependesse de seus pecados. Ignorar essa ameaça é o erro fundamental do catolicismo romano. Gloriam-se da grande honra que a igreja em Roma teve no passado e com base nisso concluem que até o fim do mundo ela não será passiva de apostasia e de ser excluída pelo Senhor.

Terceiro, somos informados que a existência de falsos cristãos em uma igreja não significa que este seja o caso de todos na congregação. Sobre a igreja em Tiatira foi dito: “Mas tenho contra ti que toleras a mulher Jezabel, que se diz profetisa; ela ensina e seduz os meus servos a se prostituírem e a comerem das coisas sacrificadas a ídolos”. (Ap 2.20) Mas ao mesmo tempo foi dito também: “Digo-vos, porém, a vós os demais que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conhecem as chamadas profundeza de Satanás, que outra carga vos não porei”. (Ap 2.24) O que isso nos ensina é que não devemos julgar o estado espiritual de toda uma igreja com base no comportamento de alguns.

Quarto, somos informados de que o julgamento de Deus começa pela Igreja. As visões do Apocalipse descrevem o juízo de Deus sobre a besta (Ap 19), a grande prostituta (Ap 17-18), Satanás (Ap 20.2-3,10) e sobre todos os ímpios no Juízo Final (Ap 20.12-15). Mas o Apocalipse menciona as sete Igrejas antes de qualquer uma destas coisas. “Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e se começa por nós, qual será o fim daqueles que desobedecem ao evangelho de Deus?” (I Pd 4.17) O julgamento começa pela Igreja porque “daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá”. (Lc 12.48) Se a Igreja é fiel em sua missão, o mundo é iluminado. Se for infiel, o mundo permanece em trevas. A salvação do mundo depende da fidelidade da Igreja. A Igreja é a instituição mais

importante da terra. Muitos privilégios e responsabilidades foram dados a Igreja. Consequentemente, muito lhe é cobrado.

[1] João Calvino, Comentário de Deuteronômio 5.12-14.

[2] Confissão Belga, Artigo 25, “Cristo: o cumprimento da Lei”.

V

O Templo de Deus

“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu, e a primeira voz que ouvira, voz como de trombeta, falando comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer. Imediatamente fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono”. (Apocalipse 4.1-2)

O objetivo desta visão é identificar o céu como o verdadeiro templo de Deus – o templo do Novo Pacto – em contraste com o santuário terrestre – o templo do Antigo Pacto – que era somente uma sombra. Da mesma forma que o sacerdócio levítico era somente uma sombra do sacerdócio de Cristo e o sistema sacrificial era somente uma figura do sacrifício de Cristo, o templo terrestre era uma figura do verdadeiro templo de Deus – o céu:

“Ora, também o primeiro pacto tinha ordenanças de serviço sagrado, e um santuário terrestre... Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo... Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus”. (Heb 9.1,11, 24)

A correspondência entre os dois santuários – o terrestre e o celestial – é importante pra entender muitas das visões no Apocalipse já que o tema do livro inteiro é a transferência do Pacto Mosaico para

o Novo Pacto. Quando João foi arrebatado ao céu ele viu o trono, correspondendo ao propiciatório (cf. Ex 25.17, Ap 4.2); as sete lâmpadas, correspondendo ao candelabro (cf. Ex 37.17-24, Ap 4.5); o mar de vidro, correspondendo a pia de bronze (cf. Ex 38.8, I Rs 7.23, Ap 4.6); as criaturas viventes, correspondendo aos querubins (Ex 25.18-29); o Cordeiro, correspondendo aos animais do sistema sacrificial (Ap 5.6) e os vinte e quatro anciões, correspondendo a vinte e quatro divisões de sacerdotes (I Cr 24) que havia no culto do templo. O Apocalipse menciona o templo em sete ocasiões diferentes (Ap 4-5; 7.15; 11.1-2; 14.15,17; 15.5-6,8; 16.1,17;21.22). Em todas é tratado como o centro da atuação de Deus sobre os eventos da história.

A primeira coisa que João viu quando foi arrebatado ao santuário celestial foi que “um trono estava posto” (Ap 4.2). O trono representa o domínio de Deus. As visões do Apocalipse falavam do futuro do mundo. Mas o futuro não pode ser entendido se não como o desenvolvimento dos propósitos de Deus. Deus é o soberano predestinador de tudo o que jamais acontece. Nada acontece fora de Seu eterno propósito. Tudo e todos são regidos por seu poder e para sua glória. Deus “faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade”. (Ef 1.11) Jesus Cristo ensinou que isso é verdade até para questões mínimas como a morte de um pássaro: “Não se vendem dois passarinhos por um asse? e nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai”. (Mateus 10.29) Nabucodonosor reconheceu é verdade para todas as coisas:

“... eu, Nabucodonosor, levantei ao céu os meus olhos, e voltou a mim o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre; porque o seu domínio é um domínio sempiterno, e o seu reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera no exército do céu e entre os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Daniel 4.34-35)

Por isso o Apocalipse apresenta o trono de Deus – em seu santo templo – como o centro de todas as coisas. O Senhor, assentado em seu trono, é a garantia que os justos certamente serão exaltados da mesma maneira que os ímpios serão julgados:

“O Senhor está no seu santo templo, o trono do Senhor está nos céus; os seus olhos contemplam, as suas pálpebras provam os filhos dos homens. O Senhor prova o justo e o ímpio; a sua alma odeia ao que ama a violência. Sobre os ímpios fará chover brasas de fogo e enxofre; um vento abrasador será a porção do seu copo. Porque o Senhor é justo; ele ama a justiça; os retos, pois, verão o seu rosto”. (Sl 11:4-7)

Em seguida João viu algumas características peculiares daquele que estava assentado sobre o trono:

“... e aquele que estava assentado era, na aparência, semelhante a uma pedra de jaspe e sárdio; e havia ao redor do trono um arco-íris semelhante, na aparência, à esmeralda”. (Apocalipse 4.3)

Jaspe, sárdio e esmeralda estavam entre as pedras preciosas que existiam em abundância no Éden (Ez 28.13). Também estavam entre as pedras que existiam no peitoral do Sumo Sacerdote (Ex 28.15-17). Havia doze pedras no total. As pedras eram organizadas em quatro fileiras de três pedras cada uma. Cada pedra representava uma das doze tribos de Israel (Ex 28.21). O sárdio era a primeira pedra no peitoral do Sumo Sacerdote (Ex 28.17). O jaspe era a última (Ex 28.20). Assim como no peitoral do Sumo Sacerdote, o Apocalipse também associa as doze pérolas as doze tribos de Israel: “E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel”. (Ap 21.12) Se a ordem das pedras for a mesma ordem do nascimento dos patriarcas, isso significa que o sárdio é equivalente a Rúben – o primogênito – e o jaspe é equivalente a Benjamim – o caçula. É provável que as pedras sigam a mesma

ordem do nascimento, pois esta ordem é mantida na maioria das vezes em que as tribos são listadas juntas. Sendo assim, o propósito de dizer que “aquele que estava assentado era, na aparência, semelhante a uma pedra de jaspe e sárdio”, é identificar o Senhor como o primeiro e o último: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro”. (Ap 22.13)

O arco-íris ao redor do trono aponta para o pacto que Deus fez com Noé: “O meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver um pacto entre mim e a terra”. (Gn 9.13) Pra entender a importância deste pacto para as visões do Apocalipse precisamos entender bem o contexto original em que o pacto foi estabelecido:

“Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne, mas os seus dias serão cento e vinte anos... Viu o Senhor que era grande a maldade do homem na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente... E disse o Senhor: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o animal, os répteis e as aves do céu... Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor... Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim; porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os destruirei juntamente com a terra. Faze para ti uma arca...” (Gênesis 6.3,5-14)

O aviso de Deus de que seu Espírito não permaneceria mais com o homem está relacionado ao fato de que o Éden ainda existia sobre a terra como o lugar especial da habitação de Deus. Frequentemente, os termos Éden e Jardim do Éden são usados como sinônimos. Mas o Gênesis diz que o Jardim ficava somente no Leste da região chamada de Éden (Gen 2.8). Além disso, as Escrituras revelam que o Jardim ficava no topo de um monte (Ez 28.13-14). Isso explica porque na Bíblia os montes são sempre associados a revelação e manifestação de Deus. No monte Moriá que Deus ofereceu um

substituto penal pra impedir que Abraão sacrificasse Isaque (Gen 22.2). Foi também no monte de Moriá que Salomão construiu o templo (I Cr 3.1). A revelação da Lei por meio de Moisés aconteceu no monte Sinai (Ex 19.20) Foi também no monte Sinai que Deus reestabeleceu Elias como seu mensageiro para as nações (I Rs 19). O primeiro sermão de Jesus aconteceu sobre um monte (Mt 5-7). Neste sermão, ele descreveu a Igreja como uma cidade edificada sobre uma montanha. Foi sobre um monte que aconteceu sua transfiguração (Mc 3.13-19). Foi sobre um monte que aconteceu seu sermão profético. Foi sobre um monte e num jardim que ele foi tentado e preso antes de ser morto (Mt 26.30). E foi também sobre um monte que ele deu a Grande Comissão (28.16-20).

Quando o homem foi expulso do Jardim, Deus “pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins” (Gen 3.24) pra impedir que ele voltasse. A necessidade dos querubins estarem somente ao oriente do Jardim significa que ele era inacessível de qualquer outra parte. É interessante notar que a palavra paraíso significa jardim fechado (cf. Ct 4.12). É provável que os homens tenham continuado a habitar próximo ao Jardim do Éden por muito tempo. O Gênesis diz: “saiu Caim da presença do Senhor, e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden”. (Gen 4.16) Assim, os sacrifícios eram provavelmente oferecidos em um encontro com Deus na entrada do Jardim onde estavam os querubins.

No Grande Dilúvio “as águas prevaleceram excessivamente sobre a terra; e todos os altos montes que havia debaixo do céu foram cobertos”. (Gen 7.19) Isso significa que o monte do Éden também foi submergido. Assim, o Dilúvio marcou o fim da habitação especial de Deus entre os homens. É por isso que somente depois do Dilúvio que o Gênesis fala que Deus foi chamado de El Elyon – O Deus Altíssimo (cf. Gen 14.18). Isso reflete o afastamento de Deus da terra. Não haveria mais qualquer lugar da terra no qual o homem poderia se encontrar com Deus. O lugar especial da habitação de Deus passou a ser o céu[1].

A primeira coisa que Noé fez depois de sair da arca foi oferecer sacrifícios a Deus:

“Edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar. Sentiu o Senhor o suave cheiro e disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; nem tornarei mais a ferir todo vivente, como acabo de fazer. Enquanto a terra durar, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite. Abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra”. Disse também Deus a Noé, e a seus filhos com ele: Eis que eu estabeleço o meu pacto convosco e com a vossa descendência depois de vós, e com todo ser vivente que convosco está: com as aves, com o gado e com todo animal da terra; com todos os que saíram da arca, sim, com todo animal da terra. Sim, estabeleço o meu pacto convosco; não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio; e não haverá mais dilúvio, para destruir a terra. E disse Deus: Este é o sinal do pacto que firmo entre mim e vós e todo ser vivente que está convosco, por gerações perpétuas: O meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver um pacto entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e aparecer o arco nas nuvens, então me lembrarei do meu pacto, que está entre mim e vós e todo ser vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne. O arco estará nas nuvens, e olharei para ele a fim de me lembrar do pacto perpétuo entre Deus e todo ser vivente de toda a carne que está sobre a terra. Disse Deus a Noé ainda: Esse é o sinal do pacto que tenho estabelecido entre mim e toda a carne que está sobre a terra”. (Gênesis 8.20-22;9.1,8-17)

A existência de sacrifícios desde o princípio do mundo aponta para a restauração do homem ao propósito para o qual foi criado. O primeiro sacrifício foi ministrado pelo próprio Deus quando ele fez túnicas pra cobrir a nudez de Adão e Eva (Gen 3.1). Depois da

expulsão, lemos sobre as ofertas de Caim e Abel. Não há detalhes de como os primeiros homens foram informados da necessidade de sacrifícios, mas é certo que tenha sido sob a ordem do próprio Deus. De fato, a comunhão com Deus ainda não havia sido inteiramente restaurada. A morte continuava a reinar. O homem continuava expulso do Éden e impedida de entrar pelos querubins. Ainda assim, os sacrifícios apontavam para algum tipo de restauração daquilo que foi perdido. O sacrifício do animal apontava para a ira de Deus se desviando do homem e sendo imputada sobre um substituto penal.

Sabemos que o substituto penal não era literalmente o animal. Como não há detalhes sobre como a prática começou, não sabemos ao certo até que ponto havia desde o princípio um entendimento claro do significado dos sacrifícios em relação a Jesus Cristo. O que podemos saber é que alguma noção eles certamente poderiam ter do valor simbólico do sacrifício. Afinal, “é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados” (Heb 10:4) e Deus não se agrada do “sacrifício de tolos”. (Ecl 5.1) Consequentemente, de alguma maneira eles teriam sido informados sobre o fato de que tais de sacrifícios não eram eficazes em si mesmos para efetuar expiação ou estabelecer a comunhão com Deus e que eram somente representantes pactuals que apontavam para uma realidade que transcendia o próprio animal. É uma hipótese perfeitamente plausível que Deus tenha lhes dado um conhecimento mais extenso sobre Jesus Cristo e seu sacrifício expiatório sem que tenha ficado registrado no Gênesis. Mas o mais provável é era que eles simplesmente tinham consciência do sacrifício como um símbolo da misericórdia de Deus restabelecendo a comunhão com a humanidade, mas sem uma noção tão clara do animal como o representante pactual de Jesus Cristo.

Sem Jesus Cristo a humanidade não poderia ter sequer continuado a existir. Evidentemente, Jesus Cristo ainda não havia nascido. Mas o Novo Testamento ensina com muita clareza que tais sacrifícios eram sombras e figuras do sacrifício de Jesus Cristo (cf. Heb 9-10). Este sim é o fator determinante e eficaz para a expiação do pecado e da

restauração da comunhão com Deus. Sendo assim, os méritos de sua morte foram, retroativamente, a causa eficaz da paciência e misericórdia de Deus desde o princípio do mundo. Com isso em mente, devemos entender a Escritura fala dos sacrifícios, o propósito é revelar Jesus Cristo como o único fundamento da esperança humana para a restauração daquilo que havia se perdido em Adão. O Apocalipse reflete isso quando identifica Jesus Cristo como o Cordeiro que foi morto. O veredicto para o pecado é a morte. Mas o animal como um substituto penal aponta pra Jesus Cristo como a esperança da vida eterna. A morte do primeiro animal pra cobrir a nudez do homem apontava para a morte de Jesus Cristo pra nos cobrir de nossos pecados. Os sacrifícios apontavam para Cristo como o centro da história e única esperança do mundo. Noé foi salvo porque “achou graça aos olhos do Senhor”. (Gen 6.8) E a causa desta graça não poderia ser outra coisa se não a imputação da justiça de Cristo sobre ele conforme factualmente representado nos sacrifícios que ofereceu.

A história do mundo de Adão até Noé revela o padrão geral pelo qual Deus se relaciona com a humanidade. Primeiro, somos informados que o pecado trás o juízo de Deus. E o juízo de Deus não é somente individualmente sobre aqueles que pecam. É também coletivo e intergeracional. Gerações que dão continuidade ao pecado de seus pais aumentam progressivamente a ira de Deus até tenham enchido a medida da iniquidade para que sejam julgados. Segundo, somos informados pelo sacrifício de animais que Jesus Cristo é a única esperança. Sem Jesus Cristo, a humanidade não poderia ter sequer continuado a existir. Jesus Cristo é o único meio pelo qual a humanidade pode fugir do juízo de Deus – individualmente ou coletivamente. Fora de Jesus Cristo não há justificação, remissão de pecados ou sequer a capacidade de obedecer aos mandamentos de Deus. Em Jesus Cristo, a humanidade é restaurada ao seu propósito original. Terceiro, somos informados que à medida que os ímpios vão sendo julgados, os justos recebem o domínio da terra em seu lugar. Antes do Grande Dilúvio, o mundo zombava de Noé e de sua fé em

Deus. Mas quando o Dilúvio acabou, ele e sua família se tornaram os herdeiros da terra.

Foi depois que Noé ofereceu sacrifícios que Deus estabeleceu seu pacto ele. Na verdade, foi somente o restabelecimento do mesmo pacto que já havia sido estabelecido com Adão. Noé recebeu a mesma ordem de aumentar a população da terra (cf. Gen 1.28, 9.1). A terra e os animais continuaram sendo tratados por Deus como subordinadas ao homem (cf. Gen 1.28, 9.2,15). E a imagem de Deus foi novamente mencionada como o fator determinante que diferencia o homem das demais criaturas (cf. Gen 1.27, 9.5-6). Além disso, Deus fez duas promessas que estão diretamente ligadas à vocação do homem conforme o que foi estabelecido com Adão. Ele prometeu que até o fim do mundo preservaria a estabilidade geral do clima e das estações que mantem a estabilidade da terra (Gen 8.22). E ele também prometeu que nunca mais destruiria o mundo como ele acabara de fazer (Gen 9.11,15). O propósito destas promessas é garantir que a raça humana seja capaz de dar continuidade a sua vocação de dominar sobre a terra como vice-regente de Deus.

O objetivo da visão no Apocalipse do arco-íris sobre o trono de Deus é trazer a memória a promessa de Deus para sua Criação. A promessa fora feita tantos séculos antes, mas “Deus não é homem, para que minta... Porventura, tendo ele dito, não o fará? Ou, havendo falado, não o cumprirá?” (Num 23.19) O arco-íris aparece sobre o trono porque é o poder e fidelidade de Deus que garante que a promessa será cumprida independente de qualquer oposição. O trono de Deus é a causa de o mundo ser preservado. “O Senhor reina; está vestido de majestade. O Senhor se revestiu, cingiu-se de fortaleza; o mundo também está estabelecido, de modo que não pode ser abalado. O teu trono está firme desde a antiguidade; desde a eternidade tu existes”. (Sl 93.1-2)

O texto diz que era o “arco-íris semelhante, na aparência, à esmeralda”. (Ap 4.3) Assim como o jaspe e o sárdio, a esmeralda

estavam entre as pedras preciosas que existiam no peitoral do Sumo Sacerdote (Ex 28.15-17). A esmeralda era a primeira pedra da segunda fileira (Ex 28.18). Isto significa que a esmeralda era a quarta pedra e condiz com a ordem em que a esmeralda aparece nos fundamentos do muro da Nova Jerusalém: “E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda”. (Ap 21.19) Se cada pedra representava uma tribo de Israel, a esmeralda representava o quarto filho, Judá (Gn 29.35). Judá foi a tribo de onde veio Jesus Cristo conforme já havia sido profetizado por Miquéias: “Mas tu, Belém Efrata, posto que pequena para estar entre os milhares de Judá, de ti é que me sairá aquele que há de reinar em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. (Miquéias 5.2) Sendo assim, devemos entender que o arco-íris era semelhante a esmeralda pra significar que Jesus Cristo é aquele que faz cumprir o pacto que Deus fizera com Noé. Jesus Cristo é a única esperança. Em Jesus Cristo, a humanidade é restaurada ao seu propósito original em comunhão com Deus.

Em seguida, João viu os vinte e quatro anciões:

“Havia também ao redor do trono vinte e quatro tronos; e sobre os tronos vi assentados vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, que tinham nas suas cabeças coroas de ouro”. (Apocalipse 4.4)

Os vinte e quatro anciões representam o novo sacerdócio do qual o sacerdócio levítico era somente uma sombra. O trono e a coroa indicam que sejam reis. O número vinte e quatro deve-se ao fato de que no Antigo Pacto este era o número de divisões de sacerdotes (I Cr 24) no culto do templo. Os vinte e quatro anciões são reis e sacerdotes simultaneamente porque o sacerdócio levítico do Antigo Pacto foi substituído pelo sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 7.15). É o que o Apocalipse já havia dito sobre os cristãos de forma geral: “e nos fez reino, sacerdotes para Deus”. (Ap

1.6) E também: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.(1Pe 2:9) Esta é uma característica de todos os cristãos. É possível que o número vinte e quatro seja também uma referência aos doze filhos e de Israel e aos doze apóstolos (cf. Ap 21.12,14) de forma que estes representam a totalidade do povo de Deus no Antigo e Novo Testamento. Mas se entendemos que o propósito da visão é simplesmente comparar o templo terrestre com o celestial, não há é absolutamente necessário que o número vinte e quatro seja entendido literalmente. É uma maneira de dizer que os cristãos são os sucessores dos levitas e que o culto judaico centralizado no templo terrestre foi substituído pelo culto cristão centralizado no céu.

Os cristãos em vida não estão literalmente no céu. Mas Paulo ensinou que já estamos figuradamente assentados com Cristo no céu:

“Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus”. (Ef 2.4-7)

“Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”. (Colossenses 3.1-3)

Aqui Paulo fala da morte e ressurreição espiritual que nos faz reis e sacerdotes. É mediante este sacerdócio real que “ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus” (Ef 2.5). Não poderíamos ser sacerdotes sem esta ligação espiritual com o céu, pois só é sacerdote quem ministra no santuário (cf. Hb 8.1-6). É isso que a visão dos

vinte e quatro anciões procura representar, que os cristãos ministram espiritualmente com Cristo no templo celestial.

[1] Na ocasião da construção da torre de Babel o texto dá a entender que a habitação de Deus já era no céu: “Então desceu o Senhor para ver...” (Gen 11:5)

VI

O Livro Selado

“Vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, bem selado com sete selos”. (Ap 5.1)

O livro escrito por dentro e por fora significa o pacto de Deus com os homens. Séculos antes do Apocalipse, o livro do profeta Ezequiel já falara deste mesmo livro:

“E tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras; ainda que estejam contigo sarças e espinhos, e tu habites entre escorpiões; não temas as suas palavras, nem te assustes com os seus semblantes, ainda que são casa rebelde. Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes. Mas tu, ó filho do homem, ouve o que te digo; não sejas rebelde como a casa rebelde; abre a tua boca, e come o que eu te dou. E quando olhei, eis que tua mão se estendia para mim, e eis que nela estava um rolo de livro. E abriu-o diante de mim; e o rolo estava escrito por dentro e por fora; e nele se achavam escritas lamentações, e suspiros e ais”. (Ez 2.6-10)

O livro continha os oráculos de Deus contra o povo de Israel – “lamentações, suspiros e ais” (v.10). Como no caso de todos os profetas do Antigo Testamento, os oráculos de Ezequiel eram simplesmente previsões da aplicação histórica das bênçãos e maldições do pacto entre Deus e Israel. Para entender isso melhor, precisamos entender a estrutura dos pactos bíblicos. Encontramos a

origem dos pactos já na criação do homem. Em Adão, Deus estabeleceu um pacto com a humanidade inteira. É o chamado pacto de domínio[1] ou mandato cultural[2]. Nele a humanidade recebeu de Deus a responsabilidade de guardar, cultivar e dominar sobre a terra:

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (Gênesis 1.26-27)

A imagem de Deus no homem é o que lhe distingue das demais criaturas e lhe que capacita a cumprir sua vocação. Diferente dos animais, o homem não foi criado para ser movido por meros instintos. Foi dotado da capacidade de compreensão. As faculdades intelectuais no homem permite que ele compreenda tanto o mundo ao seu redor quanto o próprio Deus que o criou. Para isso o homem foi dotado também dos sentidos. Por meio do tato, do olfato, da audição, do paladar e da visão o homem é capaz de perceber e interagir de diferentes maneiras com o que está a sua volta. Como extensão de intelecto e de seus sentidos, o homem foi dotado de criatividade. A criatividade é um reflexo do poder no homem do poder criador de Deus. Permite que o homem seja capaz não somente de compreender a realidade da criação de Deus como ela é, mas também de transformá-la e moldá-la. Foi pela criatividade concedida por Deus que Jubal se desenvolveu instrumentos musicais (Gn 4.21) e Tubal-Caim foi capaz de usar o cobre e o ferro pra criar instrumentos cortantes (Gn 4.22). O intelecto e a criatividade humana são os atributos que permitem a existência da ciência, da tecnologia, da arte, da música, da poesia, da literatura, da mídia, dos meios de transportes e de tantas outras invenções. Além disso, o homem foi criado também com a capacidade de sentir emoções e demonstrar afeto. Como filho de Deus, Adão foi criado para amar e se alegrar em seu Criador. Na criação de Eva, Deus criou a possibilidade do amor

humano se estender a outros como ele. Estabeleceu a relação conjugal como a manifestação mais sublime deste amor. Quando Deus estabeleceu a relação conjugal como o meio de crescer e multiplicar, o que fez foi revelar o amor como sendo o fundamento de toda nossa existência.

Os atributos humanos são reflexos dos atributos do próprio Deus e possibilita que ele cumpra aquilo Deus o mandou cumprir – exercer domínio sobre a terra. Como escreveu o Dr. R.J. Rushdoony[3]:

“O chamado para exercer domínio não é somente a vocação do homem, mas é também sua natureza. Uma vez que Deus é o Senhor e Criador absoluto e soberano, cujo domínio é total e cujo poder é sem limites, o homem, criado à sua imagem, é participante deste atributo comunicável de Deus. O homem foi criado para exercer o domínio sob Deus, como o vice-regente designado por Deus sobre a terra. Assim, o domínio é um impulso básico da natureza humana”. [4]

Mas a vocação do homem não é o de exercer um domínio absoluto e incondicional. Deus é o único soberano absoluto. O domínio do homem é sempre subordinado a Deus, devendo respeitar os limites estabelecidos por sua Lei. A tentação de Satanás que conduziu a humanidade inteira à ruína foi justamente a sugestão de que o homem não deveria se conformar com um domínio limitado e subordinado, mas que deveria usurpar a posição de soberania absoluta do próprio Criador:

“Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus

sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus...” (Gênesis 3.1-5)

O fator determinante que faz com que a Soberania de Deus seja sempre absoluta e incondicional e o domínio do homem seja sempre limitado é que Deus exerce o monopólio sobre o bem e o mal:

“E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. (Gênesis 2.16-17)

A liberdade de comer de tudo – com exceção da árvore do bem e do mal – significava que ao homem foi dado o domínio sobre toda a terra para que fosse exercido em subordinação a Deus – conforme a Sua Lei. O homem não poderia estabelecer a si mesmo como o determinador do bem e do mal, pois isso pertence a Deus somente. Deus e não qualquer outra criatura é a origem, causa e finalidade do universo. Aquilo que as coisas são, a realidade como ela é, incluindo o conceito de justiça, necessariamente existe de forma anterior ao homem. Assim, o homem não tem a autoridade para administrar a criação conforme sua própria vontade, mas deve exercer seu domínio como vice-regente de Deus, em conformidade as suas ordenanças[5].

A ideia de que o homem pode, de forma autônoma, redefinir o bem e o mal é por definição irracional e nem sequer pode ser defendido com qualquer tipo de coerência. Para que o homem pudesse por si mesmo estabelecer o justo e o injusto, o bem e o mal seria necessário que ele fosse a origem do universo, sendo a existência todas as coisas dependente dele. Ou seja, ele teria que ser, conforme foi sugerido pelo Diabo, o próprio Deus. A sugestão do Diabo era que o homem se esquecesse de quem realmente era. Que criasse em seu coração a expectativa de que sua própria realidade, sua própria lei, seu próprio domínio poderia tomar o lugar da Palavra e Soberania de Deus. Seu desejo era o de estabelecer um domínio independente segundo as

próprias palavras e intenções a parte da Lei de Deus. Este mesmo princípio se manifesta em toda forma de pecado, não somente no pecado que trouxe a ruína de nossos primeiros pais. A essência de todo e qualquer pecado consiste na ideia de que o homem possa estabelecer as suas próprias palavras, o próprio julgamento, a própria opinião, a própria realidade como soberana.

Deus criou a raça humana inteira a partir de um só homem[6] e isso é o que estabelece unidade orgânica de toda humanidade. Por causa desta unidade a imagem de Deus é comum a todos, sem exceção. Todos são, como homens, portadores do mesmo valor, honra e dignidade que tiveram nossos primeiros pais. É também decorrente desta unidade que o pecado de Adão não afetou somente a ele mesmo, mas toda sua descendência foi afetada nele. “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram”. (Rm 5.12)

Ainda que a queda de Adão não tenha feito com que a imagem de Deus no homem fosse destruída (cf. Gen 9.6, Tg 3.9), fez com que fosse corrompida em todos os aspectos de seu ser. Seus atributos não foram aniquilados, mas cada um deles foi completamente deturpado pela inclinação ao pecado. Primeiro, a comunhão original que havia com Deus foi imerso em densas trevas de mentira e engano. “Tendo conhecido a Deus, contudo não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes nas suas especulações se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se estultos”. (Rm 1.21-22) Segundo, seu intelecto deixou de funcionar com sabedoria e se tornou “entenebrecido no entendimento, separado da vida de Deus pela ignorância”. (Ef 4.18) Terceiro, em vez de usar sua criatividade pra refletir a glória de Deus, o Criador “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente”. (Gen 6.5) Quarto, seus sentimentos e afeições deixaram refletir amor e foram substituídos por sentimentos de ódio e engano: “A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas

tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios; a sua boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Nos seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante dos seus olhos”. (Rm 3.13-18) Quinto, seu corpo carregar a glória da imortalidade e agora opera sob a maldição das dores, enfermidades e morte.

Em resposta a tamanha ingratidão, Deus condenou a humanidade inteira a morte e expulsou o primeiro casal do jardim de Éden:

“Ora, não suceda que estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden para lavrar a terra, de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida”. (Gênesis 3.22-23)

O alimento é o meio pelo qual o homem dá continuidade a própria vida. Quem deixa de comer, morre de fome. Mas nenhum alimento a nossa disposição hoje é capaz cumprir essa função perfeitamente. Não importa quão saudável seja nossa dieta, em algum momento morreremos mesmo assim. Nada do que podemos colocar em nosso cardápio poderá impedir a chegada da morte. Esse não era o caso da árvore da vida. Se alimentar de seus frutos significaria viver eternamente. A árvore da vida era o único alimento que poderia cumprir perfeitamente a função de nos sustentar. Sendo assim, a necessidade de impedir que o homem tivesse acesso a árvore da vida vinha da necessidade de impedir que ele vivesse eternamente. A punição de Deus incluiu exatamente aquilo que o Diabo tentou convencer Eva que não aconteceria: “Disse a serpente à mulher: Certamente não morreréis”. (Gen 3.4)

Os pactos posteriores que encontramos na Bíblia são simplesmente renovações do pacto que Deus estabeleceu com Adão. O Pacto que Deus estabeleceu com Israel ao libertar da escravidão do Egito, por exemplo, foi essencialmente o restabelecimento do mesmo pacto que Ele havia sido estabelecido com Adão[7]. Da mesma forma que, em Adão, Deus estabeleceu o domínio da humanidade inteira sobre a terra, Ele estabeleceu o domínio de Israel sobre a terra prometida. O domínio de Israel sobre a terra prometida foi simplesmente o chamado de Deus para que a nação retomasse a tarefa da qual Adão havia se desviado. A vocação de Deus para Israel era que a nação fizesse aquilo que Adão falhou em fazer. Por isso, o princípio da vida e da morte diante de Adão no Éden é essencialmente o mesmo que Deus colocou diante de Israel no deserto: “O céu e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti de que te pus diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”. (Dt 30.19) Se Israel fosse obediência, receberia as bênçãos de Deus seria bem sucedido no domínio sobre a terra. Se fosse desobediente, receberia maldições. As bênçãos do pacto devem ser lidas como uma progressiva reversão da ruína que entrou no mundo em Adão:

“Se ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra; e todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, se ouvires a voz do Senhor teu Deus”. (Deuteronômio 28.1-2)

As benções prometidas incluíam:

- 1) Teriam paz, segurança e prosperidade onde quer que estivessem seja no campo ou na cidade. (v. 3)
- 2) Suas famílias seriam numerosas e prósperas. (v. 4,11)
- 3) Seus animais seriam férteis e vigorosos. (v. 4, 11)

- 4) Suas plantações seriam abençoadas (v. 4,11)
- 5) Seriam uma potência militar, incapazes de serem vencidos na guerra. (v.7)
- 6) Seriam bem sucedidos em tudo que se dedicassem a fazer. (v. 8)
- 7) Seriam respeitados internacionalmente. (v.10)
- 8) Teriam estabilidade climática, não havendo secas. (v. 12)
- 9) Seriam uma potência econômica, respeitada internacionalmente. (v. 12)

Para manter a si mesma nesta posição e continuar sendo beneficiado por Deus, Israel deveria se manter obediente a Lei de Deus. As bênçãos de Israel eram condicionadas a obediência a Deus. Deus prometeu paz, prosperidade e desenvolvimento cultural a Israel caso permanecessem fiéis a Ele. Ao mesmo tempo, Deus prometeu ruína nestas mesmas coisas caso Israel não se mantivesse fiel. “Se, porém, não ouvires a voz do Senhor teu Deus, se não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que eu hoje te ordeno, virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão...” (Deuteronômio 28.15) As maldições incluíam:

- 1) Seriam fracassados onde quer que estivessem, seja na cidade ou no campo. (v. 16)
- 2) Alto índice de esterilidade entre as mulheres e famílias amaldiçoadas (v. 18)
- 3) Seriam fracassados nas plantações e na criação de animais. Suas plantações seriam atacadas por pestes. (v. 18, 21,38-40, 42)
- 4) Seriam fracassados em tudo o que se dedicassem a fazer. (v. 20)

- 5) Se multiplicariam enfermidades como tísica, úlceras, tumores malignos, sarnas, loucura e cegueira. (v. 22, 27-28, 35, 59)
- 6) Haveria secas. (v. 23,24)
- 7) Seriam militarmente fracassados e dominados por tiranos. (v. 25, 26, 32-34, 36, 41, 48-57)
- 8) Seriam internacionalmente envergonhados. (v. 37)
- 9) Seriam fracassados economicamente. (v. 44)
- 10) Seriam expatriados. (v.64)
- 11) Se tornariam idolatras. (v. 64)

Se entendermos os pactos bíblicos como renovações do pacto que Deus já havia estabelecido com Adão, entenderemos que as bênçãos e maldições que encontramos no Pacto Mosaico eram simplesmente a revelação de um princípio vigente desde que Deus instituiu o pacto de domínio com Adão. Por ser uma vocação para a humanidade inteira – pois todos foram criados em Adão – quando Deus revelou Sua Lei a Israel, tudo o que ele fez foi deixar claro que o princípio se aplicava tanto a Israel quanto aos gentios:

“Guardareis, pois, todos os meus estatutos e todos os meus preceitos, e os cumprireis; a fim de que a terra, para a qual eu vos levo, para nela morardes, não vos vomite. E não andareis nos costumes dos povos que eu expulso de diante de vós; porque eles fizeram todas estas coisas, e eu os abominei. Mas a vós vos tenho dito: Herdareis a sua terra, e eu vo-la darei para a possuídes, terra que mana leite e mel”. (Levítico 20.22-24)

Aqui Deus fala de determinados povos que estavam prestes a ser destruídos. Os povos eram “os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus”. (Dt 7.1) No

caso dos amorreus, Deus já havia prometido julgá-los desde o tempo de Abraão:

“Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram; então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas. E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus”. (Gênesis 15.12-16)

Deus profetizou que o povo de Israel seria escravizado pelos egípcios. Depois disso, os egípcios seriam julgados e Israel seria liberto da escravidão. Tendo sido liberto, Israel seria conduzido à terra prometida, que era onde Abraão morava quando a profecia aconteceu. Parte da terra já pertencia a outros povos. Um destes povos eram os amorreus. Portanto, para que Israel tomasse posse da terra prometida, teriam que derrotar os amorreus. Desta maneira os amorreus seriam julgados da mesma maneira que seria o Egito.

Deus explicou o motivo da destruição destes povos: “Pela maldade destas nações o SENHOR, teu Deus, as lança de diante de ti”. (Deu 9.4) Avisou aos hebreus também do que era necessário pra que não fossem destruídos da mesma maneira: “Guardareis, pois, todos os meus estatutos e todos os meus preceitos, e os cumprireis; a fim de que a terra, para a qual eu vos levo, para nela morardes, não vos vomite”. (Lv 20.22) A linguagem remete ao que havia sido dito a Caim: “Agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para da tua mão receber o sangue de teu irmão”. (Gen 4.11) O pecado faz com que a terra seja profanada, pois o homem é pactualmente responsável pelo domínio da terra. Figuradamente, a terra engole o pecado. O vômito da terra é uma reação ao pecado que a terra foi

obrigada a engolir. O vômito significa o juízo de Deus. É o juízo de Deus na história contra os povos que se rebelam contra Ele.

“Os heteus, e os gergaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus” (Dt 7.1) foram julgados por Deus por meio do exército de Israel pelo mesmo motivo que Deus garantiu que Israel era passivo de ser julgado. Séculos depois, Israel foi de fato julgado por meio dos exércitos da Babilônia. Foram julgados pela transgressão da Lei de Deus conforme revelado a Moisés. Isto deixa claro que as exigências da Lei de Deus não tinha jurisdição sobre Israel somente. “Ora, nós sabemos que tudo o que a Lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao juízo de Deus”. (Rm 3.19) Deixa claro também que o princípio que rege a ascensão ou queda das nações não é arbitrário. A ascensão ou queda das nações depende inteiramente do grau de adesão destas nações as exigências da Lei de Deus. As nações são exaltadas ou rebaixadas pela aplicação das bênçãos e maldições do pacto. A história não é arbitrária, pois é movida pela Divina Providência que exalta e rebaixa as nações à medida que obedecem ou transgridem a Lei Deus. A função dos profetas era simplesmente lembrar os povos sobre a necessidade de se voltar para a Lei de Deus e avisá-los sobre como as bênçãos ou maldições pactuais seriam aplicadas mediante a obediência ou a rebelião. Como diz Jeremias:

“Então estendeu o Senhor a mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca. Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares; e também para edificares e plantares”. (Jeremias 1.9-10)

É sob esta ótica que devemos entender o “livro escrito por dentro e por fora”. (Ap 5.1) Assim como em Ezequiel, aqui também o livro aponta para o pacto. Para os transgressores, o pacto trás as maldições da Lei. Mas para as nações que confiam no Senhor, o pacto trás suas

bênçãos. As maldições do pacto fazem com que os filhos de Adão recebam o mesmo fim que ele quando se rebelam contra a responsabilidade de exercer o domínio sobre a terra em conformidade com a vontade revelada de Deus. Mas por outro lado, “Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, o povo que ele escolheu para sua herança”. (Sl 33.12)

O direito da humanidade de viver sobre a terra não é incondicional. É condicionada a subordinação do homem a Deus. Os malfeitores são vomitados pela terra porque são rebeldes contra propósito para o qual foram criados. Ao julgar os perversos, Deus impede que seus propósitos sejam consumados. O vômito da terra são as maldições do pacto. O vômito da terra estabelece que somente aqueles que se conformam aos propósitos de Deus prevalecerão. O vômito da terra é a certeza do fracasso de tudo e todos que se levantam contra o propósito preordenado por Deus para sua criação. Como uma espada de dois gumes, a aplicação do pacto faz com que o domínio seja transferido dos malfeitores para os santos. A medida que os malfeitores são julgados na história, os santos são glorificados com as bênçãos do pacto. Para Israel isso significou a herança da terra prometida. Para os povos que lá moravam, significou a destruição. “Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para aqueles que guardam o seu pacto e os seus testemunhos... a sua descendência herdará a terra”. (Sl 25.10,13) “Aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra. Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; atentarás para o seu lugar, e ele ali não estará. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz”. (Sl 37.7-11) Esse é o significado da abertura dos sete selos do livro escrito por dentro e por fora: a aplicação das maldições do pacto sobre o mundo rebelde e as bênçãos do pacto aplicadas sobre os justos.

[1] Não é chamado de “pacto” diretamente em Gênesis 1, mas é estruturado como os pactos bíblicos e é explicitamente chamado assim em Oséias 6.7.

[2] É chamado assim na tradição reformada holandesa.

[3] Rousas John Rushdoony foi um filósofo, historiador e teólogo calvinista.

[4] Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law*, pp. 448-452.

[5] A parábola do proprietário da vinha (cf. Mt 20.1) descreve bem essa relação.

[6] Incluindo sua esposa que foi criada de sua costela (Gen 2.21).

[7] É por isso que Deus compara a transgressão do povo de Israel com a transgressão de Adão: “Mas eles transgrediram o pacto, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim”. (Oséias 6.7) O pacto Mosaico foi simplesmente a revelação da vocação original do homem para que Israel cumprisse.

VII

Não Há Um Justo, Nem Um Sequer

“E vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres viventes dizer numa voz como de trovão: Vem!” (Ap 6.1)

A abertura dos sete selos significa a aplicação das maldições do pacto sobre o mundo no primeiro século de maneira que as bênçãos do pacto fossem progressivamente recebidas pelos santos. Referem-se a eventos mundiais que antecederam a destruição de Jerusalém e do templo no ano de 70 AD. Mas apesar de ter se cumprido especificamente no primeiro século, o princípio é válido para todas as eras. É um retrato de como Deus lida com as nações.

Os cinco primeiros selos apontam para desgraças que estão na mesma ordem do que foi previsto por Jesus no sermão profético:

Apocalipse 6	Mateus 24
Cavalo Branco (v.1-2)	Falsos cristos e profetas (v. 4-5,11)
Cavalo Vermelho (v. 3-4)	Guerras (v. 6-7)
Cavalo Preto (v. 5-6)	Fomes (v. 7)
Cavalo Amarelo (v. 7-8)	-
Martírio (v. 9-11)	Martírio (v. 9-11)

Não há dúvidas de que o cavalo vermelho representa as guerras, o preto a fome e o amarelo a morte. O texto deixa isso claro. Não há equivalente direto para a morte no sermão profético. Mas a morte é a consequência de coisas como guerra e fome. Portanto, a morte está implícita quando cita estas coisas. Sem dúvidas, foram coisas aconteceram em larga escala no primeiro século.

Alguns intérpretes acreditam que o cavaleiro do cavalo branco seja Cristo. O motivo principal é que no capítulo 19 o cavaleiro montado no cavalo branco é claramente Jesus: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga a peleja com justiça”. (Ap 19.11)

Mas esta interpretação é improvável. No texto paralelo do sermão profético são os falsos cristos e profetas que precedem as guerras e as fomes. A semelhança entre os dois é justamente porque são falsos profetas e cristos que se passam por verdadeiros.

Há um motivo importante para os falsos profetas e cristos precederem as desgraças subsequentes. Esse é um padrão recorrente desde o tempo do Antigo Testamento:

“Pelo que o Senhor suscita contra eles os adversários de Rezim, e instiga os seus inimigos, os sírios do Oriente, e os filisteus do Ocidente; e eles devoram a Israel à boca escancarada. Com tudo isso não se apartou a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão. Todavia o povo não se voltou para quem o feriu, nem buscou ao Senhor dos exércitos. Pelo que o Senhor cortou de Israel a cabeça e a cauda, o ramo e o junco, num mesmo dia. O ancião e o varão de respeito, esse é a cabeça; e o profeta que ensina mentiras, esse é a cauda. Porque os que guiam este povo o desencaminham; e os que por eles são guiados são devorados. Pelo que o Senhor não se regozija nos seus jovens, e não se compadece dos seus órfãos e das suas viúvas; porque todos eles são profanos e malfeitores, e toda boca profere doidices. Com tudo isso não se apartou a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão. Pois a impiedade lavra como um fogo que devora espinhos e abrolhos, e se ateia no emaranhado da floresta; e eles sobem ao alto em espessas nuvens de fumaça. Por causa da ira do Senhor dos exércitos a terra se queima, e o povo é como pasto do fogo; ninguém poupa ao seu irmão. Se colher da banda direita, ainda terá fome, e se comer da banda esquerda, ainda não se fartará; cada um comerá a carne de seu braço. Manassés será contra Efraim, e Efraim contra Manassés, e ambos eles serão contra Judá. Com tudo isso não se apartou a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão”. (Isaías 9.11-21)

O texto fala das maldições pactuais que viriam sobre Israel por causa de sua rebelião. Enquanto a função do verdadeiro profeta era o de proclamar ao povo as exigências da Lei de Deus, a função do falso profeta era o de conduzir o povo a rebelião e apostasia de forma que as maldições do pacto caíssem sobre eles. Por isso o texto menciona que a rebelião de Israel aconteceu “porque os que guiam este povo o desencaminham”. (v.16) É interessante notar também que o texto menciona as guerras e a fome, o mesmo que o Apocalipse. O profeta Jeremias também falou dos falsos profetas como tendo o mesmo papel:

“E disse-me o Senhor: Os profetas profetizam mentiras em meu nome; não os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei. Visão falsa, adivinhação, vaidade e o engano do seu coração é o que eles vos profetizam. Portanto assim diz o Senhor acerca dos profetas que profetizam em meu nome, sem que eu os tenha mandado, e que dizem: Nem espada, nem fome haverá nesta terra: Â espada e a fome serão consumidos esses profetas. E o povo a quem eles profetizam será lançado nas ruas de Jerusalém, por causa da fome e da espada; e não haverá quem os sepele a eles, a suas mulheres, a seus filhos e a suas filhas; porque derramarei sobre eles a sua maldade”. (Jeremias 14.14-16)

Novamente vemos que os falsos profetas foram o instrumento para conduzir Israel à apostasia e que tal apostasia fez descer sobre Israel as maldições do pacto. O profeta Malaquias falou sobre os sacerdotes fazendo o mesmo:

“Pois os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos. Mas vós vos desviastes do caminho; a muitos fizestes tropeçar na Lei; corrompestes o pacto de Levi, diz o Senhor dos exércitos”. (Malaquias 2.6-8)

É importante compreender também que o papel das autoridades e guias de Israel – sacerdotes, anciãos, profetas – é análogo ao papel que as autoridades eclesíásticas têm hoje. Se a Igreja é fiel em sua missão, o mundo é iluminado e os povos recebem as bênçãos do pacto. Se for infiel, o mundo permanece em trevas e recebe as maldições. Se quisermos saber do futuro de uma nação, devemos começar olhando para a Igreja. A corrupção na Igreja faz descer o fogo de Deus do céu porque a salvação do mundo depende da obediência a Deus proclamada pela Igreja.

Por isso os falsos cristos e falsos profetas precedem as maldições lançadas sobre o mundo em Apocalipse 6. Estes eram os que instigavam o mundo para que a maioria não desse ouvidos à pregação

dos santos apóstolos. Estes e todos os santos acabaram sendo perseguidos implacavelmente por toda parte assim. É sobre isso que fala o sexto selo:

“Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que deram. E clamaram com grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um deles compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número de seus conservos, que haviam de ser mortos, como também eles o foram”. (Apocalipse 6.9-11)

Aqui os mártires pedem vingança contra seus assassinos. Deus promete que o pedido seria atendido. Mas não imediatamente. Os mártires seriam vingados somente quando “se completasse o número de seus conservos, que haviam de ser mortos, como também eles o foram”. (v. 11) Para que o juízo de Deus viesse, era necessário que um número específico de santos ainda fossem martirizados.

A relação entre o assassinato e o juízo de Deus já havia sido revelado por Deus a Caim: “Agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para da tua mão receber o sangue de teu irmão”. (Gen 4.11) Quando acontece um assassinato a terra figuradamente engole o pecado. À medida que o número de assassinatos aumenta “a medida da iniquidade” vai se enchendo até que a terra vomita aquilo que engoliu por tempo demais. O vômito da terra é o juízo de Deus. É sobre isso que a visão dos mártires fala quando diz que seria necessário que se completasse o número de seus conservos. A necessidade de completar o número é o processo pelo qual a medida da iniquidade finalmente se encheria para que acontecesse o vômito da terra. Os mártires são atendidos no toque das sete trombetas na abertura do sétimo selo (Ap 8-11).

Os acontecimentos profetizados pelo toque das sete trombetas são paralelos aos acontecimentos profetizados entre os capítulos 12 e 19. Tudo se cumpriu na transição entre o Antigo e o Novo Pacto no primeiro século. A consumação final aconteceu em 70 AD, quarenta anos depois do início do ministério público de Jesus Cristo em seu batismo. O propósito dos capítulos 12 ao 19 é dar maiores detalhes sobre os personagens e circunstâncias deste período. Por isso, antes de analisar as sete trombetas iremos identificar os principais personagens e acontecimentos dos capítulos 12 ao 19.

VIII

A Besta Que Subiu do Mar

“Então vi subir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia”. (Apocalipse 13.1)

A besta é um dos principais personagens do Apocalipse. Identificá-la é essencial para compreender o tempo em que se cumpriram as demais profecias. Na realidade, não há uma única besta, mas duas. A primeira é a que sobe do mar[1] e a segunda é a que sobe da terra[2]. Todavia, a que sobe da terra não é mais chamada de besta no resto do livro e passa a ser chamada de “falso profeta” enquanto a que sobe do mar é chamada simplesmente de “a besta”[3]. Portanto, quando nos referimos a besta, normalmente estamos falando especificamente da primeira besta, a que sobe do mar.

A origem do simbolismo com bestas que encontramos no Apocalipse está no livro de Daniel. O termo traduzido por “animal” na visão de Daniel é a palavra חַיָּוָה –cheyva[4]– no hebraico. Refere-se a animais ferozes. Também poderia ser traduzida como besta. Esse é o caso da Bíblia King James que traduz a palavra como beast. A palavra grega θηρίον – therion – traduzida como besta no Apocalipse tem o mesmo sentido. Cada besta na visão de Daniel representa um reino[5]:

“No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, teve Daniel um sonho e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito; escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas. Falou Daniel e disse: Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar”. (Dn 7.1-3)

As quatro bestas de Daniel se referem à sequência dos impérios que tiveram domínio sobre Israel desde Babilônia até o Império Romano no tempo de Jesus Cristo[6]. Daniel também teve outras visões (cf. Dn 2, 8) que se referiam aos mesmos reinos. As quatro bestas são equivalentes às quatro partes da estátua do sonho de Nabucodonosor (Dn 2). Além disso, o bode e o carneiro (Dn 8.20-21) são equivalentes ao segundo e terceiro reino do sonho da estátua e das bestas. A identidade de cada império é evidente quando analisamos as três visões paralelamente: Babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma.

O significado da quarta besta da visão de Daniel é equivalente a besta que João vê no Apocalipse: “E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono e grande autoridade”. (Ap 13.2) Assim como a quarta besta do livro de Daniel, a besta do Apocalipse não é associada a nenhum animal específico. No Apocalipse, ela todas as características das três primeiras bestas de Daniel.

O significado das sete cabeças da besta é explicado pelo o anjo no capítulo 17. Segundo o anjo “as sete cabeças são sete monte” (Apocalipse 17.9). Isso aponta para Roma. A cidade de Roma era e ainda é mundialmente conhecida como a cidade dos sete colinas, pois é cercada por sete montes. Os montes são: Capitolinus, Palatinus, Aventinus, Esquilinus, Coelius, Viminalis e Quirinalis. Além disso, o anjo revela que “são também sete reis: cinco já caíram; um existe; e quando vier, deve permanecer pouco tempo”. (Apocalipse 17.10).

Isso deixa claro que a besta necessariamente precisa ser interpretada como significando um reino que contemporâneo a João. Isso deixa claro que a besta não pode significar algo contemporâneo ou futuro a nós do século XXI. A explicação do anjo deixa claro que a besta estava em plena atividade já no tempo de João. Para interpretar a besta como significando algo contemporâneo ou futuro a nós do século XXI é preciso ignorar o que foi explicado claramente pelo anjo. As sete cabeças são os sete primeiros imperadores romanos desde que o Império foi estabelecido: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero e Galba. Isso significa que a besta era o Império Romano. E quem estava no poder quando o Apocalipse foi escrito era Nero[7].

Nero foi o primeiro imperador a iniciar uma perseguição oficial e sistemática contra os cristãos por todo o Império. O historiador romano Tácito escreveu sobre essa perseguição. Em uma de suas obras, ele descreve o famoso incêndio de Roma, provocado por Nero. Para se livrar da culpa pelo incêndio e conseguir justificativas para a perseguição, Nero culpou os cristãos.

Isto explica o Apocalipse fala tanto em perseguições e em mártires. Já na abertura do livro, o Apóstolo João diz: “Eu, João, irmão vosso e companheiro convosco na aflição, no reino, e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”. (Ap 1.9) A primeira perseguição oficial por parte do Império Romano foi iniciada por Nero em Novembro de 64 e continuou até Junho de 68[8] quando ele se matou com uma espada no pescoço[9]: “Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se-lhe autoridade para atuar por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação”. (Ap 13.5-7) Foi durante as perseguições de Nero que Paulo e Pedro foram mortos[10]. No mundo antigo Nero era conhecido pelo seu prazer por morte, tortura

e perversidade sexual – homossexualidade, incesto, pedofilia e até zoofilia. Assassinou sua própria mãe, irmão, esposa e tia. No auge de sua insanidade Nero castrou um menino chamado Sporus, passou a tratá-lo como uma mulher e até celebrou uma cerimônia de casamento com ele, vestido de imperatriz. Permaneceram vivendo como casados até a morte.

João ainda revela algo muito importante para ajudar na identificação da besta: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis”. (Ap 13.18) Muita especulação sempre existiu e ainda existe em torno desse número. Mas se queremos ser fiéis ao texto bíblico, não podemos nos esquecer de que o Apocalipse foi escrito de forma a ser compreendido pelos contemporâneos de João, pelas “sete igrejas que estão na Ásia”(Ap 1.4). Quando João mandou seus destinatários calcular o número da besta, isso realmente era possível a eles. Não seria possível somente para a Igreja mais de 2000 anos depois, mas era algo que deveria ser feito pelos primeiros leitores do Apocalipse. Se a besta já estava em plena atividade no primeiro século, então também era possível calcular o número da besta já no primeiro século para que a besta fosse identificada.

É importante lembrar que em todos os idiomas antigos, as letras não eram usadas somente como símbolos fonéticos, mas tinham também um valor numérico. No português usamos os numerais romanos da mesma forma até hoje. A letra “V” por exemplo, se refere ao número 5. A vogal “I” se refere ao número 1. No grego e no hebraico, os valores das letras seguiam a ordem do alfabeto. As primeiras nove letras representavam os valores de 1-9. A décima até a décima-nona letra representavam as dezenas (20,30,40,50, etc.). O resto das letras representavam valores de centenas (100,200, 300, etc.). Devido a esse uso duplo do alfabeto, era comum formar enigmas numéricos contendo nomes. Os gregos chamavam de “isopsephia”. Os judeus chamavam de “gimatriya”. Os eruditos modernos chamam esse fenômeno de “criptograma”. Portanto, os

primeiros leitores do Apocalipse já estariam familiarizados com essa prática. Segue abaixo a equivalência numérica das letras:

Dec.	Heb.	Dec.	Heb.	Dec.	Heb.
1	א	7	ז	40	מ
2	ב	8	ח	50	נ
3	ג	9	ט	60	ס
4	ד	10	י	70	ע
5	ה	20	כ	80	פ
6	ו	30	ל	90	צ
Dec.	Heb.				
100	ק				
200	ר				
300	ש				
400	ת				

Em hebraico o nome Nero César era נֶרוֹן קֶסֶר – pronunciado como Neron Kaiser. Nero era quem estava no poder quando o Apocalipse foi escrito – a sexta cabeça da besta. E quando calculamos o número

de seu nome, chegamos ao valor exato de **seiscentos e sessenta e seis**:

ᠠ	᠐	ᠠ	ᠠ	ᠠ	ᠠ	ᠠ	Total
200	60	100	50	6	200	50	666

A sétima cabeça da besta foi Galba, o imperador que sucedeu Nero. Segundo o anjo, ele permaneceria por pouco tempo no poder: “... o outro ainda não é vindo; e quando vier, deve permanecer pouco tempo”. (Ap 17.10) Isso se cumpriu com exatidão na pessoa de Galba. Ele foi Imperador por somente sete meses – do dia 8 de Junho de 68 até o dia 15 de Janeiro de 69.

[1] Ap 13.1-10

[2] Ap 13.11-18

[3] Ibid., 16.13; 19.20; 20.10

[4] James Strong. Strong's Exhausted Concordance of the Bible.

[5] Ver Apêndice D.

[6] Os impérios foram: Babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma.

[7] Muitos contestam dizendo que isso não pode ser verdade porque acreditam que o livro de Apocalipse teria sido escrito no final do primeiro século durante o reinado de Domiciano e Nero cometeu suicídio no ano de 68. Apesar de ser uma opinião muito difundida, as evidências a favor da datação do Apocalipse no final do primeiro século se baseiam quase inteiramente em um único escrito completamente ambíguo de Irineu, o apologista cristão do final do segundo século. Uma discussão completa sobre esse assunto pode ser encontrado em “Before Jeusalem Fell” do Rev. Kenneth Gentry.

[8] Tendo a duração de 42 meses.

[9] É possível que seja a isso que o Apocalipse tenha se referido quando diz: “... se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto...” (Ap 13.10)

[10] Segundo a tradição cristã, o apóstolo Pedro morreu crucificado de cabeça pra baixo e o apóstolo Paulo morreu decapitado. A carta aos Filipenses foi escrita quando Paulo estava preso em Roma (Fp 1.12-13,17). Nela, ele revela que havia a possibilidade de ser morto em breve (Fp 1.20-21). Com muita coragem, ele relata que foi capaz de ainda dar muitos frutos para o Evangelho na guarda pretoriana e até mesmo entre os que eram da própria casa do Imperador: “E quero irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram têm antes contribuído para o progresso do evangelho; de modo que se tem tornado manifesto a toda a guarda pretoriana e a todos os demais, que é por Cristo que estou em prisões”. (Filipenses 1.12-13) “Todos os santos vos saúdam, especialmente os que são da casa de César”. (Filipenses 4.22) Diante da tirania imperial ele declara quem era o verdadeiro Imperador: “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor...” (Fp 2.9-11) A exaltação a Jesus Cristo nestes termos não foi outra coisa se não um ataque direto contra Nero. Não sabemos exatamente quando o Apóstolo João foi exilado para a ilha de Patmos, mas é possível que tenha sido na mesma época em que Paulo em que Paulo estava preso e escrevendo Filipenses.

IX

O Culto Imperial

“E vi subir da terra outra besta... e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta...” (Apocalipse 13.11-12)

A segunda besta – o falso profeta – é diretamente ligada e dependente da primeira besta – o Império Romano. Isso indica que ela também não pode ser interpretada como significando algo em nosso próprio tempo ou futuro a nós que estamos no século XXI, mas precisa ser entendida como tendo sido diretamente ligada e dependente do Império Romano já no tempo do Apóstolo João. A primeira besta refere-se primariamente ao poder político do Império. Já a descrição segunda besta deixa claro que seu poder era primariamente religioso. Por isso, a besta que sobe da terra não é mais chamada de “besta” no resto do livro e passa a ser chamada de “falso profeta” enquanto a que sobe do mar é chamada simplesmente de “a besta”[1]. O título de “falso profeta” reflete o fato de sua função ser primariamente religiosa.

O Império Romano era uma teocracia pagã[2]. O paganismo imperial era administrado pelo Collegium Pontificum – o Colégio de Pontífices. Ao Colégio de Pontífices competia a suprema superintendência de todos os assuntos referentes à religião, assim como matérias relacionadas ao interesse público e à vida privada. Além disso, era a instituição responsável pela guarda dos livros que continham as regras rituais, e também por dar consultas a qualquer

um que solicitasse informações em matéria de religião. Religião esta que, em Roma, alcançava os mais variados assuntos. Ao Colégio incumbia a tarefa de zelar pela observância da religião e dos ritos, evitando que qualquer irregularidade pudesse surgir da negligência no cumprimento dos antigos costumes, ou da tentativa de introdução de ritos estrangeiros. Os pontífices determinavam a forma de adoração dos deuses da cidade, assim como passaram, com o tempo, a dispor sobre a forma própria de enterro e até de interpretação dos fenômenos da natureza. Era Collegium Pontificum o responsável por promover o culto e a adoração ao imperador. Juramentos precisavam ser feitos em nome do espírito do imperador e sua imagem precisava ser adorada publicamente. O culto imperial foi um dos fatores da centralização e de unificação do Império Romano, sendo essencial para a sobrevivência de Roma e por isso eram tratados como traidores aqueles que o negligenciava. O paganismo romano era o fundamento do poder político do Império. A segunda besta – o falso profeta – eram os promotores do paganismo imperial, administrado pelo Colégio de Pontífices.

O paganismo romano tinha dois aspectos importantes. Primeiro, havia o culto e a adoração aos deuses sancionados por Roma. Segundo, havia o culto e a adoração aos imperadores. A aprovação dos deuses não dependia tanto do comportamento moral de uma pessoa, mas da observância precisa de rituais religiosos. Os deuses não eram como o Deus de Israel, reconhecido por sua santidade e exigindo dos homens uma conduta igualmente santa. Cada deus precisava de uma imagem – geralmente uma estátua ou relevo em pedra ou bronze – e um altar ou templo no qual se ofereciam orações e sacrifícios. Pedidos e orações eram apresentadas aos deuses como uma troca: se o deus fez o que foi solicitado (chamado de *nuncupatio*), então o adorador promete fazer uma determinada coisa em troca (chamada de *solutio*). Para convencer os deuses a favorecer os pedidos, um adorador poderia fazer oferendas de comida ou vinho, ou realizar um ritual de sacrifício de um animal antes de comê-lo. O lado público da religião era mais organizado e mais formal do

que o privado. Em casa, o chefe da família realizava os rituais religiosos para sua família. Fora dos lares, os deuses eram adorados pelo Estado, que empregava colégios de sacerdotes altamente treinados e sacerdotisas.

Na prática, Roma não estava tão preocupado com as diversas religiões, filosofias e cultos que surgiam no império, no entanto que cada uma delas se conformasse às normais morais do Império e as exigências da adoração e culto imperial. A perseguição e intolerância só existiam à medida que o Império sentia que alguma religião ou sistema filosófico era uma ameaça as bases do Império. O que nós precisamos entender claramente é que os primeiros cristãos não foram perseguidos simplesmente porque adoravam Jesus Cristo. Onde o paganismo é a norma, mais um ou menos um deus faz pouca diferença. Os primeiros leitores do Apocalipse não foram perseguidos simplesmente por prestar culto e adoração a Jesus Cristo, mas porque adoravam Jesus Cristo somente, o serviam incondicionalmente e não estavam dispostos a dividir ou seu culto com outros deuses e senhores. Diante do culto ao Imperador e a sua imagem, eles estavam firmes na verdade revelada pelo único Deus verdadeiro, o Deus de Israel: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás diante delas, nem as servirás...” (Ex 20.3-5)E também: “Pois, ainda que haja também alguns que se chamem deuses... para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós vivemos; um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual existem todas as coisas, e por ele nós também”. (I Co 8.5-6)

Jesus Cristo não é um mero homem que nasceu há mais de dois mil anos. Ele é ninguém menos do que o único Deus verdadeiro, o Deus Todo-Poderoso encarnado, conforme o Isaías previu séculos antes: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Do aumento

do seu governo e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para estabelecê-lo e o fortificar em retidão e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos exércitos fará isso”.(Is 9.6-7) Por isso, é a obrigação de todos os homens adorá-lo e cultuá-lo como Deus da mesma maneira que fez Tomé: “Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu, e Deus meu!”(Jo 20.27-28)

Foi sabendo disto e querendo rivalizar com o Deus de Israel que Satanás não somente fazia com que falsos deuses fossem adorados, mas fez também com que os imperadores romanos fossem reconhecidos e adorados como sendo encarnações e manifestações humanas destes falsos deuses. Os césores de Roma eram adorados como deuses, sendo oficialmente designados com os títulos de Sebastos[3], Divus[4] e Theos[5]. Normalmente o culto aos imperadores acontecia depois que morriam. Mas diferente dos demais, Calígula e Nero promoveram o adoração a si mesmos quando ainda estavam vivos. Calígula – a quarta cabeça da besta – acreditava ser Zeus encarnado. O historiador Flávio Josefus escreveu sobre como ele queria impor seu culto até mesmo no templo de Deus em Jerusalém:

“Ele estendeu sua impiedade até mesmo contra os judeus. Enviou Petrônio com um exército a Jerusalém para colocar suas estátuas no Templo, e ordenou-lhe que, caso os judeus não autorizassem, ele deve matar aqueles que criassem oposição, e levar todo o resto para em cativeiro”.[6]

A única coisa que impediu que sua imagem fosse de fato instalada no templo de Deus em Jerusalém foi que ele morreu assassinado. Nero – a sexta cabeça da besta – acreditava ser a encarnação do deus Apollo. Foi reconhecido como “Deus Todo-Poderoso” e “Salvador

do mundo”. O historiador Dio Cassius[7] descreveu o culto a Nero prestado por Tiridates, rei da Armênia:

“De fato, a conferência não se limitou a meras conversas. Uma plataforma elevada foi erigida e imagens de Nero foram postas em cima. Na presença dos armênios, partos e romanos Tiridates se aproximou das imagens e prestou-lhes reverência. Então, depois de sacrificar a elas, chamando-as por nomes grandiosos nomes, ele tirou o diadema de sua cabeça e pôs sobre elas... Tiridates publicamente se prostrou diante de Nero que estava assentado na rostra no Fórum: ‘Mestre, eu sou descendente de Arsaces, irmão dos reis Vologaesús e Pacorus, e teu escravo. E eu vim a ti, meu Deus, para adorar-te como eu faço com Mitra. O destino que determinaste para mim será meu, porque tu és a minha Fortuna e meu Destino’.”.[8]

Na mesma obra, ele fala sobre o destino de um senador romano que se recusou a prestar culto e sacrifícios a “divina” habilidade musical de Nero:

“Thrasaea foi executado porque ele deixou de aparecer regularmente no Senado... e porque ele nunca ia... fazer sacrifícios a Voz Divina Nero como faziam o resto”.[9]

Dio Cassius escreveu também sobre como Nero foi recebido em Roma em 68 A.D. ao voltar de uma viagem para a Grécia:

“Nero foi deificado pelos gregos como ‘Zeus, nosso Libertador’. Sobre o altar de Zeus no templo principal da cidade eles escreveram as palavras ‘a Zeus, nosso Libertador, a saber, Nero eternamente’. No templo de Apolo eles colocaram a sua estátua e o chamavam de ‘o novo sol, iluminando os helenos’, e ‘o único amante dos gregos de todos os tempos’.”.[10]

Segundo o Apocalipse, o paganismo imperial não era promovido somente pelo poder da espada e da perseguição implacável, mas

também pela operação de sinais e prodígios: “E operava grandes sinais... e, por meio dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta, enganava os que habitavam sobre a terra...” (Ap 13.13-14) Quanto a isso, devemos lembrar que a Bíblia nunca atribui a capacidade de operar sinais e prodígios somente aos servos e profetas de Deus. As Escrituras continuamente avisam sobre o perigo de não ser enganado falsos profetas que também manifestam a capacidade de operar sinais e prodígios.

Deus avisou sobre o perigo de falsos profetas que seriam capazes de operar sinais e prodígios: “Se se levantar no meio de vós profeta, ou sonhador de sonhos, e vos anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o sinal ou prodígio de que vos houver falado, e ele disser: Vamos após outros deuses – deuses que nunca conhecestes – e servamo-los! Não ouvireis as palavras daquele profeta, ou daquele sonhador...” (Dt 13.1-3). O próprio Jesus avisou sobre o mesmo perigo “... hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”. (Mt 24.24) Os magos do Egito eram capazes de transformar varas em serpentes: “Faraó também mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os magos do Egito, também fizeram o mesmo com os seus encantamentos. Pois cada um deles lançou a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão trouxe as varas deles”. (Ex 7.11-12) No Novo Testamento, lemos sobre as feitiçarias de Simão: “Ora, estava ali certo homem chamado Simão, que vinha exercendo naquela cidade a arte mágica, fazendo pasmar o povo da Samária, e dizendo ser ele uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o menor até o maior, dizendo: Este é o Poder de Deus que se chama Grande”. (At 8.9-10) A Bíblia nunca diz que o poder sobrenatural seja uma garantia que alguém seja um verdadeiro servo de Deus. A única garantia é que os ensinamentos estejam em conformidade com a Palavra de Deus. Os que se guiam por sinais e prodígios sem considerar se os ensinamentos dos que operam tais sinais são conforme a Palavra de Deus sofrem grandes riscos de

serem enganados por falsos mestres e falsos profetas. Sobre isto, João Calvino escreveu com muita clareza:

“A marca distintiva da boa doutrina, da qual o autor é Cristo, é esta: Ela não se inclina a buscar a glória dos homens, mas a de Deus (Jo 7.18; 8.50)... Convém que tenhamos sempre em mente que Satanás tem seus milagres, os quais, embora sejam falazes prestidigitações, antes que genuínos prodígios, entretanto são de tal natureza, que podem seduzir os desavisados e simplórios (II Ts 2.9, 10). Mágicos e encantadores sempre se destacaram por seus milagres. A idolatria sempre foi nutrida por milagres de causar pavor. Contudo, eles não legitimam nossa superstição, nem dos magos, nem dos idólatras”.^[11]

Nós não podemos subestimar a realidade e força de manifestações sobrenaturais para popularizar falsas religiões e heresias. Falsas religiões e heresias não se estabelecem no mundo simplesmente porque as pessoas são ingênuas demais pra perceber que se trata de falsidade. Na maioria dos casos, a inspiração satânica que rege as falsas religiões não somente cuida que a mentira seja bem propagada, mas também faz com que sinais e prodígios acompanhem a divulgação das mentiras. Jesus não estava blefando quando disse que os falsos profetas fariam “grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”. (Mt 24.24) Apesar disso, não devemos ser ingênuos pra acreditar que todo suposto sinal e prodígio operado por falsos profetas sejam de fato manifestações sobrenaturais. Demônios são comprometidos com a divulgação da mentira e nunca com a verdade. O propósito é que falsas religiões e heresias sejam bem divulgadas e seguidas. Isto é feito de qualquer maneira que puderem, seja por manifestações sobrenaturais legítimas, seja por meros truques e ilusionismo. Desta maneira, não foi sem charlatanismo, truques, sinais e prodígios de mentiras que o paganismo romano era promovido e difundido por todo Império.

Além de promover o culto Imperial, o Apocalipse diz também que a segunda besta “fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um sinal na mão direita, ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal...” (Ap 13:16-17) Assim como é o caso do número da besta, a marca da besta também sempre foi causa de muita especulação. Muitos daqueles que interpretam a besta como significando algo contemporâneo ou futuro a nós que estamos no século XXI acreditam que a marca da besta será algum tipo de chip implantado sob a pele das pessoas de forma que esse se torne o único meio de efetuar transações econômicas. Costumam acreditar que existe em nosso próprio tempo uma conspiração mundial para unificar todo o sistema econômico do mundo de forma que tudo seja submetido ao poder da besta. Mas em um livro cheio de dragões, bestas e criaturas semelhantes, é fatal achar que não devemos pensar duas vezes antes de entender as visões literalmente. Devemos comparar Escritura com Escritura e não Escritura com nossa própria imaginação para chegar a conclusões sólidas sobre o que cada símbolo significa. Devemos procurar na própria Bíblia pistas pra compreender o que o Apocalipse significa em vez de deixar nossa imaginação voar com base no noticiário do dia.

A ideia de um povo sendo marcado na testa ou na mão tem origem no livro de Deuteronômio: “Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás por sinal na tua mão e te serão por frontais entre seus olhos”. (Dt 6.4-8) Este mandamento foi citado por Jesus Cristo como sendo maior de todos os mandamentos da Lei de Deus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento”. (Mt 22.36-38) O coração, sendo

um órgão de nosso corpo, não pode ser aberto por meio de uma cirurgia pra que literalmente escrevamos palavras lá. Também não era possível que toda a Lei de Deus fosse literalmente atada na mão ou na testa entre os olhos[12]. A ordem de Deus aqui não pode possivelmente ser entendida literalmente. A linguagem aqui é evidentemente figurada.

Na Bíblia o coração costuma se referir figuradamente ao centro das vontades, desejos e intenções do homem. Quando Deus diz que sua Lei deve ser inscrita em nossos corações, ele não está mandando que façamos uma cirurgia. Ele está ordenando que nossas vontades e desejos sejam submissos aos seus mandamentos. Assim também, quando ele fala da Lei de Deus na testa diante de nossos olhos, ele está falando figuradamente que devemos amar a Deus “de todo o teu entendimento”. (Mt 22.37) E quando Deus fala de sua Lei atada em nossa mão, ele está falando figuradamente do dever de amá-lo “de todas as tuas forças”. (Dt 6.5)

Esse é o pano de fundo para a visão da marca da besta. Os servos da besta não tem a Lei de Deus atada na testa (mente) ou na mão (força). Eles não prestam obediência a Deus e sim a besta. O objetivo do Apocalipse não era alertar sobre um chip que só viria séculos depois. Era alertar sobre o perigo de prestar obediência e culto aos imperadores de Roma. Era alertar sobre o perigo de substituir os mandamentos de Jesus Cristo pelos mandamentos de deuses pagãos. Quando João mandou seus destinatários não fossem marcados pela besta, isso realmente era uma possibilidade a eles. Não seria possível somente para nós mais de dois mil anos depois, mas era algo para aqueles que estavam sendo perseguidos e caçados por Roma. Aqueles que se recusavam a adorar Nero eram brutalmente perseguidos. Não podiam levar suas vidas normalmente. Não podiam comprar ou vender. Perdiam a casa, a família, os bens, a honra e até a própria vida.

A marca da besta não é a única marca do Apocalipse. Alguns versos depois, lemos sobre outros que também foram marcados: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na testa escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) Esta não era uma tatuagem que Deus faria na testa de seus eleitos. É somente uma forma figurada de falar da obediência daqueles que tiveram coragem de resistir ao Império. Podiam ser roubados, perseguidos e brutalmente assassinados. Mas “venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte”. (Ap 12.11) Isto é o que o próprio Jesus já havia ensinado: “Quem achar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á”. (Mt 10.39)

A relação entre o poder político do Império Romano e os promotores do paganismo imperial nos serve de lição para entender questões importantíssimas sobre o funcionamento do mundo. A função da segunda besta era fazer com que o sistema religioso, a ideologia, a economia e toda a forma de pensar dos habitantes do Império Romano fosse de maneira que justificasse o poder político do Império. Para que o Império Romano deixasse de ser o que era, seria necessário que primeiro fosse minada e subvertida as bases do paganismo romano. O filósofo e economista Friedrich Hayek descreveu bem a questão:

“A sociedade só mudará de rumo se houver mudança no campo das ideias. Primeiro você tem que se dirigir aos intelectuais, professores e escritores, com uma argumentação bem fundamentada. Será a influência deles sobre a sociedade que prevalecerá e os políticos seguirão atrás”.

O que precisamos entender nesta relação é que em todo sistema de poder e autoridade precisa que seja difundida entre o povo uma ideologia, uma filosofia, uma cosmovisão que sirva pra fortalecer a sua autoridade. Isto pode ser verificado em todas as épocas e em todas as formas de governo. No caso do Império Romano, a

ideologia que estabelecia, fortalecia e justificava a autoridade dos imperadores era o paganismo imperial. A política romana era somente o desenvolvimento lógico e a aplicação na esfera política da religião e modo de pensar dos habitantes do Império. O poder político do Império Romano não poderia existir da maneira que existiu sem que o paganismo romano fosse da maneira que era.

Podemos ver esse princípio em pleno funcionamento na história do povo de Israel. Para que a monarquia tivesse espaço em Israel, foi necessário primeiro que mudasse a mentalidade do povo. Foi necessário que suas ideias políticas fossem moldadas a partir de pressupostos pagãos, invejando o sistema político das nações vizinhas:

“Então todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram ter com Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos. Constitui-nos, pois, agora um rei para nos julgar, como o têm todas as nações. Mas pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei para nos julgar. Então Samuel orou ao Senhor. Disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não é a ti que têm rejeitado, porém a mim, para que eu não reine sobre eles. Conforme todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até o dia de hoje, deixando-me a mim e servindo a outros deuses, assim também fazem a ti”. (I Samuel 8.4-8)

Os falsos profetas e sacerdotes apóstatas tinham um papel fundamental na transformação da mentalidade do povo:

“Pois os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos. Mas vós vos desviastes do caminho; a muitos fizestes tropeçar na Lei; corrompestes o pacto de Levi, diz o Senhor dos exércitos”.(Malaquias 2.7-8)

“O ancião e o varão de respeito, esse é a cabeça; e o profeta que ensina mentiras, esse é a cauda. Porque os que guiam este povo o desencaminham; e os que por eles são guiados são devorados”. (Isaías 9.15-16)

Se quisermos entender porque as coisas são da maneira que são em nosso próprio contexto histórico, uma das primeiras coisas que precisamos fazer é identificar quem são os nossos “falsos profetas” que promovem o culto às “novas bestas”. Não há dúvidas de que a besta e o falso profeta do Apocalipse se cumpriram no passado. Mas as Escrituras continuamente mostram que narrativas de acontecimentos passados e as profecias de eventos que já se cumpriram não têm importância somente para aqueles que viveram na época em que aconteceram: “Tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso...”. (I Co 10.11) Sendo assim, a besta e o falso profeta servem de exemplo e aviso para nós que vivemos tantos séculos depois. Assim como os cristãos no tempo de João, nós também agora precisamos identificar quem são as novas bestas e os novos falsos profetas. Precisamos identificar quais são as novas formas de poder que se colocam contra a verdade de Deus e quem são os responsáveis por promover as crenças, a ideologia e toda a forma de pensar que sustentam este poder. Precisamos identificar quais são os verdadeiros interesses daqueles que promovem a mentalidade e forma de pensar dos homens em nossos dias. Precisamos identificar de que maneira os homens em nossos dias marcados na mão e na testa, de que forma a lei da besta é escrita em seus corações, de que forma é promovido o culto e adoração aos novos “imperadores”. E acima de tudo, precisamos proclamar quem é único e verdadeiro Imperador – Jesus Cristo. Acima de tudo, precisamos reconhecer qual é a única e verdadeira Lei – a Lei do Todo-Poderoso Deus de Israel. Precisamos ser marcados com o selo de Deus no lugar da marca da besta. Como está escrito:

“Tendo cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens,

segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade, e tendes a vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade”.(Cl 2.8-10)

Cristãos contemporâneos desperdiçam tempo, papel e tinta demais falando sobre a besta que acreditam que virá e sobre conspirações mundiais para estabelecer seu reino. Os danos causados para missão da Igreja por causa de uma perspectiva assim são incalculáveis. Primeiro, os cristãos que não acreditam mais que nações inteiras possam ser transformadas pelo poder do Evangelho porque acreditam que há uma conspiração predestinada, profetizada e, portanto, inevitável para que o mundo seja completamente dominado pela besta. Ao se convencer de que a besta está prestes a dominar o mundo inteiro, os cristãos inevitavelmente deixam de ter motivos para lutar para que o Evangelho de Jesus Cristo domine o mundo inteiro. Por isso não é mais comum ouvirmos cristãos piedosos pedirem a Deus para nosso país aquilo que John Knox pediu sobre a Escócia: “Ó Deus, dá-me a Escócia ou morrerei!”

Outro problema sério é que quando a Igreja se foca em se preparar para a vinda de uma besta futura ela não percebe que muitos dos sucessores da besta e do falso profeta já estão em plena atividade entre nós. Nos programas de televisão, nos jornais, nas músicas, no cinema, nas escolas, nas universidades e até mesmo em muitas igrejas, “filosofias e vãs sutilezas” (Cl 2.8) são propagadas sistematicamente por novos falsos profetas cujo objetivo é promover o poder, autoridade e as estruturas de poder das novas bestas. O que seriam das inúmeras leis de proteção à homossexualidade ou de defesa ao aborto que a cada dia cresce no mundo se anos antes coisas como o existencialismo, o marxismo, o evolucionismo, o liberalismo teológico, o feminismo, o secularismo, o ateísmo e tantos outros meios de subversão e relativização da moral não tivesse sido tão difundido na mídia, nas escolas, nas universidades, nos seminários? Da mesma maneira que a função do paganismo imperial era fazer

com que a forma de pensar dos habitantes do Império Romano fosse de maneira que justificasse o poder político de Roma, também agora o objetivo dos grandes formadores de opinião de nossa geração é perpetuar o domínio de uma política a cada dia mais iníqua e abominável. E não nos deixemos enganar. Os modernos falsos profetas têm seus “sinais” também. O tempo que cristãos contemporâneos desperdiçam tentando identificar a besta que acreditam que virá seria mais bem gasto identificando os falsos profetas e as bestas que já estão entre nós. Se compreendessem que a besta do Apocalipse já veio e foi derrotada entenderiam também que nossa luta contra as novas bestas não será vã porque elas também serão eventualmente derrotadas.

- [1] Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10
- [2] Beard, North, Price. *Religions of Rome: Volume I*. Cambridge University Press, 1998.
- [3] Alguém que deve ser adorado.
- [4] Divino.
- [5] Deus.
- [6] Flávio Josefus, *Guerra dos Judeus*, Livro II, 10.1.
- [7] Dio Cassius foi um notável historiador romano e funcionário público. Publicou uma *História de Roma* em 80 volumes.
- [8] Dio Cassius, *História Romana*, 62.5.2.
- [9] *Ibid.*, 62.26.3
- [10] Arthur Weigall, *Nero: Emperor cfti* (London: Thornton Butterworth, 1933), p. 276.
- [11] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*. Livro I, “A Função dos Milagres”.
- [12] Há judeus tentam cumprir isso literalmente por meio do que chamam de Tefilin. Tefilins, também conhecidos como filactérios, são duas caixinhas de couro, cada qual presa a uma tira de couro de animal, dentro das quais está contido um pergaminho com os quatro versos da Torá em que se baseia o uso dos filactérios: Êxodo 13.1-10, Êxodo 13.11-16, Deuteronômio 6.4-9 e Deuteronômio 11.13-21. Em seu método de utilização coloca-se uma caixinha no braço e enrola-se uma das tiras na mão enquanto e a outra caixinha é colocada na testa, entre os olhos, como frontal. Mas os Tefilins não podem ser reconhecidos como um meio válido de cumprir o mandamento. Primeiro, quando Deus diz “estas palavras que hoje te ordeno” ele não está se referindo somente ao que diz estes versos. Refere-se a toda a Lei que estava sendo ensinada naquela ocasião. Segundo, se a ordem aqui deve ser entendida literalmente, por qual motivo não cumprem literalmente também a ordem de que tais coisas estivessem escritas em seus corações?

X

Mulheres no Deserto

“E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Apocalipse 12.14)

É importante notar que a visão da besta e do falso profeta ocorre logo após a visão da fuga da mulher para o deserto. A visão da mulher que foge para o deserto aparece no capítulo 12. Já a visão da besta e do falso profeta aparece no capítulo 13. Há um motivo muito importante pra isso. Para entender, temos que primeiro encontrar o significado da mulher:

“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça...” (Apocalipse 12.1-5)

No livro de Gênesis encontramos o significado dos símbolos desta visão. O sol, a lua e as estrelas remetem ao sonho de José, filho de Jacó:

“Teve José outro sonho, e o contou a seus irmãos, dizendo: Tive ainda outro sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam perante mim”. (Gênesis 37.9)

O sonho de José se cumpriu quando ele foi governante no Egito. Inicialmente ele foi parar no Egito porque foi vendido como escravos por seus próprios irmãos[1]. Depois de muitos anos, houve fomes em muitos lugares e família de José foi diretamente afetada[2]. Inicialmente, o Egito também havia sido afetado pela fome. Mas sob o comando de José, o Egito conseguiu se livrar da fome de tal maneira que outros povos iam até o Egito pra conseguir comida[3]. Entre os que subiram ao Egito pra se livrar da fome, estava a família de José:

“Ora, Jacó soube que havia trigo no Egito, e disse a seus filhos: Por que estais olhando uns para os outros? Disse mais: Tenho ouvido que há trigo no Egito; descei até lá, e de lá comprai-o para nós, a fim de que vivamos e não morramos. Então desceram os dez irmãos de José, para comprarem trigo no Egito. Mas a Benjamim, irmão de José, não enviou Jacó com os seus irmãos, pois disse: Para que, porventura, não lhe suceda algum desastre. Assim entre os que iam lá, foram os filhos de Israel para comprar, porque havia fome na terra de Canaã. José era o governador da terra; era ele quem vendia a todo o povo da terra; e vindo os irmãos de José, prostraram-se diante dele com o rosto em terra”. (Gênesis 42.1-6)

É por isso que no sonho de José, o sol, a lua e as estrelas são “se inclinavam” perante ele. A inclinação se refere a situação de sua família na qual se tornaram economicamente dependentes dele pra conseguirem sobreviver. O sol representava seu pai Jacó, a lua representava sua mãe Rebeca. As onze estrelas representavam seus irmãos.

Posteriormente, o nome de Jacó e sua família foram associados à nação de Israel. O motivo desta associação é que o povo Israel era formado pelos descendentes de Jacó e seus filhos. Deus mudou o nome de Jacó pra Israel[4] – o mesmo nome pelo qual seria chamada a nação. É por isso que em muitos lugares, vemos o povo de Israel sendo chamado simplesmente de Jacó[5]. Os doze filhos de Jacó

deram origem às doze tribos de Israel[6]. O nome das tribos eram os nomes dos filhos de Jacó. Com isso em mente, devemos concluir que a descrição da mulher em Apocalipse 12 tem como objetivo identifica-la com a nação de Israel.

Isto fica ainda mais claro ao refletir sobre a fuga da mulher para o deserto:

“E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Apocalipse 12.14)

O livro de Êxodo faz referência às asas da águia:

“Então subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz: aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim”. (Êxodo 19.3-4)

Em Deuteronômio, vemos com mais clareza seu significado:

“Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança. Achou-o numa terra deserta, e num erma de solidão e horrendos uivos; cercou-o de proteção; cuidou dele, guardando-o como a menina do seu olho. Como a águia desperta o seu ninho, adeja sobre os seus filhos e, estendendo as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho”. (Deuteronômio 32.9-12)

Assim como a águia cuida de seus filhos e leva os seus filhos sobre as suas asas, o Senhor cuidou de Israel e o tirou da escravidão do Egito. A libertação de Israel do Egito significou o estabelecimento do Antigo Pacto por meio de Moisés. Da forma parecida, o Novo Pacto foi estabelecido por meio de Jesus Cristo. O objetivo desta visão é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto

como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados estabelecimento do Novo Pacto. O Apocalipse está dizendo que com o estabelecimento do Novo Pacto o povo de Israel passaria por acontecimentos semelhantes ao que passou quando o Antigo Pacto foi estabelecido.

Uma das associações que o texto faz entre o estabelecimento do Antigo Pacto e o estabelecimento do Novo Pacto é em relação ao filho da mulher: “E o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe devorasse o filho. E estando grávida, gritava com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz...”(Ap 12:2-5)O filho da mulher é evidentemente Jesus Cristo, que nasceu da nação de Israel: “... os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente”. (Rm 9.4-5)O Dragão representa “o Diabo e Satanás”. (Ap 20.2) A tentativa do Dragão de matar Jesus Cristo se cumpriu por meio de Herodes: “... eis que um anjo do Senhor apareceu a José em sonho, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para matá-lo. Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito... Então Herodes... irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores...”(Mt 2.13-14,16)Moisés sofreu algo parecido quando era um bebê recém-nascido. A diferença é que no caso de Moisés, o objetivo de Faraó era assassinar todos os meninos hebreus e não somente Moisés “Falou o rei do Egito às parteiras das hebreias, das quais uma se chamava Sifrá e a outra Puá, dizendo: Quando ajudardes no parto as hebreias, e as virdes sobre os assentos, se for filho, matá-lo-eis; mas se for filha, viverá”. (Ex 1.15-16) Moisés só não morreu porque foi salvo pela filha de Faraó[7].

O Apocalipse diz também que o Filho “há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono”. (Ap 12.5) Isto se refere à ascensão de Jesus Cristo após sua morte e ressurreição. Mediante sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus Cristo recebeu o domínio sobre todas as coisas: “E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide, ensinais todas as nações...” (Mt 28.18-19) “Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus”. (Mc 16.19) “Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por possessão. Tu os quebrarás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra”. (Sl 2.8-10)

Sobre a passagem pelo deserto, a visão diz que “a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias”. (Ap 12.6) O que a visão está mostrando aqui é que Israel passaria por um período de tribulação. O deserto representa a tribulação. Mas ao mesmo tempo, o texto diz que mesmo em meio ao deserto, a mulher seria “sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Ap 12.14) O que isso nos ensina é que o cuidado de Deus por seu povo não significa que seu povo fique imune de tribulações. Deus nunca prometeu tal imunidade. O que ele prometeu é que seu povo estaria sob os seus cuidados mesmo em meio às tribulações: “Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”. (Jo 16.33) O absoluto cuidado de Deus mesmo entre as tribulações pode ser visto na vida do próprio Jesus quando ele mesmo passou pelo deserto: “E estive no deserto quarenta dias sentado tentado por Satanás; estava entre as feras, e os anjos o serviam”. (Mc 1.13)

A visão revela também o tempo que a tribulação duraria: “mil duzentos e sessenta dias” (v.6), “um tempo, e tempos e metade de

um tempo”(v.14). Mil duzentos e sessenta dias são equivalentes a três anos e meio. Portanto, “um tempo, e tempos e metade de um tempo” deve ser entendido como um período de três anos e meio. Não há qualquer evidência na própria visão sobre o que o número significa ou a que época se refere. Mas se considerarmos que três anos e meio é equivalente a quarenta e dois meses, é provável que a tribulação da mulher no deserto tenha ligação com o que o capítulo 13 fala sobre a perseguição da besta. Já foi demonstrado que a perseguição de Apocalipse 13 refere-se primariamente a primeira perseguição oficial por parte do Império Romano, promovida por Nero. Começou em Novembro de 64 e continuou até Junho de 68, tendo uma duração de 42 meses: “Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se lhe autoridade para atuar por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação”.(Ap 13.5-7)Devemos entender então que a tribulação representada pelo deserto que a mulher passaria refere-se à perseguição promovida por Nero.

Que os mil duzentos e sessenta dias seja uma referência à perseguição promovida pela besta fica ainda mais claro quando levamos em consideração que o objetivo da visão é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar acontecimentos relacionados estabelecimento do Novo Pacto no primeiro século. Quanto a isso, é importante notar que a visão da besta e do falso profeta ocorre no capítulo 13, logo após a visão da fuga da mulher para o deserto. Enquanto a primeira besta representa o que era o poder político de Roma, a segunda besta – o falso profeta – representa o que era seu poder religioso. Quando Israel esteve no deserto após ser liberto do Egito, também foi obrigada a enfrentar dois inimigos: Balaque, rei de Moabe e Balaão, o falso profeta. O que o Apocalipse está dizendo com isso é que o Império Romano seria um inimigo de Israel no primeiro século da mesma forma que os moabitas haviam sido um inimigo de Israel nos

tempos de Moisés. Assim como Israel teve que enfrentar Balaque e Balaão no deserto, teria que enfrentar o Império Romano agora.

Quando o povo Israel chegou às planícies de Moabe, os moabitas fizeram aliança com os midianitas. Balaque era rei de Moabe e conseguiu que anciões das duas nações fossem comprar os serviços do falso profeta Balaão[8]. O objetivo era que ele, com suas feitiçarias, lançasse maldições sobre os israelitas. As coisas não deram muito certo até que sob o conselho de Balaão, os midianitas enviaram suas mulheres ao acampamento para se prostituir com os israelitas e levá-los ao culto a Baal – o deus dos moabitas e midianitas. O livro de Números nos conta do trágico resultado para os israelitas que caíram na armadilha:

“Ora, Israel demorava-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas de Moabe, pois elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses... Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, fizeram que os filhos de Israel pecassem contra o Senhor no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor”. (Números 25.1-2; 31.16)

O Apóstolo Paulo comentou o acontecimento em sua carta aos Coríntios:

“Pois não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar; e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés, e todos comeram do mesmo alimento espiritual; e beberam todos da mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles; pelo que foram prostrados no deserto. Ora, estas coisas nos foram feitas para exemplo, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos torneis, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber,

e levantou-se para folgar. Nem nos prostituamos como alguns deles fizeram; e caíram num só dia vinte e três mil”. (I Coríntios 10.1-8)

Assim como acontece no Apocalipse, o Apóstolo Paulo usa os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados em sua própria época sob o Novo Pacto. E também como o Apocalipse, ele usa a história de Balaque e Balaão como um exemplo para aqueles que viviam sob o domínio da besta, o Império Romano. O Apóstolo Paulo argumenta que o paganismo do Império Romano era semelhante à idolatria de Balaque e Balaão. Portanto, aqueles que eram participantes do paganismo romano teriam a mesma condenação que os israelitas idólatras tiveram no deserto.

A mesma comparação é feita pelo próprio Jesus no começo do Apocalipse: “Entretanto, algumas coisas tenho contra ti; porque tens aí os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, introduzindo-os a comerem das coisas sacrificadas a ídolos e a se prostituírem” (Ap 2.14). Aqui Jesus Cristo está se referindo ao paganismo do Império Romano. O paganismo romano era para os habitantes do Império Romano o mesmo que o paganismo de Balaque e Balaão havia sido no tempo de Moisés. A tentação do paganismo no Império Romano era equivalente à tentação do paganismo de Balaque e Balaão. Ao falar da doutrina de Balaão, Jesus Cristo estava falando figuradamente do paganismo Imperial.

A apostasia de muitos israelitas diante da armadilha de Balaque e Balaão não foi um fato isolado na história de Israel. Por meio do profeta Jeremias, Deus reclamou de Israel que “desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito, até hoje, tenho-vos enviado insistentemente todos os meus servos, os profetas, dia após dia; contudo não me deram ouvidos, nem inclinaram os seus ouvidos, mas endureceram a sua cerviz”. (Jr 7.25-26) O significado e as

implicações dessa apostasia contínua do povo de Israel foram explicados pelo Apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos:

“Digo a verdade em Cristo, não minto, dando testemunho comigo a minha consciência no Espírito Santo, que tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da Lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém”. (Romanos 9.1-5)

Assim como os antigos profetas lamentavam pelos incrédulos de Israel, Paulo também lamentou: “Tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração” (v.1). Como ele escreveu também aos Filipenses: “porque muitos há, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo”.(Fp 3.18) Mesmo considerando a realidade da apostasia de Israel, Paulo logo em seguida descreve Israel de maneira sublime: “de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém”.(Rm 9.1-5) E logo em seguida, ele avisa: “E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado”.(Rm 9.6) Aqui devemos nos perguntar:

- 1) Por qual motivo Paulo teve a necessidade de lembrar aos seus leitores que a Palavra de Deus não havia falhado?
- 2) O que é que ele havia acabado de dizer que poderia causar a impressão de que a Palavra de Deus havia falhado de forma que era necessário que ele corrigisse essa impressão errada?

O questionamento que Paulo precisava responder aí era: Se dos israelitas era “a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei,

e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne” (v. 4-6) como isso poderia ser reconciliado com o fato de que a maior parte dos judeus rejeitava a Jesus como o Cristo e, portanto não era participante das promessas que encontravam nele somente o cumprimento? O questionamento que Paulo precisava responder era: Se Jesus era o Messias prometido a Israel, por que isso não era reconhecido pela maior parte de Israel? Mediante o que Paulo estava ensinando, a maior parte de Israel seria condenada por Deus, pois a maior parte dos israelitas não cria em Jesus Cristo. Como reconciliar isso as promessas de um Messias como o Salvador de Israel? Afinal, o próprio Apocalipse não revela que Deus protegeria Israel? Não é isso o que a visão da mulher que fugiu para o deserto ensina? Isso é o que Paulo se propõe a responder do capítulo 9 ao capítulo 11 de Romanos:

“E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa”. (Romanos 9.6-8)

O argumento de Paulo começa com a história de Abraão no livro de Gênesis. Se o propósito de Paulo era falar da História de Israel, nada mais coerente do que ele começar falando de Abraão, o pai da nação:

“Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque, disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho. Pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho. Disse, porém, Deus a Abraão: Não te pareça isso mal por causa do moço e por causa da tua serva; atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque em Isaque será chamada a tua descendência”. (Gênesis 21.9-12)

Abraão era o pai da nação de Israel por meio de Isaque. E como todo judeu sabia, além de Isaque, Abraão teve também Ismael. Mas como todo judeu também sabia Ismael não foi contado como herdeiro da promessa, mas era somente Isaque o filho da promessa. “Em Isaque será chamada a tua descendência” (v. 12) e não em Ismael. Como diz também:

“Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência. Quanto a Ismael, eu te ouvi: abençoá-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação. A minha aliança, porém, estabelecê-la-ei com Isaque, o qual Sara te dará à luz, neste mesmo tempo, daqui a um ano”. (Gênesis 17.19-21)

O que Paulo começa a provar com isso é que “nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos”. (Rm 9.6-7) Isto é, nem todo descendente de Abraão individualmente deveria ser contado como herdeiro da promessa. Ismael era também um filho de Abraão, mas ainda assim foi excluído da aliança da promessa. Se fosse verdade que todos os descendentes carnis de Abraão eram, com base nisso somente, herdeiros da promessa, então Ismael jamais poderia ser excluído, pois ele era tão filho de Abraão quanto Ismael. Portanto, a eleição de Israel não deveria ser reconhecida como incluindo todos os descendentes individualmente, de forma indiscriminada. Inclui somente “aos que de antemão conheceu”, aos que “predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. (Rm 8.29) Paulo então continua a demonstrar o mesmo princípio nas vidas de Jacó e Esaú:

“E não somente isso, mas também a Rebeca, que havia concebido de um, de Isaque, nosso pai (pois não tendo os gêmeos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito: O maior

servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e aborreci a Esaú”. (Romanos 9.10-13)

Jacó e Esaú eram filhos de Isaque com Rebeca. O mesmo pai e a mesma mãe. O mesmo Isaque de quem havia sido dito: “em Isaque será chamada a tua descendência”.(Gn 21.9-12) Além disso, eram gêmeos. Mas apesar disso tudo, Jacó foi contado como herdeiro da promessa, mas Esaú não. Antes de terem nascido. Antes de terem sequer feito o bem ou o mal. Esaú ainda foi o pai dos edomitas. Todo judeu sabia bem quem eram os edomitas. Os edomitas eram um dos maiores inimigos do povo de Israel por toda sua história. O próprio Deus declarou: “Ainda que Edom diga: Arruinados estamos, porém tornaremos e edificaremos as ruínas; assim diz o Senhor dos exércitos: Eles edificarão, eu, porém, demolirei; e lhes chamarão: Termo de impiedade, e povo contra quem o Senhor está irado para sempre”.(Ml 1.4) Em termos de descendência carnal, os edomitas eram tão descendentes de Abraão quanto os judeus. Isto prova que nem todos descendentes de Abraão individualmente devem ser contados como herdeiro da promessa. Se a mera descendência carnal pudesse ser reconhecida como base, os edomitas jamais poderiam ser reconhecidos pelo próprio Deus como inimigos. Pois o pai dos edomitas, Esaú, era filho de Isaque tanto quanto Jacó. Ele era tão descendente de Abraão quanto qualquer judeu. Ainda assim, os edomitas foram rejeitados por Deus. Isto prova, sem quaisquer dúvidas, que “nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos... filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa” (v. 7-8). No decorrer de sua argumentação, Paulo mostra que este tem sido o princípio não somente entre os patriarcas, mas por toda a história de Israel:

“Também Isaías exclama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo... E como antes dissera Isaías: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, teríamos sido feitos como

Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra... Ou não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo: Senhor, mataram os teus profetas, e derribaram os teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma? Mas que lhe diz a resposta divina? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos a Baal. Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça”. (Romanos 9.27-29,11.1-2)

No tempo de Isaías, muitos israelitas se rebelaram contra Deus. Só um remanescente permaneceu fiel. Igualmente, no tempo Elias, só uma minoria dos israelitas permaneceu fiel a Deus. A maioria era rebelde. Foi o mesmo que aconteceu no tempo de Jesus e os apóstolos. Como Paulo explicou: “Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça”. (v.2) É o mesmo que também acontece em nossa própria época, no século XXI. A maioria dos judeus é rebelde contra Deus mediante a rejeição de Jesus Cristo. Só uma minoria permanece fiel.

Com isso em mente, podemos entender que quando falamos na nação de Israel, devemos considerá-la sob dois aspectos. Por um lado, devemos considerar a Israel carnal. Neste caso, Israel inclui todos os descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó. Por outro lado, devemos considerar qual é o verdadeiro Israel de Deus. Neste caso, Israel inclui somente aqueles que são os eleitos de Deus para serem filhos da promessa. Este foi o caso de Isaque e Jacó. Este foi o caso de todos os israelitas que permaneceram fiéis a Deus por toda a história. Este é o caso dos judeus que creem em Jesus agora. É sobre os dois Israels que Paulo fala aos Romanos: “Porque nem todos os que são de Israel são israelitas”. (Romanos 9.6) É por isto que a existência de israelitas incrédulos não faz com que a promessa de Deus tenha falhado. Pois a promessa nunca foi dirigida a todos os descendentes físicos de Abraão individualmente, mas somente aos filhos da promessa, eleitos segundo a eleição da graça.

É por isso que o Apocalipse não fala de uma única mulher no deserto, mas fala de duas. A mulher que foge para o deserto no capítulo 12 é a verdadeira Israel, a Israel de Deus, formada unicamente pelos israelitas eleitos para serem filhos da promessa. É a Israel de Abraão, Isaque e Jacó. Por isso, ela é preservada por Deus. Mas além dela, o Apocalipse revela que havia outra mulher no deserto:

“Então ele me levou em espírito a um deserto; e vi uma mulher montada numa besta cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e que tinha sete cabeças e dez chifres”. (Apocalipse 17.3)

Já demonstramos que o objetivo do Apocalipse é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados em sua própria época sob o Novo Pacto. Sendo assim, devemos entender que quando o Apocalipse fala das duas mulheres no deserto no contexto da tentação das duas bestas, o objetivo é usar a história de Balaque e Balaão como um exemplo para aquilo que aconteceria com Israel sob o domínio do Império Romano. A apostasia dos israelitas diante da armadilha de Balaque e Balaão não incluiu todos os israelitas sem exceção. Alguns foram fiéis enquanto outros não. O motivo é que não havia um, mas dois Israels no deserto. Havia o Israel carnal. Mas havia também o Israel espiritual. O Israel espiritual era formado por aqueles que permaneceram verdadeiramente fiéis a Deus. Já o Israel carnal era formado por aqueles que caíram na cilada de Balaque e Balaão. O que o Apocalipse está dizendo com esta comparação é que no tempo de Jesus e os apóstolos também havia dois Israels. Por um lado, havia aqueles que eram verdadeiros servos de Jesus Cristo. Esta era a mulher que fugiu para o deserto no capítulo 12. Por outro lado, havia a falsa Israel, formada por aqueles judeus que eram inimigos do Cristianismo. Esta era a Grande Prostituta do capítulo 17. E assim como os israelitas havia caído na tentação de Balaão no passado, eles caíram na tentação do paganismo imperial e por isso no Apocalipse a grande prostituta aparece montada na besta.

A comparação de Israel com uma prostituta já havia sido feita pelos profetas. O profeta Jeremias começou descrever o relacionamento entre Deus e Israel na figura de uma relação marital: “Assim diz o SENHOR: Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia”.(Jr 2.2) Ezequiel fez a mesma comparação: “Dei-te juramente, entrei num pacto contigo e ficaste sendo minha... Te pus... uma linda coroa na cabeça... e chegastes a ser rainha”.(Ez 16.8,12)Jeremias se refere à época em que o povo de Israel esteve no deserto após a libertação da escravidão do Egito. Ele inicialmente retrata Israel como uma sendo uma noiva.Ezequiel descreve o casamento da noiva como acontecendo quando o Antigo Pacto foi estabelecido. Isso significa que quando Jeremias se refere a Israel como noiva no deserto, ele não está se referindo a todo período em que Israel esteve no deserto, mas somente até o tempo em que o Antigo Pacto foi estabelecido. Isso aconteceu em Êxodo 19-20 depois que Moisés subiu ao monte Sinai:

“Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. Veio, pois, Moisés e, tendo convocado os anciãos do povo, expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado. Ao que todo o povo respondeu a uma voz: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo”. (Êxodo 19.5-8)

Ezequiel diz que mediante o pacto – na figura de um casamento – Deus colocou Israel na posição de rainha. Isso é uma clara referência à posição de soberania em relação às demais nações. Como foi dito quando o Pacto foi estabelecido: “... sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos”. E também: “tu és povo santo ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu, a fim de lhe seres o

seu próprio povo, acima de todos os povos que há sobre a terra”.(Dt 7.6)E também:“O SENHOR, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra”. (Dt 28.1)Por isso o Apocalipse fala da grande prostituta como sendo: “a grande cidade que tem um reino sobre os reis da terra”. (Ap 17.18) A “grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito” era Jerusalém “onde também o seu Senhor foi crucificado”. (Ap 11:8)

No tempo dos antigos profetas as prostituições de Israel eram com as diversas nações que havia ao seu redor:

“Também te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos, grandemente carnaís; e multiplicaste a tua prostituição, para me provocares à ira...Também te prostituíste com os assírios, porquanto eras insaciável; contudo, prostituindo-te com eles, nem ainda assim ficaste farta. Demais multiplicaste as tuas prostituições na terra de tráfico, isto é, até Caldéia, e nem ainda com isso te fartaste. Quão fraco é teu coração, diz o Senhor Deus, fazendo tu todas estas coisas, obra duma meretriz desenfreada”.(Ezequiel 16.26,28-30)

Como punição, Deus avisa que faria com que os próprios amantes de Israel se voltassem contra ela:

“E julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as que derramam sangue; e entregar-te-ei ao sangue de furor e de ciúme... entregar-te-ei nas mãos dos teus inimigos, e eles derribarão a tua câmara abobadada, e demolirão os teus altos lugares, e te despirão os teus vestidos, e tomarão as tuas belas joias, e te deixarão nua e descoberta. Então farão subir uma hoste contra ti, e te apedrejarão, e te traspasarão com as suas espadas. E queimarão as tuas casas a fogo, e executarão juízos contra ti”. (Ezequiel 16.38-41)

O juízo sobre Israel aqui não é outra coisa se não a aplicação das ameaças e maldições pactuais previstas pela Lei de Deus. Já no tempo de Jesus e os apóstolos, a prostituições de Israel era a mesma.

O que havia mudado era somente os amantes. A prostituição não era mais com o paganismo do Egito, da Assíria ou da Caldéia. A prostituição agora era com idolatria do Império Romano: “Então ele me levou em espírito a um deserto; e vi uma mulher montada numa besta cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e que tinha sete cabeças e dez chifres”. (Ap 17.3) A relação de adultério e prostituição entre Roma e Jerusalém foi oficializada pelos líderes de Israel na crucificação de Jesus Cristo:

“Pilatos, pois, quando ouviu isto, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, e em hebraico Gabatá. Ora, era a preparação da páscoa, e cerca da hora sexta. E disse aos judeus: Eis o vosso rei. Mas eles clamaram: Tira-o! tira-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César”. (João 19.13-15)

E assim como no tempo dos antigos profetas Deus havia punido Israel fazendo com que seus amantes de Israel se voltassem contra ela, agora também ele faria com que o Império Romano se voltasse contra a mãe das abominações e prostituições da terra:

“E quando chegou perto e viu a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados, e te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem; e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo da tua visitação”. (Lucas 19.41-44)

[1] Gn 37.28,36

[2] Gn 41.55-57, 42.1-5

[3] Gn 41.53-57

[4] Gn 32.28

[5] Especialmente nos livros proféticos.

[6] As doze tribos tinham o nome de dez dos filhos de Jacó. As outras duas tribos restantes receberam os nomes dos filhos de José, abençoados por Jacó como seus fossem seus próprios filhos. Ao conquistar a terra prometida, o território foi dividido entre as tribos.

[7] Ex 2.5-9

[8] Nm 22.1-7

XI

A Besta Ressurreta

“A besta que era e já não é, é também um oitavo, e é dos sete, e vai-se para a perdição”. (Apocalipse 17.11)

Antes de analisarmos de forma mais detalhada o que o Apocalipse diz sobre a queda da grande prostituta, é preciso entender melhor determinados aspectos da besta que ainda não identificamos. Até aqui já identificamos as sete cabeças como sendo os sete primeiros imperadores de Roma. No capítulo 13, a ênfase da visão é Nero – a sexta cabeça da besta. Já no capítulo 17, a ênfase é um misterioso “oitavo”. Apesar de a visão descrever a besta como tendo sete cabeças, ele se refere também a um “oitavo” (Ap 17.11). Mas se há um oitavo, por qual motivo a besta é descrita como tendo sete cabeças e não oito?

Pra começar a compreender, temos que refletir no que já havia dito sobre a ferida de morte da besta. “Também vi uma de suas cabeças como se fora ferida de morte, mas a sua ferida mortal foi curada”. (Ap 13:3). Isso deve ser entendido como uma imitação da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Não é a morte e ressurreição literal de um indivíduo, mas é uma descrição figurada do rápido colapso e restauração que o Império Romano sofreu no primeiro século[1]. Assim como Jesus Cristo foi ferido de morte, mas ressuscitou, o Império tentaria se mostrar invencível ao se recuperar repentinamente após uma queda dramática.

A ferida mortal da besta aconteceu no dia 9 de Junho de 68 quando o Imperador Nero cometeu suicídio com uma espada no pescoço. Isso trouxe consequências desastrosas ao Império e fez com que ele quase entrasse em colapso. Primeiro, a morte de Nero marcou o fim da dinastia Julio-Claudian. A linhagem que deu origem, estabilizou, trouxe prosperidade e recebeu adoração do Império simplesmente chegou ao fim. Quando Nero suicidou, foram demolidas as bases que garantia toda a estabilidade do Império. Catástrofes após catástrofes começaram a acontecer. Imediatamente, o Império Romano foi entregue a terríveis guerras civis e outros horrores. O Império quase deixou de existir. O historiador Tacito resumiu bem a situação:

“A história que eu estou prestes a contar é sobre um período rico em desastres, com terríveis batalhas, dominado por lutas civis, horrível mesmo em meio a paz. Quatro imperadores caíram a espada, aconteceram três guerras civis, mais guerras no estrangeiro e as vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Houve sucesso no oriente e infortúnio no ocidente. Ilírico estava perturbada, as províncias gálicas vacilaram, a Bretanha foi subjugada e imediatamente liberta. Os samartianos e suevos insurgiram contra nós; os dácios ganharam fama pelas derrotas inflingidas e sofridas; até os parteseanos foram quase foram induzidos a lutar pelo engano de alguém fingendo ser Nero. Além disso, a Itália estava angustiada por desastres anteriormente desconhecidos ou voltando a acontecer depois de muitas eras. Cidades dos ricos litorais da Campânia foram engolidos... Roma estava devastada por conflagrações na qual seus santuários mais antigos e a própria capital incendiada pelas mãos dos cidadãos. Ritos sagrados eram profanados; havia adulteros nos lugares altos, o mar estava cheios de cadáveres, seus penhascos estavam imundos com o corpo dos mortos... Além das muitas desgraças que caiu sobre a humanidade, aconteceram prodígios no céu e na terra, avisos dados por relâmpagos e profecias do futuro, algumas alegres e outras sombrias, incertas e obscuras. Por nunca foi tão plenamente comprovado por terríveis desastres do povo romano ou por sinais indubitáveis que os deuses não se importam

com nossa segurança, mas nosso castigo... para o estado romano foi quase o fim”.[2]

O ano de 69 A.D. é conhecido o “ano dos quatro imperadores”. O motivo é que, em meio ao caos, Roma testemunhou quatro imperadores diferentes no poder em um só ano: Galba, Otão e Vitélio e finalmente a ascensão de Vespasiano, fundador da dinastia flaviana. Galba era a sétima cabeça da besta. Foi o imperador que sucedeu Nero. Segundo o anjo, ele permaneceria por pouco tempo no poder: “... o outro ainda não é vindo; e quando vier, deve permanecer pouco tempo”. (Ap 17.10) Isso se cumpriu com exatidão na pessoa de Galba. Ele foi Imperador por somente sete meses – do dia 8 de Junho de 68 até o dia 15 de Janeiro de 69 – sendo sucedido por Otão. Apesar disso, Otão não deve ser identificado como sendo o misterioso “oitavo” (Ap 17.11).

A besta sendo descrita como tendo sete cabeças aponta para a divinização da besta. Devemos lembrar que a numerologia tem um papel importante tanto no Apocalipse quanto na Bíblia como um todo. O número seis, por exemplo, está associado à humanidade. O homem foi criado no sexto dia. O número da besta – 666 – aponta para o humanismo, o antropocentrismo, a divinização do homem, sua exaltação como o centro e medida de todas as coisas, suficiente em si mesmo, o salvador de si mesmo. Já o número sete aponta para o conceito de plenitude, consumação. É fortemente associado com Deus. Foi no sétimo dia que Deus “descansou” na consumação da criação do universo. O número oito, por sua vez, aponta para o conceito devida e ressurreição. Jesus ressuscitou no Domingo, o oitavo dia – o Dia do Senhor. Sendo ferida exatamente na sexta cabeça – Nero César – a besta nunca alcança a nunca consegue alcançar a divinização humana verdadeira. A sétima cabeça não é a consumação da glória e divindade do Império, mas é a sua queda, é o Império decante e morto sob o governo de Galba. Já o oitavo não é um sucessor imediato do sétimo. Este é o motivo pelo qual ele não é contado inicialmente entre as cabeças da besta. Os sete primeiros são

sucessores imediatos uns dos outros: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero e Galba. Júlio César marca o estabelecimento do Império enquanto Galba marca a sua entrada em ruína e decadência. O oitavo é Tito Flávio Sabino Vespasiano, pois foi ele quem vivificou o Império de sua ruína e decadência. Por isso ele é associado ao número oito, o número da ressurreição.

Vespasiano fundou a dinastia Flaviana, sendo ele o responsável pela estabilização do Império Romano após o período de ruína. Destaca-se o programa de reformas financeiras tão necessárias após a queda da Dinastia Julio-Claudiana, a sua bem-sucedida campanha na Judeia e os seus ambiciosos projetos de construção como o Anfiteatro Flávio, conhecido popularmente como o Coliseu Romano. Também reformulou o senado e a Ordem Equestre e desenvolveu um sistema educativo mais amplo. Por isso diz: “... a sua ferida mortal foi curada e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”. (Ap 13.3) Foi sob Vespasiano que Jerusalém – a grande prostituta – foi destruída.

A visão fala também dos dez chifres da besta: “Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta”. (Ap 17.12-13) O anjo explica que os dez chifres devem ser entendidas como autoridades políticas. Ele explica também que eles seriam os agentes para colocar Vespasiano no poder. Se a besta era o Império Romano e as cabeças os imperadores, então o número dez parece apontar para as províncias senatoriais. O Império Romano não era governado pelo imperador de maneira independente. Seu poder era dividido com o senado. O Império era dividido em províncias. As províncias poderiam ser imperiais e províncias senatoriais. As imperiais eram governadas pelo imperador. As senatoriais eram governadas pelo senado por meio dos procônsuls. Havia dez províncias senatoriais. Havia dez províncias senatoriais e um procônsul responsável por cada província. As

províncias senatoriais eram: Acaia, África, Ásia, Chipre, Cirenaica, Gália Narbonense, Hispânia Bética, Macedônia, Ponto e Sicília.

Por isso a besta tinha dez chifres. Os dez chifres era o poder do senado que governava o Império juntamente com o imperador. Mas o texto diz que eram “dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade” (Ap 17.12). O motivo disso é que a visão aconteceu no tempo de Nero, alguns anos antes da ascensão de Vespasiano. A duração do governo de cada procônsul era de um ano. Os procônsuls que governariam com Vespasiano ainda não tinham assumido o poder. E seriam estes que atacariam Jerusalém sob a autoridade de Vespasiano:

“E os dez chifres que viste, e a besta, estes odiarão a prostituta e a tornarão desolada e nua, e comerão as suas carnes, e a queimarão no fogo”. (Apocalipse 17.16)

Isso se cumpriu no ano de 70 AD. Há um documentário interessante produzido pela BBC que conta essa história.

[1] Muitos comentaristas modernos acreditam que o verso seja uma referência a um Anticristo futuro que irá literalmente morrer e ressuscitar. Essa não é uma interpretação possível porque a ressurreição de Cristo foi uma demonstração de sua completa soberania e vitória sobre a morte (cf. I Co 15). O Diabo e o Anticristo não vencem a morte e nem tem qualquer poder sobre ela. Portanto o milagre da ressurreição não pode ser operado por eles. Além disso, o Apóstolo Joao deixa claro que é um erro entender o Anticristo como um líder mundial futuro: “Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo”. (II Jo 1.7)

[2] Tacitus, *Histories*, 1:2-3,11.

XII

Um Povo Que Não Se Chamava Pelo Meu Nome

“Tornei-me acessível aos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam. A uma nação que não se chamava do meu nome eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui. Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por um caminho que não é bom, após os seus próprios pensamentos”.
(Isaías 65.1-2)

A parábola que Jesus contou após sua entrada triunfal em Jerusalém sobre o proprietário da vinha tem como objetivo profetizar essencialmente o mesmo que o Apocalipse inteiro – a queda de Israel e a transferência do Reino de Deus para as nações:

“Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país. Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte. E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram. Quando, pois, vier o

senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”. (Mateus 21,33-44)

A parábola fala de dois grupos de lavadores. O primeiro grupo foi substituído por um segundo grupo. O primeiro grupo foi punido com morte pelo senhor da vinha. O primeiro grupo, além de não dar frutos, ainda matou o filho do senhor da vinha. O segundo grupo dará frutos como o primeiro não deu. O segundo grupo será bem sucedido naquilo que o primeiro não foi.

O primeiro grupo da parábola representa a nação de Israel sob o Antigo Pacto. Jesus Cristo falou de como Israel foi rebelde por toda sua história. Ele fala de como Deus “enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos”. (Mt 21.34) Estes representam os antigos profetas. Jesus está lembrando aos líderes de Israel qual havia sido a reação a cada profeta que lhes era enviado: “E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram”. (Mt 21.35) Cristo falou ainda de uma segunda sequência de profetas que foram enviados, mas que acabaram tendo o mesmo fim. “Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte...” (Mt 21.36) O último profeta do Antigo Testamento foi Malaquias. Um fato importante sobre Malaquias é que ele profetizou a vinda de Jesus Cristo ao templo de Deus em Jerusalém:

“Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o Mensageiro do pacto, a quem vós desejais, eis que

ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros”. (Malaquias 3:1-2)

Primeiro, o texto se refere ao “mensageiro que preparará o caminho diante de mim” (v. 1). Isso é uma clara referência a João Batista: “Como está escrito nos profetas: Eis que eu envio o meu mensageiro ante a tua face, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas. Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados”. (Mc 1:2-4) João Batista foi quem preparou o caminho diante de Jesus Cristo, o Senhor – o Mensageiro do Pacto. Então Malaquias profetizou que Jesus Cristo “de repente virá ao seu templo”. Isso se refere à chegada de Jesus Cristo no templo, após a sua entrada triunfal, para debater publicamente com os líderes de Israel e anunciar o juízo de Deus sobre eles. Foi sobre isso que Jesus Cristo falou também em sua parábola: “E, por último, enviou-lhes seu filho” (Mt 21.37).

A reação de Israel com a vinda do Filho de Deus não foi diferente da reação que tiveram com os antigos profetas: “Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram”. (Mateus 21.38-43) Apesar de Jesus Cristo ter sido executado pelas autoridades romanas, o Novo Testamento reconhece que os líderes judaicos foram os responsáveis primários porque foram eles que entregaram Jesus aos romanos:

“Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus, o nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, vós matastes, crucificando-o pelas mãos de iníquos”. (Atos 2.22-23)

“Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; porque também padecesteis de vossos próprios concidadãos o mesmo que elas padeceram dos judeus; os quais mataram ao Senhor Jesus, bem como aos profetas, e a nós nos perseguiram”. (I Tessalonicenses 2.14-15)

Aqui o Apóstolo Paulo diz o mesmo que já havia sido dito por Jesus em sua parábola: os judeus eram culpados tanto pela morte dos antigos profetas quanto pela morte do Filho de Deus. Isso não significa que os romanos não tivessem culpa nenhuma. Significa somente que a culpa dos judeus era maior. Jesus falou sobre isso em sua conversa com Pôncio Pilatos: “aquele que me entregou a ti, maior pecado tem”. (Jo 19.11) Como veremos depois, o juízo de Deus vem sobre a besta também, mas não com a mesma intensidade e nem com tanta rapidez quanto o juízo sobre Israel:

“O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado. Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá”. (Lucas 12.47-48)

Em seguida, Jesus Cristo perguntou aos líderes de Israel, qual seria a punição que o senhor da vinha – Deus Pai – daria aos lavradores pelo assassinato de seus servos e de seu próprio filho: “Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe eles: Fará perecer miseravelmente a esses maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe entreguem os frutos”. (Mateus 21.41) Jesus confirmou que a conclusão deles estava correta, declarou que os lavradores de sua parábola eram os próprios líderes de Israel e avisa que teriam o fim que eles mesmos haviam reconhecido como justo:

“Disse-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra será despedaçado; mas aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó. Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo essas parábolas, entenderam que era deles que Jesus falava”. (Mateus 21.42-45)

O que Jesus havia dito aí em parábolas é o mesmo que ele avisou depois sem parábola:

“Aí de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido cúmplices no derramar o sangue dos profetas. Assim, vós testemunhais contra vós mesmos que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno? Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas: e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que mataste entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, apedrejas os que a ti são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não o quiseste! Eis aí abandonada vos é a vossa casa. Pois eu vos declaro que desde agora de modo nenhum me vereis, até que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor”. (Mateus 23.29-39)

Jesus novamente avisou que o juízo de Deus que viria sobre Israel. Mas para que o juízo de Deus viesse sobre Israel seria necessário que se enchesse a medida da iniquidade. “Enchei, vós, pois a medida de vossos pais”. (v.32) Ele diz que a medida da iniquidade de Israel se

encheria pelo assassinato dos mártires (v. 34-35). À medida que o número de assassinatos aumenta a medida da iniquidade vai se enchendo até que a terra vomita aquilo que engoliu por tempo demais.

Além disso, Jesus revelou quando este juízo viria sobre Israel: “Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração”. (v. 36) Isso se cumpriu com precisão na chamada Grande Revolta Judaica. Começou no ano 66 inicialmente devido a tensões religiosas entre gregos e judeus com protestos anti-taxações e ataques a cidadãos romanos. Terminou quando as legiões romanas sob o comando de Tito sitiaram e destruíram Jerusalém e o templo de Deus que lá ficava. “Eis aí abandonada vos é a vossa casa... Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não se deixará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”. (Mt 23.38;24.2) Foi o cumprimento do que o Apocalipse profetizou. A besta se voltou contra a grande prostituta.

Segundo a parábola da vinha contada por Jesus, a destruição de Israel e do templo significaria a transferência do reino de Deus a outro povo: “Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos... o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21.41,43). Isso é o mesmo que já havia sido profetizado por Isaías. Isaías profetizou que como consequência da rebelião de Israel Deus se revelaria e seria obedecido por “um povo que não se chamava do meu nome” (Isaías 65.1) O Apóstolo Paulo revelou a identidade deste povo:

“Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a Lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da Lei; tropeçaram na pedra de tropeço... Mas digo: Porventura Israel não o soube? Primeiramente diz Moisés: Eu vos porei em ciúmes com

aqueles que não são povo, Com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que não me buscavam, Fui manifestado aos que por mim não perguntavam”. (Romanos 9.30-31,10.19-20)

O povo a quem o Reino de Deus foi transferido é claramente os gentios. As Escrituras costumam dividir o mundo em dois grupos: israelitas e gentios. No grupo dos gentios estavam todas as nações que não fossem Israel. Sob o Antigo Pacto, os gentios eram aqueles que, com poucas exceções, “não perguntavam por mim... não me buscavam... não se chamava do meu nome”. (Isaías 65.1) Isso não deve ser de qualquer forma entendido como se os judeus tivessem sido inteiramente lançados fora por Deus ou que eles não têm mais acesso a Deus pelo mero fato de serem judeus. Israel foi lançada fora de sua posição especial de rainha das nações. A situação dos judeus como indivíduos é agora semelhante a dos gentios sob o Antigo Pacto. Os gentios crentes eram uma minoria em relação aos judeus. A maioria dos gentios era pagã. Agora é o contrário. Os judeus cristãos são uma minoria em relação aos gentios cristãos. Os gentios são a maioria dos que administram o pacto. E o motivo disso é que o Reino de Deus foi transferido de Israel para os gentios. “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos”. (Mt 21.43)

O Apóstolo Paulo falou com clareza sobre a relação entre a queda de Israel e a vocação dos gentios na epístola aos Romanos:

“Logo, pergunto: Porventura tropeçaram de modo que caíssem? De maneira nenhuma, antes pelo seu tropeço veio a salvação aos gentios, para incitá-los à emulação”. (Rm 11.11)

O tropeço em questão foi à apostasia nacional de Israel. Tendo tropeçado, Israel foi igualado aos gentios. Tendo tropeçado, Israel caiu da posição de soberania sobre os gentios. Por causa da apostasia de Israel, sob o Novo Pacto a distinção entre Israel e os gentios deixa

de existir. É anulada a posição anterior de rainha entre as nações. Aqui Paulo está se referindo ao mesmo que fora dito por Jesus na parábola da vinha e o mesmo que fora profetizado por Isaías. Apesar disso, Paulo explica que não devemos esperar que a apostasia de nacional de Israel permanecesse para sempre:

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado; e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades”. (Romanos 11.25-26)

Pela apostasia nacional de Israel, o Evangelho chegou aos gentios. O endurecimento de Israel não foi completo, mas ficou um remanescente – “em parte”. Mas Paulo diz que esse endurecimento não permaneceria para sempre. Permaneceria somente “até que a plenitude dos gentios haja entrado”. (v.25) “Plenitude” ai deve ser entendida como oposto de “em parte”. Em nosso próprio tempo, a número de gentios cristãos é uma minoria em relação ao número total de gentios. Da mesma forma o número de judeus cristãos é uma minoria em relação ao número total de judeus. O que Paulo está dizendo é que os judeus cristãos continuarão sendo um remanescente, até que o número de cristãos deixe de ser uma minoria entre os gentios e passe a ser a maioria. O que Paulo está dizendo é que a conversão nacional de Israel acontecerá após a conversão do mundo inteiro. Este texto, mais do que qualquer outro no Novo Testamento, deixa claro que quando a Bíblia fala na vocação dos gentios, ela não está falando somente da conversão de alguns indivíduos dentre as nações. Ela não está falando da conversão de um remanescente entre os gentios enquanto a maior parte permanece em trevas. A vocação dos gentios nas Escrituras é muito mais do que isso. A chegada do Evangelho aos gentios significa a progressiva conversão das nações como um todo até que o mundo inteiro seja convertido. Isso não significa que cada indivíduo da face da terra estará convertido. Mas da mesma forma a apostasia nacional de Israel

não significou que cada judeu individualmente era um apostata. A apostasia de Israel foi a sua apostasia nacional, o que incluía a maioria dos judeus. Assim também a conversão da plenitude dos gentios não significa que cada gentio individualmente será cristão, mas que a maior parte das pessoas será, que o mundo como um todo será. É por isso que Paulo descreve a chegada do Evangelho aos gentios como sendo “a reconciliação do mundo”:

“Porque, se a sua rejeição [de Israel] é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?”
(Romanos 11.15)

A admissão de Israel aqui deve ser entendida como o oposto de sua rejeição. É a conversão nacional de Israel, em contraste com a atual situação em que a maioria é apostata e só uma minoria obedece ao Evangelho. Pela apostasia nacional de Israel o Evangelho chegou aos gentios. As nações serão convertidas. O mundo é reconciliado com Deus. Isso foi uma benção para o mundo. Mas quando acontecer a conversão nacional de Israel, virá uma benção ainda maior: a ressurreição dos mortos. Jesus Cristo ensinou que a ressurreição dos mortos acontecerá no fim da história: “E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia”. (Jo 6.39) Paulo ensinou o mesmo: “Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão...” (I Ts 4.16) Isso significa que a conversão nacional de Israel será o sinal de que a Segunda Vinda de Jesus Cristo estará prestes a acontecer. Isso significa que a Segunda Vinda de Jesus Cristo não poderá acontecer sem que antes aconteça a conversão do mundo inteiro, de todas as nações. E a última das nações será Israel.

Muitos argumentam que “a plenitude dos gentios” não se refere à conversão nacional dos povos do mundo. Acreditam que se refere à conversão de uma minoria dentro os povos e que “plenitude” se

refere à totalidade dos eleitos, a totalidade daqueles que haverão se converter, mas que essa totalidade será uma minoria em relação ao número total de pessoas na terra. Esta interpretação está errada por dois motivos principais.

Primeiro, o texto define claramente o que “plenitude” significa. “Assim, pois, também no tempo presente ficou um remanescente segundo a eleição da graça... Ora se o tropeço deles é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude... Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?” (Rm 11.5,12,15) “Plenitude” no verso 12 é claramente o oposto de “remanescente” no verso 5. “Remanescente” no verso se refere ao fato de que o número de judeus crentes era uma minoria em relação ao número total de judeus. Em contraste a isso, “plenitude” é equivalente a “admissão” que será seguida da ressurreição dos mortos e se refere ao tempo em que haveria uma conversão nacional do povo de Israel e por isso o número de judeus crentes deixaria de ser um “remanescente”. Portanto, a “plenitude dos gentios” necessariamente tem ser entendida da mesma maneira. “Plenitude” significa que o número de gentios crentes será uma maioria em relação ao número total de gentios.

Segundo, se o número de gentios crentes nunca se tornar uma maioria em relação ao número total de gentios, se jamais devemos esperar uma conversão nacional dos povos de forma que as nações sejam cristãs, então a comparação que Jesus faz entre Israel e os gentios em sua parábola os dois grupos em sua parábola do proprietário da vinha não faz qualquer sentido! Jesus disse que o Reino de Deus seria transferido de Israel para os gentios de forma que daria frutos como Israel não deu: “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos”. (Mt 21.43) Mas se por toda história os gentios permanecessem tendo somente uma minoria cristão, então de que maneira faria sentido ele dizer que eles seriam diferentes de Israel? A

comparação toda de Jesus é precisamente que naquilo que Israel fracassou os gentios não fracassariam. Se os gentios tem uma minoria cristã, Israel também tinha nas piores fases de sua história e não há diferencia essencial entre uma coisa e outra. Evidentemente não é sobre isso que Jesus está falando. Jesus está falando da mesma coisa que Paulo aos Romanos. Jesus está falando da entrada da plenitude dos gentios! Como Paulo encerra sua carta dizendo:

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé”. (Romanos 16.25-26)

XIII

Eleitos de Deus

“Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas”. (Lucas 21.20-22)

O tema central das profecias do Apocalipse é a transferência do Reino de Deus de Israel aos gentios. O processo de transferência durou cerca de 40 anos. Com a morte de Cristo, o Novo Pacto foi estabelecido. Com a destruição de Jerusalém e do templo a transferência estava consumada. O propósito central das profecias do Apocalipse é identificar os personagens centrais desta transferência e identificar as circunstâncias em que aconteceria. As sete trombetas e os sete cálices conduzem diretamente a queda de Jerusalém. Falam dos eventos que conduziam ao juízo de Deus sobre Israel.

A visão de Apocalipse 7 fala do que era necessário acontecer antes para que o juízo viesse sobre Israel:

“E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, quem fora dado que danificassem a terra e o mar, dizendo: Não danifiquem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos na sua frente os servos do nosso Deus. E ouvi o número dos que foram assinalados

com o selo, cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá havia doze mil assinalados; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zabulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil assinalados”. (Apocalipse 7.2-8)

O texto fala sobre quatro anjos. Os quatro anjos recebem ordens de que deveriam procrastinar o juízo até que uma quantidade específica de pessoas fosse selada. O profeta Ezequiel teve uma visão parecida:

“E a glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava, e passou para a entrada da casa; e clamou ao homem vestido de linho, que trazia o tinteiro de escrivão à sua cintura. E disse-lhe o Senhor: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela. E aos outros disse ele, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele, e feri; não poupe o vosso olho, nem vos compadeçais. Matai velhos, mancebos e virgens, criancinhas e mulheres, até exterminá-los; mas não vos chegueis a qualquer sobre quem estiver o sinal; e começai pelo meu santuário. Então começaram pelos anciãos que estavam diante da casa”. (Ezequiel 9.3-6)

O texto fala da destruição de Jerusalém e do templo que ocorreu mediante a invasão Babilônica. Mas a destruição não veio sobre os judeus completamente. Um remanescente foi poupado. Os remanescentes eram os arrependidos e na visão de Ezequiel estes foram “selados”[1]. Com base nisso devemos entender que o propósito da visão de Apocalipse é comparar a destruição de Jerusalém pelos babilônicos com a destruição de Jerusalém pelos romanos. Assim como Jerusalém e o templo foram destruídos no tempo de Ezequiel também seriam no tempo de João. E da mesma

forma que um remanescente dentro os judeus foi selado no tempo de Ezequiel também seria no tempo de João. Os cento e quarenta e quatro representam a totalidade deste remanescente dentre os judeus. O número não deve ser entendido literalmente. Mil significa simplesmente “muitos” (cf. Lv 26.8; Dt 7.9; Sl 50.10; Sl 90.4) e cento e quarenta e quatro é simplesmente o resultado de doze vezes doze (por causa das doze tribos). O propósito do texto é dizer que Israel não seria completamente destruído, mas haveria um remanescente sendo poupado. Como disse Isaías: “Se o Senhor dos exércitos não nos deixara alguns sobreviventes, já como Sodoma seríamos, e semelhantes a Gomorra”. (Is 1.9)

É importante notar que essa não é a única vez que João vê o grupo do cento e quarenta e quatro mil: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na fronte escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) João viu os cento e quarenta e quatro mil logo após a visão das duas bestas. Se entendermos que eles representavam o remanescente de Israel fica fácil entender por que esta visão aconteceu após a visão das duas bestas. A mulher que fugiu para o deserto é equivalente aos cento e quarenta e quatro mil. Ambos representam a Israel espiritual. É por isso que diz: “Estes são os que não se contaminaram com mulheres; porque são virgens”. (Ap 14.4) Não devemos aqui que a referência seja a pessoas literalmente virgens. Novamente, o pano de fundo aqui é a história de Balaque a Balaão:

“Ora, Israel demorava-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas de Moabe, pois elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses... Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, fizeram que os filhos de Israel pecassem contra o Senhor no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor”. (Números 25.1-2; 31.16)

O objetivo do texto é dizer que os israelitas que não haviam se contaminado com o paganismo no Império Romano eram como seus antepassados que não haviam se contaminado com a idolatria e prostituição de Balaque e Balaão. A virgindade aqui significa a pureza espiritual daquele que não se contaminou com a idolatria: “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos desposi com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura”. (I Co 11.2) Esta era a diferença entre o Israel de Deus e o Israel carnal, que não é virgem, mas é a grande prostituta. A Israel carnal tinha a marca da besta. A Israel espiritual tinha o selo do Cordeiro.

Depois da visão dos cento e quarenta e quatro mil, João viu os mártires no céu:

“Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e em presença do Cordeiro, trajando compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos... Disse-me ele: Estes são os que vêm de grande tribulação, e levaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro”. (Apocalipse 7.9-14)

O propósito desta visão é mostrar que o número dos mártires finalmente se completou como Deus havia dito que era necessário acontecer: “E foram dadas a cada um deles compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número de seus conservos, que haviam de ser mortos, como também eles o foram”. (Ap 6.11) E tendo se completado, a vingança finalmente cairia sobre Israel. A medida de sua iniquidade finalmente estava cheia.

[1] É interessante que quando o texto diz “marca com um sinal as testas” (v. 4), a palavra traduzida como sinal é letra tav no paleohebraico do texto original de Ezequiel e esta letra tinha justamente um formato de cruz. Possivelmente o motivo disso era porque o sinal apontava profeticamente para a salvação daquele povo unicamente pelos méritos de Cristo crucificado. (I Co 1.23)

XIV

Fogo do Altar

“Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”. (Apocalipse 17.1)

O juízo de Deus sobre a grande prostituta por meio do exército romano foi profetizado na visão das sete trombetas (Ap 8-11):

“Quando abriu o sétimo selo, fez-se silêncio no céu, quase por meia hora. E vi os sete anjos que estavam em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”. (Apocalipse 8.1-2)

O silêncio de meia hora é uma referência à iminência do juízo de Deus que revela Sua soberania e domínio: “Tu, sim, tu és tremendo; e quem subsistirá à tua vista, quando te irares? Desde o céu fizeste ouvir o teu juízo; a terra tremeu e se aquietou, quando Deus se levantou para julgar, para salvar a todos os mansos da terra”. (Sl 76.7-9) “Cale-se, toda a carne, diante do Senhor; porque ele se levantou da Sua santa morada”. (Zc 2.13) Diante da manifestação de Seu poder todo universo se cala. O destino das nações não é determinado por qualquer autonomia no próprio homem ou por qualquer força inerente na natureza. O domínio é de Deus, o destino dos povos é ordenado por Seu poder, e por isso o juízo sobre as nações é descrito como partindo de Seu santo templo celestial.

O Apocalipse mostra também que o juízo sobre Israel aconteceu em resposta à oração dos santos:

“Veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para que o oferecesse com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Depois do anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra”. (Apocalipse 8.3-5)

Infelizmente, muitos usam a soberania ou onisciência de Deus como justificativa pra fazer pouco caso da importância da oração. Mas aqui Deus mostra que a eficácia da oração é tão grande que não é somente um meio de termos nossas necessidades pessoais atendidas, mas é um meio de transformar o mundo! Aqui Deus mostra que quando Igreja ora com fé, fogo do altar celestial é lançado a terra. Por vezes demais ficamos indignados com a maneira que as coisas são, com injustiças que ganham cada vez mais força, mas ao mesmo tempo não dobramos nossos joelhos nem clamamos a Deus com a mesma intensidade e perseverança com que ficamos indignados. Deixamos de crer que Deus que de fato rege e governa as nações? Deixamos de crer na Divina Providência a passamos a crer no poder do acaso ou da soberania das conspirações humanas? Aos que pensam assim, ainda que implicitamente, o Salmo não mede palavras:

“Atendei, ó tolos, dentre o povo; e vós, insensatos, quando haveis de ser sábios? Aquele que fez ouvido, não ouvirá? ou aquele que formou o olho, não verá? Porventura aquele que disciplina as nações, não corrigirá?” (Salmo 94.8-10)

A referência aos “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) remete ao que aconteceu no estabelecimento do Antigo Pacto:

“Ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões, relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte; e ouviu-se um somido de

buzina mui forte, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Nisso todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia fortemente”. (Êxodo 19.16-18)

A epístola aos Hebreus explica que esse acontecimento reflete a separação e inacessibilidade de Deus para aqueles que permanecem sob seu juízo:

“Pois não tendes chegado ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao somido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram rogaram que não se lhes falasse mais; porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrorizado e trêmulo. Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembleia e Igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o mediador de um novo pacto, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”. (Hebreus 12.18-24)

O monte Sinai foi onde Moisés recebeu a Lei. Mas se nenhum homem tem em si mesmo a capacidade de cumprir qualquer um dos mandamentos de Deus, então “tudo o que a Lei diz, aos que estão debaixo da Lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao juízo de Deus”. (Rm 3.19) É isso que os “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) indicam. Já o monte Sião era o local do templo. O templo era o lugar de sacrifícios e, portanto de reconciliação com Deus. Sendo assim, o monte Sinai aponta para a condenação da Lei enquanto o monte Sião aponta para a justificação pela graça. É por isso que o Apocalipse mostra a Israel espiritual sobre o monte Sião e não sobre o monte Sinai: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e

quatro mil, que traziam na frente escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) Foi sobre isso que Apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas:

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa. O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos; um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é nossa mãe. Pois está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque mais são os filhos da desolada do que os da que tem marido. Ora vós, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Mas, como naquele tempo o que nasceu segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim é também agora. Que diz, porém, a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre. Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre”. (Gálatas 4.22-31)

A visão dos “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) aponta para o juízo de Deus que viria sobre a Israel carnal que estava prestes a ser lançada fora da mesma maneira que foi Agar.

Então o primeiro anjo tocou a primeira trombeta:

“O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, que foram lançados na terra; e foi queimada a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a erva verde”. (Apocalipse 8.7)

A visão de fogo sendo lançado na terra lembra as palavras de Jesus: “Vim lançar fogo à terra; e que mais quero, se já está aceso?” (Lc 12.49) O sangue misturado indica que a vingança é pelo sangue dos mártires. “E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de

todos os que foram mortos na terra”. (Ap 18.24) “Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas: e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra”. (Mt 23.34-35) O fogo e a saraiva juntos lembram o juízo de Deus sobre o Egito: “E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o Senhor enviou trovões e saraiva, e fogo desceu à terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito”. (Ex 9.23) O objetivo é dizer que Israel havia se tornado como o Egito e por isso teria o mesmo destino. A comparação é mais explícita no capítulo 11 quando fala “da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado”. (Ap 11.8)[1] Deus avisou: “Se ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante de seus olhos, e inclinares os ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, sobre ti não enviarei nenhuma das enfermidades que enviei sobre os egípcios; porque eu sou o Senhor que te sara”. (Ex 15.26) Mas Israel não inclinou seus ouvidos.

A visão parece se referir ao mesmo que é dito no fim do capítulo 16: “E sobre os homens caiu do céu uma grande saraivada, pedras quase do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus...” (Ap 16.21) É provável que o cumprimento tenha sido naquilo que o historiador Flávio Josefo escreveu que aconteceu durante a guerra:

“As catapultas que todas as legiões haviam preparados para eles foram admiravelmente projetadas. Mas as que pertenciam à décima legião eram ainda mais extraordinárias. Aquelas que lançavam dardos e aquelas que lançavam pedras eram maiores e mais fortes que as outras. Elas não somente repeliram as incursões dos judeus, mas também obrigou aqueles que estavam sobre os muros a se afastar. As pedras que eram lançadas tinham o peso de um talento... Quanto aos judeus, a principio eles viam a pedra vindo, pois era de cor branca e por isso poderia ser percebida não somente

pelo grande barulho que fazia, mas também por causa de seu grande brilho...”[2]

Aqui Flávio Josefo nos conta que os romanos atacaram Jerusalém lançando dardos (que eram lançados com fogo) e pedras de cor branca e cujo peso era de um talento (cf. Ap 16.21). Isso faria com que tais pedras fossem semelhantes à saraivacaindo do céu. É provável que seja essa a comparação que o Apocalipse faz quando fala em saraiva e fogo sendo lançados sobre a terra.

O texto diz também que “foi queimada a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a erva verde.” (Ap 8.7) Flávio Josefo descreveu a situação:

“Verdadeiramente a aparência da terra era muito melancólica; pois aqueles lugares que antes eram adorados com árvores e jardins agradáveis se tornaram desolados... nem poderia qualquer estrangeiro, que viu a Judéia e os mais belos subúrbios da cidade anteriormente... fazer outra coisa se não lamentar e chorar com tristeza por uma mudança tão grande”.[3]

“A terça parte” (Ap 8.7) significa simplesmente que a destruição não era ainda sobre o todo, mas era parcial. A mesma linguagem foi usada em Ezequiel para se referir ao mesmo – uma destruição parcial – quando ele falou da invasão Babilônica contra Jerusalém:

“Assim diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém; coloquei-a no meio das nações, estando os países ao seu redor; ela, porém, se rebelou perversamente contra os meus juízos, mais do que as nações, e os meus estatutos mais do que os países que estão ao redor dela; porque rejeitaram as minhas ordenanças, e não andaram nos meus preceitos... Portanto, tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, pois que profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis, e com todas as tuas abominações, também eu te diminuirei; e não te perdorei, nem terei piedade de ti. Uma terça parte de ti morrerá da peste, e se consumirá de fome no meio de ti;

e outra terça parte cairá à espada em redor de ti; e a outra terça parte, espalha-la-ei a todos os ventos, e desembainharei a espada atrás deles. Assim se cumprirá a minha ira, e satisfarei neles o meu furor, e me consolarei; e saberão que sou eu, o Senhor, que tenho falado no meu zelo, quando eu cumprir neles o meu furor”. (Ezequiel 5.5-6,11-13)

Em seguida o segundo anjo tocou a segunda trombeta:

“O segundo anjo tocou a sua trombeta, e foi lançado no mar como que um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas viventes que havia no mar, e foi destruída a terça parte dos navios”. (Apocalipse 8.8-9)

Esta visão lembra as palavras do profeta Jeremias:

“Assim diz o Senhor: Eis que levantarei um vento destruidor contra Babilônia... Eis-me aqui contra ti, ó monte destruidor, diz o Senhor, que destróis toda a terra; estenderei a minha mão contra ti, e te revolverei dos penhascos abaixo, e farei de ti um monte incendiado. E não tomarão de ti pedra para esquina, nem pedra para fundamentos; mas desolada ficarás...” (Jeremias 51.1,25-26)

Aqui Deus não fala sobre um monte literal. O monte representa o Império Babilônico. E o monte sendo incendiado e sendo revolido dos penhascos abaixo representa a destruição da Babilônia. A visão de Jeremias se cumpriu quando a Babilônia foi atacada pelo Império Medo-Persa[4]. O Apocalipse compara Israel com a Babilônia (Ap 17.5) e por isso descreve sua destruição da mesma maneira. O próprio Jesus fez a mesma comparação usando a figura do monte:

“Ora, de manhã, ao voltar à cidade, teve fome; e, avistando uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, e não achou nela senão folhas somente; e disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. Quando os discípulos viram isso,

perguntaram admirados: Como é que imediatamente secou a figueira? Jesus, porém, respondeu-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, isso será feito”. (Mateus 21.18-21)

Jesus estava falando de um monte literal? Se de fato estava, não há qualquer evidência histórica de qualquer cristão que tenha conseguido fé suficiente para transportar montes. Mas qual seria o objetivo de alguém querer lançar um monte ao mar? Por que isso sequer seria motivo de oração? O fato é que Jesus não estava falando de um monte literal. O monte se referia a Israel. No contexto, Jesus expulsou os vendilhões do templo (Mt 21.12-13), discutiu publicamente com as autoridades judaicas (Mt 21.23-32, 23.1-39) e lhes avisou sobre a destruição de Jerusalém e do templo naquela mesma geração (Mt 21.33-46, Mt 23.34-39). Quando Jesus secou a figueira, isso era uma forma de avisar sobre o que estava prestes a acontecer com Israel[5]. Da mesma forma, o monte sendo lançado ao mar é equivalente a Israel assim como o monte no oráculo de Jeremias era equivalente a Babilônia.

É importante perceber que Jesus disse que o monte sendo lançado ao mar seria em resposta a orações imprecatórias de seus discípulos. No Apocalipse vemos que isso de fato se cumpriu porque as trombetas começaram a tocar justamente em resposta a oração dos santos (Ap 8.3-4). Esse é o poder da oração. Uma nação inteira foi destruída em resposta a oração com fé[6].

O texto diz que mediante isso “tornou-se sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas viventes que havia no mar, e foi destruída a terça parte dos navios”. (Ap 8.8-9) Novamente, vemos uma semelhança com o Egito (cf. Ap 11.8): “Assim diz o Senhor: Nisto saberás que eu sou o Senhor: Eis que eu, com esta vara que tenho na mão, ferirei as águas que estão no rio, e elas se tornarão em

sangue. E os peixes que estão no rio morrerão, e o rio cheirá mal; e os egípcios terão nojo de beber da água do rio”. (Ex 7.17-18)

Flávio Josefo narrou o que parece ter sido o cumprimento:

“Mas agora quando os navios estavam prontos, Vespasiano colocou a bordo o número de suas forças que achou suficiente... Às vezes os romanos pulavam em seus navios, com uma espada em mão, e os matava... E quanto aos que estavam se afogando no mar, se levantassem suas cabeças da água, eram mortos pelos dardos ou pegos pelos navios... E houve um terrível odor e uma visão muito triste nos dias que seguiram... pois quanto ao litoral, estava cheio de naufrágios e de cadáveres completamente inchados; e à medida que os cadáveres eram inflamados pelo sol e apodreciam, corrompiam o ar, de modo que a miséria não era objeto de comiseração somente para os judeus, mas para aqueles que os odiavam e haviam sido os autores daquela miséria... O número de mortos, incluindo os que haviam morrido antes na cidade, era de seis mil e quinhentos”.[7]

O mar “tornou-se sangue” porque estava cheio de cadáveres dos que morreram na batalha naval, na qual “foi destruída a terça parte dos navios” (Ap 8.9).

Em seguida o terceiro anjo tocou a terceira trombeta:

“O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas. O nome da estrela era Absinto; e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas”. (Apocalipse 8.10-11)

A visão da estrela caindo do céu remete as palavras de Isaías:

“Proferirás esta parábola contra o rei de Babilônia, e dirás: Como cessou o opressor! como cessou a tirania! Já quebrantou o Senhor o bastão dos ímpios e o cetro dos dominadores; cetro que feria os povos com furor, com açoites incessantes, e que em ira dominava as nações com uma perseguição irresistível... Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! como foste lançado por terra tu que prostravas as nações!” (Isa 14.4-6,12)

A queda da estrela aqui significava a queda da Babilônia. A profecia se cumpriu quando a Babilônia foi atacada pelo Império Medo-Persa. Na Bíblia autoridades são frequentemente comparadas a estrelas (cf. Gn 37.9; Is 13.10; Ez 32.7,8; Jd 13, Ap 1.16-20). Novamente, o objetivo do Apocalipse é comparar Israel com a Babilônia e por isso descreve sua destruição da mesma maneira.

O absinto é uma erva amarga frequentemente usada para descrever a tristezas, as aflições e o sofrimento (cf. Dt 29.18; Pv 5.4; Jr 9.15; 23.15; Lm 3.15.19; Am 5.7; Ap 8.11). Deuteronômio associa o absinto à maldição pactual sobre Israel pela transgressão da Lei de Deus:

“...para que entre vós não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo, cujo coração hoje se desvie do Senhor nosso Deus, e vá servir aos deuses dessas nações; para que entre vós não haja raiz que produza absinto e fel, e aconteça que alguém, ouvindo as palavras deste juramento, se abençoe no seu coração, dizendo: Terei paz, ainda que ande na teimosia do meu coração para acrescentar à sede a bebedeira”. (Deuteronômio 29.18-19)

Esta maldição seria o inverso do que Deus fez acontecer na libertação do Egito:

“Depois Moisés fez partir a Israel do Mar Vermelho, e saíram para o deserto de Sur; caminharam três dias no deserto, e não acharam água. E chegaram a Mara, mas não podiam beber das suas águas, porque eram amargas; por isso chamou-se o lugar Mara. E o

povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? Então clamou Moisés ao Senhor, e o Senhor mostrou-lhe uma árvore, e Moisés lançou-a nas águas, as quais se tornaram doces. Ali Deus lhes deu um estatuto e uma ordenança, e ali os provou”. (Êxodo 15.22-25)

Água é fundamental para a sobrevivência humana. Por isso é frequentemente citada na Bíblia como símbolo do sustento espiritual do Senhor (cf. João 4.14). A água amarga é o reverso disso e aponta para a maldição daqueles que se opõem a Deus. A transformação da água amarga em doce por Moisés apontava para as bênçãos pactuais de Deus sobre Israel. Jeremias profetizou sobre a aplicação histórica da maldição do absinto:

“E diz o Senhor: porque deixaram a minha Lei, que lhes pus diante, e não deram ouvidos à minha voz, nem andaram nela, antes andaram obstinadamente segundo o seu próprio coração, e após baalins, como lhes ensinaram os seus pais. Portanto assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Eis que darei de comer absinto a este povo, e lhe darei a beber água de fel”. (Jeremias 9.13-15)

“Mas nos profetas de Jerusalém vejo uma coisa horrenda: cometem adultérios, e andam com falsidade, e fortalecem as mãos dos malfeitores, de sorte que não se convertam da sua maldade; eles têm- se tornado para mim como Sodoma, e os moradores dela como Gomorra. Portanto assim diz o Senhor dos exércitos acerca dos profetas: Eis que lhes darei a comer absinto, e lhes farei beber águas de fel; porque dos profetas de Jerusalém saiu à contaminação sobre toda a terra”. (Jeremias 23.14-15)

O cumprimento histórico da maldição da terceira trombeta parece ser equivalente à terceira taça: “O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. E ouvi o anjo das águas dizer: Justo és tu, que és e que eras, o Santo; porque julgaste estas coisas; porque derramaram o sangue de santos e de

profetas, e tu lhes tens dado sangue a beber; eles o merecem”. (Ap 16:4-6) O cumprimento envolveu dois fatores. Primeiro, a terceira trombeta e a terceira taça são uma consequência direta da segunda trombeta e da segunda taça. Os cadáveres dos seis mil e quinhentos que foram mortos envenenou a água potável. Segundo, envenenar fontes d’água de beber da cidade que seria atacada era uma prática militar comum do exército romano[8].

Em seguida o quarto anjo tocou a quarta trombeta:

“O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhante, e semelhantemente a da noite”. (Apocalipse 8.12)

Novamente, o objetivo aqui é comparar Israel com a Babilônia. Isaías comparou o juízo de Deus contra a Babilônia com o sol, a luz e as estrelas sendo feridas:

“Peso de Babilônia, que viu Isaías, filho de Amós. Alçai uma bandeira sobre o monte elevado, levantai a voz para eles; acenai-lhes com a mão, para que entrem pelas portas dos nobres. Eu dei ordens aos meus santificados; sim, já chamei os meus poderosos para executarem a minha ira, os que exultam com a minha majestade. Já se ouve a gritaria da multidão sobre os montes, como a de muito povo; o som do rebuliço de reinos e de nações congregados. O SENHOR dos Exércitos passa em revista o exército de guerra. Já vem de uma terra remota, desde a extremidade do céu, o SENHOR, e os instrumentos da sua indignação, para destruir toda aquela terra. Clamai, pois, o dia do SENHOR está perto; vem do Todo-Poderoso como assolação. Portanto, todas as mãos se debilitarão, e o coração de todos os homens se desanimará. E assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais, e se angustiarão, como a mulher com dores de parto; cada um se espantará do seu próximo; os seus rostos serão rostos flamejantes. Eis que vem o dia do SENHOR, horrendo, com furor

e ira ardente, para por a terra em assolação, e dela destruir os pecadores. Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz”. (Isaías 13.1-10)

Em seguida o quinto anjo tocou a quinta trombeta:

“O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caíra sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como fumaça de uma grande fornalha; e com a fumaça do poço escureceram-se o sol e o ar. Da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o que têm os escorpiões da terra. Foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm na fronte o selo de Deus. Foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem. E o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem... Tinham sobre si como rei o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom e em grego Apoliom”. (Apocalipse 9.1-4,11)

Os gafanhotos lembram o que aconteceu com o Egito (Ex 10.3-5) e novamente o objetivo é comparar Israel com os egípcios. Mas o texto indica que os gafanhotos não sejam qualquer flagelo físico, mas que sejam tormentos de espíritos imundos. Pois diz que “foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma” e que mesmo no caso dos “homens que não têm na fronte o selo de Deus” (v. 4) “Foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem”. (v. 5) Isto deixa claro que o flagelo não era físico. O texto diz também que “foi-lhes dado poder, como o que têm os escorpiões da terra” (v. 3) e que “o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem” (v. 5). Jesus comparou demônios com escorpiões:

“Voltaram depois os setenta com alegria, dizendo: Senhor, em teu nome, até os demônios se nos submetem. Respondeu-lhes ele: Eu

via Satanás, como raio, cair do céu. Eis que vos dei autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; e nada vos fará dano algum. Contudo, não vos alegréis porque se vos submetem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”. (Lucas 10.17-20)

A expulsão de demônios era recorrente tanto no ministério público de Jesus quando no ministério dos apóstolos. Mas isso não foi o suficiente para impedir a apostasia da maioria dos judeus. Isso foi explicado com clareza por Jesus:

“Ora, havendo o espírito imundo saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, chegando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entretanto, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro. Assim há de acontecer também a esta geração perversa”. (Mateus 12.43-45)

Aqui Jesus explicou que o fato de alguém ter um demônio expulso de seu corpo não significa que esta pessoa seja de fato convertida. Uma pessoa só é de fato cristã quando é habitação do Espírito Santo (cf. Rm 8.9, I Co 3.16, Gl 4.6). Na explicação de Jesus, o espírito imundo havia saído do homem, mas ele não se tornou habitação do Espírito Santo. A casa estava varrida e adornada, mas estava “desocupada”. (v. 44). Sendo assim, o demônio voltou com outros ainda piores e aquele homem se tornou ainda pior do que era antes do demônio ser expulso dele (v. 45).

Isso é um princípio universal que se aplica a todos que passam por uma conversão externa e aparente, mas que não passam por uma conversão genuína. Mas Jesus explicou que isso é o que aconteceria coletivamente com a nação de Israel naquela mesma geração. Jesus, e os apóstolos depois d’Ele passaram anos limpando Israel de espíritos imundos. Mas, ainda assim, a maioria não creu. E porque não creram demônios ainda piores voltaram para atormentar Israel. Esse é o

significado da visão do ataque de gafanhotos com poder de escorpião no toque da quinta trombeta. Quando a medida da iniquidade de Israel finalmente se encheu, o povo foi entregue por Deus aos mais terríveis demônios para serem atormentados. É por isso que não podiam fazer dano aos que tinham “na fronte o selo de Deus”. (Ap 9.4) O Apóstolo Paulo explicou qual era o selo de Deus: “no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa”. (Ef 1.13) “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”. (Ef 4.30) O texto diz também que “o ruído das suas asas era como o ruído de carros de muitos cavalos que correm ao combate”. (Ap 9:9) Este foi um barulho semelhante ao feito pelos anjos na nuvem de glória (cf. Ez 1.24, 3.13, II Rs 7.5-7). A diferença é que estes eram anjos caídos.

Em seguida o sexto anjo tocou a sexta trombeta:

“O sexto anjo tocou a sua trombeta; e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que se acham presos junto do grande rio Eufrates. E foram soltos os quatro anjos que haviam sido preparados para aquela hora e dia e mês e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens”. (Ap 9.13-15)

O rio Eufrates formava a fronteira entre Israel e as forças pagãs que no Antigo Testamento Deus ocasionalmente levantava para castigar seu povo (Jr 6.1, 22; 10.22; 13.20; 25.9,26; 46.20,24; 47.2; Ez 26.7;38.6,15; 39.2). Portanto, a descrição do Apocalipse, criaria na mente do judeu, uma associação imediata daquilo que estava para vir com terrores do passado. O que o Apocalipse está mostrando com isso é que a destruição de Jerusalém pelos romanos seria semelhante às invasões anteriores de nações pagãs. Flávio Josefo deixou registrado que três mil tropas foram escolhidas dentre aqueles que

eram guardavam o rio Eufrates[9] e que diversos reis do oriente apoiaram Roma e também enviaram soldados[10].

“E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados”. (Lucas 19.41-43)

[1] A comparação é implícita em Gálatas 4. Paulo reconhece os judeus incrédulos como filhos de Agar e ela era egípcia (Gn 16.1). A ligação espiritual dos israelitas incrédulos com o Egito pode ser verificada já quando o povo estava no deserto, pois eles constantemente manifestavam o desejo de voltar para lá (Ex 14.11; Ex 16.2-3; Ex 17.2-3; Nm 14.1-4). Vemos o mesmo no período dos profetas na constante confiança que depositavam nas alianças com o Egito (Is 30.1-7).

[2] Flávio Josefo, “A Guerra dos Judeus”, Livro V, Capítulo 6, seção 3.

[3] Ibid., Livro VI, capítulo 1, seção 1.

[4] Isso foi profetizado ainda mais claramente no livro de Daniel que explicitamente identificou o Império Medo-Persa como o instrumento de Deus para destruir a Babilônia (cf.. Dn 5.8, 2.38, 7.5).

[5] O profeta Oséias comparou Israel com uma figueira: “Achei a Israel como uvas no deserto, vi a vossos pais como a fruta temporã da figueira no seu princípio; mas eles foram para Baal- Peor, e se consagraram a essa coisa vergonhosa, e se tornaram abomináveis como aquilo que amaram”. (Oséias 9.10)

[6] Isso deve nos levar a perguntar: De que forma os santos têm se movido em oração contra dominadores iníquos que perseguem o povo de Deus implacavelmente em nações islâmicas? De que forma a Igreja tem se levanta em oração contra os operadores da iniquidade que afligem o órfão, a viúva, o pobre e o desamparado?

[7] Flávio Josefo, “A Guerra dos Judeus”, Livro III, capítulo 10, seção 9.

[8] Jonathan P. Roth, *The Logistics of the Roman Army*.

[9] Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus* 5:1:16.

[10] Ibid., 3:4:2, 5:1:6.

XV

O Mistério de Deus

“... e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora, mas que nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estivesse para tocar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como anunciou aos seus servos, os profetas”. (Apocalipse 10:5-7)

O “mistério de Deus” que se cumpriria “nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estivesse para tocar a trombeta” (v. 7) é um tema recorrente no Novo Testamento, especialmente nas epístolas paulinas. Compreendê-lo é essencial para entender o que acontecer o que acontece na sétima trombeta:

“Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamam circuncisão, feita pela mão dos homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade... Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus... Por esta razão eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós gentios... como pela revelação me foi manifestado o mistério,

conforme acima em poucas palavras vos escrevi, pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas, a saber, que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho. Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder. A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo”. (Efésios 2.11-22,3.1-10)

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé”. (Romanos 16.25-26)

O mistério de Deus que se cumpriria na sétima trombeta é o mesmo que Jesus disse que aconteceria mediante a destruição de Israel – a consumação da transferência do Reino de Deus de Israel as nações, aos gentios: “Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos... o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21.41,43). Legalmente, Israel já havia caído de sua posição quando crucificou Jesus Cristo. Mas demorou quarenta anos para que isso fosse aplicado historicamente. Até a queda de Jerusalém e a destruição do templo o Antigo Pacto estava em processo de desaparecimento e o Novo Pacto ainda estava sendo estabelecido. Até a queda de Jerusalém e a destruição do templo, ainda era possível que existissem crentes piedosos que viviam sob as cerimônias do

Antigo Pacto, pois ainda não haviam sido avisados de que Jesus Cristo já havia vindo. É por isso que o toque da sétima trombeta faz com que o céu celebra a “reconciliação do mundo” (Rm 11.15):

“E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”. (Apocalipse 11.15)

O processo de transferência durou cerca de quarenta anos. Ao toque da sétima trombeta a transferência estaria consumada e nações se tornariam herdeiros plenos dos despojos da destruição de Jerusalém como Jesus avisou que aconteceria.

O texto diz que quando isso aconteceu é porque veio “o tempo de serem julgados os mortos, e o tempo de dares recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o teu nome”. (Ap 11.18) O julgamento se refere ao que ao pedido dos mártires: “E clamaram com grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6:10) A linguagem de recompensa se refere ao mesmo. Como disse Jesus: “para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que mataste entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração”. (Mt 23.35-36)

XVI

As Duas Testemunhas

“E concederei às minhas duas testemunhas que, vestidas de saco, profetizem por mil duzentos e sessenta dias”. (Apocalipse 11.3)

Se as duas testemunhas foram mortas pela besta (Ap 11.7), não há dúvidas que já estavam ativas no primeiro século. Compreender a relação entre os mártires e a destruição de Jerusalém e do templo é a chave para compreender a visão das duas testemunhas. Israel é descrita no Apocalipse na figura de uma mulher adúltera-prostituta que havia traído seu Deus-marido com a besta-Roma. Sendo assim, a nação se tornou passiva de pena capital por adultério (cf. Lv 20.10, Dt 22.22-24). No caso da execução da adúltera Israel, as testemunhas eram a Igreja perseguida e mártir[1]. Eles eram testemunhas da iniquidade de Israel e por isso foram instrumentos para sua execução (Ap 6.9, 8.3-5).

O número dois aponta para o fato de que eram necessárias pelo menos duas testemunhas para que qualquer pena capital fosse aplicada: “Pela boca de duas ou de três testemunhas, será morto o que houver de morrer; pela boca duma só testemunha não morrerá”. (Dt 17.6) O significado primário do número dois é simplesmente dizer que a Igreja do primeiro século seria como testemunhas no tribunal celestial para a execução da Israel que era como uma mulher adúltera. Todavia, devemos considerar também que o número dois

aponta para o padrão estabelecido por Jesus para que o Evangelho fosse pregado a Israel:

“Depois disso designou o Senhor outros setenta, e os enviou adiante de si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. E dizia-lhes: Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide; eis que vos envio como cordeiros ao meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem alpacas; e a ninguém saudeis pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz seja com esta casa. E se ali houver um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; e se não, voltará para vós. Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis de casa em casa. Também, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que puserem diante de vós. Curai os enfermos que nela houver, e dizer-lhes: É chegado a vós o reino de Deus. Mas em qualquer cidade em que entrardes, e vos não receberem, saindo pelas ruas, dizei: Até o pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós. Contudo, sabeis isto: que o Reino de Deus é chegado. Digo-vos que naquele dia haverá menos rigor para Sodoma, do que para aquela cidade”. (Lucas 10.1-12)

Aqui Jesus fala dos discípulos sendo enviados de dois em dois e recebendo poder até mesmo para fazer descer do céu o juízo de Deus sobre aqueles que não recebessem a pregação, o mesmo que vemos com as duas testemunhas (Ap 11.6). É importante notar também que Jesus relaciona tais cidades rebeldes com Sodoma da mesma maneira que acontece na visão das duas testemunhas (Ap 11.8). Nos Atos dos Apóstolos vemos este mesmo padrão sendo seguido pelos apóstolos. Pedro e João curaram o homem coxo de nascença na porta do templo (At 3.1-8), testemunharam para os israelitas (At 3.12-26) e depois para os principais sacerdotes e anciãos (At 4.1-23). Depois os dois foram chamados de Jerusalém para orarem pela descida do Espírito Santo sobre os samaritanos (At 8.14-17). Posteriormente, lemos sobre como Paulo e Barnabé foram companheiros ministeriais,

sendo reconhecidos como as colunas do apostolado dos gentios (Gl 2.9).

O Apocalipse diz também que as duas testemunhas “são as duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra”. (Ap 11.4) É importante perceber que ele diz são (no tempo presente) porque as “duas testemunhas” já estavam em plena atividade quando o Apocalipse foi escrito. A comparação lembra as palavras de Zacarias:

“Falei mais, e lhe perguntei: Que são estas duas oliveiras à direita e à esquerda do castiçal? Segunda vez falei-lhe, perguntando: Que são aqueles dois ramos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si azeite dourado? Ele me respondeu, dizendo: Não sabes o que é isso? E eu disse: Não, meu senhor. Então ele disse: Estes são os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra”. (Zacarias 4.11-14)

Os dois ungidos do livro de Zacarias eram Josué – o sacerdote – e Zorobabel – o rei (Zc 3-4; cf. Ed 3,5-6; Ag 1-2). Mas o Apocalipse começa mencionando que estes dois ofícios se cumpriram em Jesus Cristo (Ap 1.5) e por extensão na Igreja como um todo (Ap 1.6). Por isso as testemunhas são identificadas desta forma. A Igreja possui o sacerdócio real. Sobre o poder da Igreja, o texto diz:

“E, se alguém lhes quiser fazer mal, das suas bocas sairá fogo e devorará os seus inimigos; pois se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto. Elas têm poder para fechar o céu, para que não chova durante os dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem”. (Apocalipse 11.5-6)

O fogo saindo da boca equivale ao que foi dito ao profeta Jeremias:

“Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai-vos, e buscai pelas suas praças a ver se podeis achar um homem, se há

alguém que pratique a justiça, que busque a verdade; e eu lhe perdoarei a ela... Portanto assim diz o Senhor, o Deus dos exércitos: Porquanto proferis tal palavra, eis que converterei em fogo as minhas palavras na tua boca, e este povo em lenha, de modo que o fogo o consumirá. Eis que trago sobre vós uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o Senhor; é uma nação durável, uma nação antiga, uma nação cuja língua ignoras, e não entenderás o que ela falar”. (Jeremias 5.1,14-15)

“Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra?” (Jeremias 23.29)

Não devemos entender com isso que Deus literalmente transformou as palavras de Jeremias em fogo ou que o povo de Israel foi literalmente transformado em lenha. Deus estava simplesmente dizendo que os oráculos de Jeremias trariam juízo sobre o povo. No contexto de Jeremias, isso se cumpriu por meio do Império Babilônico. Com base nisso, devemos entender que o fogo saindo da boca das duas testemunhas no Apocalipse se refere aos seus oráculos que trariam juízo sobre Israel da mesma forma que havia acontecido no tempo de Jeremias. A Igreja tem um ministério profético de proclamar a Palavra de Deus como teve Jeremias. Da mesma maneira, “o poder para fechar o céu, para que não chova durante os dias da sua profecia” e o “poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem” (Ap 11.6) tem como objetivo comparar o ministério profético da Igreja com Elias e Moisés. Isto se cumpriu à medida que o juízo de Deus caiu contra seus perseguidores em resposta as orações dos santos. O que Jeremias, Elias e Moisés fizeram em sua própria época, a Igreja fez no primeiro século e precisa fazer mais uma vez agora:

“Então estendeu o Senhor a mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca. Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para

arrancares e derribares, para destruíres e arruinares; e também para edificares e plantares”. (Jeremias 1.9-10)

O texto fala também de como a Igreja seria perseguida e morta pela besta:

“E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra e as vencerá e matará. E jazerão os seus corpos na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado”. (Apocalipse 11.7-8)

O que é dito aqui é equivalente ao que é dito no capítulo 13:

“Também lhe foi permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe autoridade sobre toda tribo, e povo, e língua e nação”. (Apocalipse 13.7)

A vitória é real, mas é temporária e não é final. Os mártires foram perseguidos, maltratados e mortos. Mas por meio da morte, eram transportados ao céu – o templo de Deus – para estarem com o Cordeiro:

“... segundo a minha ardente expectativa e esperança, de que em nada serei confundido; antes, com toda a ousadia, Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro... tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor”. (Filipenses 1.20-23)

“Disse-me ele: Estes são os que vêm de grande tribulação, e levaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que está assentado sobre o trono estenderá o seu tabernáculo sobre eles. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum; porque o Cordeiro que está no meio, diante do trono, os

apascentará e os conduzirá às fontes das águas da vida; e Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima”. (Apocalipse 7.14-17)

“E vi como que um mar de vidro misturado com fogo; e os que tinham vencido a besta e a sua imagem e o número do seu nome estavam em pé junto ao mar de vidro, e tinham harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos. Quem não te temerá, Senhor, e não glorificará o teu nome? Pois só tu és santo; por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos”. (Apocalipse 15:2-4)

A visão das duas testemunhas descreve o martírio e a vitória celestial da Igreja:

“E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra e as vencerá e matará. E jazerão os seus corpos na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. Homens de vários povos, e tribos e línguas, e nações verão os seus corpos por três dias e meio, e não permitirão que sejam sepultados. E os que habitam sobre a terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão; e mandarão presentes uns aos outros, porquanto estes dois profetas atormentaram os que habitam sobre a terra. E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles, e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram. E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram. E naquela hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram atemorizados, e deram glória ao Deus do céu”. (Apocalipse 11.7-13)

Flávio Josefo narrou este terrível terremoto em Guerra dos Judeus 4.4.5. As duas testemunhas são mortas pela besta-Roma e seus corpos

jazem na grande cidade (cf. Ap 17.8), a prostituta-Jerusalém. Isto simplesmente reflete o fato de que a perseguição da Igreja no primeiro século aconteceu por uma aliança entre o Império Romano e os líderes judaicos[2] da mesma maneira que havia acontecido com Jesus. O texto fala também de uma visão das duas testemunhas na nuvem. É possível que isso tenha se cumprido no que foi relatado por Flávio Josefo:

“Alguns dias depois da festa, no dia vigésimo primeiro do mês de Iyar, um fenômeno prodigioso e incrível aconteceu: suponho que o relato pareceria uma fábula, caso não tivesse sido relatado por pessoas que a viram e caso tais eventos que se lhe seguiram não fosse de uma natureza tão considerável a ponto de merecer tais sinais. Antes do nascer do sol viram-se carruagens e soldados entre as nuvens...”[3]

Tacitus relatou o mesmo acontecimento:

“No céu apareceu uma visão de exércitos em conflito... Um relâmpago repentino vindo das nuvens iluminou o templo... A maioria estava convencida de que as antigas escrituras de seus sacerdotes indicavam que o tempo presente seria a época exata em que o oriente iria triunfar e da Judeia viria homens destinados a governar o mundo”.[4]

O Apocalipse fala dos santos como “os exércitos que estão no céu” (Ap 19.4). Portanto, é provável que a visão que teve o povo de Jerusalém de carruagens e soldados no céu tenha sido uma visão da Igreja mártir gloriosa testemunhando no tribunal celeste contra a prostituta-Israel para que fosse executada.

[1] É interessante notar que a palavra traduzida como testemunha é μαρτυρία – marturia – no grego, de onde vem a palavra mártir no português.

[2] Um fato recorrente nos Atos dos Apóstolos.

[3] Flávio Josefo. Guerra dos Judeus.

[4] Tacitus, *Histories*, 5:13.

XVII

A Guerra de Cristo Contra a Besta

“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça... E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército”. (Apocalipse 19.11,19)

Muitos erradamente interpretam que esta visão seja sobre a segunda vinda de Cristo no fim do mundo. Mas o texto não fala d’Ele descendo do céu, mas como estando no céu. Ele está agora batalhando contra Seus inimigos. Não começará a fazer isso somente na segunda vinda. O propósito dessa visão era mostrar que, apesar de toda perseguição que a Igreja sofria, Jesus Cristo é o “Rei dos reis, e Senhor dos senhores” (v. 16), o Rei-guerreiro celestial que batalharia contra as forças do Império Romano – a besta e o falso profeta. “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis”. (Ap 17.14)

Diferente de Israel que caiu naquela mesma geração, a vitória do Cristianismo sobre o Império Roma foi um processo mais complexo e demorado, ainda que não menos gloriosa. A perseguição imperial durou cerca de três séculos. Apesar disso, Roma caiu e a Igreja prevaleceu. Jonathan Edwards descreveu, com muita precisão, a vitória do Cristianismo sobre a Roma pagã:

“Jerusalém foi destruída... antes que se passasse aquela geração que era contemporânea a Cristo. A destruição do paganismo imperial aconteceu cerca de duzentos e sessenta anos depois disto. Ao descrever o sucesso do Evangelho neste período, eu irei, I. Descrever a oposição do Império Romano; II. Como a obra do Evangelho continuou apesar de toda oposição; III. A circunstância peculiar de tribulação e angústia em que a Igreja se encontrou logo antes da libertação por meio de Constantino; e IV. A grande revolução na época de Constantino.

Eu mostrarei um resumo da oposição feita contra o Evangelho e o Reino de Cristo pelo Império Romano. Esta oposição aconteceu principalmente depois da destruição de Jerusalém. Ainda que tenha iniciado antes, a perseguição antes da destruição de Jerusalém foi principalmente dos judeus. Quando Jerusalém foi destruída, os judeus se tornaram incapazes de perturbar a Igreja. Sendo assim, o Diabo voltou sua mão para outro lugar e usou outros instrumentos. A oposição no Império Romano contra o Reino de Cristo era principalmente de dois tipos.

Utilizaram toda erudição, filosofia e sagacidade para se opor. Cristo veio ao mundo em uma era em que a erudição e a filosofia estavam no auge no Império Romano. O Evangelho, que anuncia um Salvador crucificado, não era de forma alguma agradável as noções dos filósofos. O sistema cristão de confiar no Redentor crucificado parecia tolo e ridículo para eles. Mas o apóstolo comentou que a doutrina de Cristo crucificado parecia tolice para os gregos (I Co 1.23) e, portanto, os sábios e filósofos se opunham com toda sagacidade que tinham. Temos uma amostra desta oposição na maneira com que trataram o apóstolo Paulo em Atenas, que era, e havia sido por muitas eras, o assento principal dos filósofos em todo mundo. Lemos em Atos 17.18 que os filósofos epicureus e estoicos foram ao seu encontro dizendo, ‘Que quer dizer este paroleiro? Parece que é pregador de deuses estranhos’. Eles estavam ansiosos para escarnecer e ridicularizar o Cristianismo e depois da queda de Jerusalém, diversos filósofos

publicaram livros para combatê-lo. Os principais foram Celso e Porfírio que escreveram com virulência e desprezo, de maneira parecida com os deístas de nossa época. Apesar de serem grandes inimigos e cheios de desprezo pela religião cristã, eles nunca negaram os fatos registrados sobre Cristo e Seus apóstolos no Novo Testamento, particularmente os milagres que operavam, mas aceitavam que realmente aconteciam. Eles viveram muito próximos da época destes milagres para negá-los; foram operados de maneira tão pública e tão recentemente que nem os judeus ou pagãos pareciam negá-los, mas simplesmente atribuíam ao poder da magia.

A autoridade do Império Romano usou toda sua força, ao longo do tempo, para perseguir e se possível fosse extirpar o Cristianismo. Fizeram isso em dez perseguições gerais sucessivas. Podemos observar que Cristo veio ao mundo quando a força do domínio e autoridade pagã estava no auge sob a monarquia romana. Todas as forças desta monarquia foram empregadas por muito tempo para opor e perseguir a Igreja Cristã, e se possível destruí-la, em dez tentativas consecutivas, conhecidas como as dez perseguições pagãs.

A primeira destas, que foi a perseguição sob Nero, aconteceu um pouco antes da destruição de Jerusalém, na qual o apóstolo Pedro foi crucificado e o apóstolo Paulo foi decapitado, logo depois de escrever sua segunda epístola a Timóteo. Quando ele escreveu aquela epístola, ele era um prisioneiro em Roma sob Nero, e diz, “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”. (II Tm 4.6-7) Muitos outros milhares de cristãos foram mortos nesta perseguição. As outras nove perseguições aconteceram todas depois da destruição de Jerusalém. Algumas foram extremamente terríveis e excederam em muito a primeira perseguição sob Nero. Um Imperador depois do outro era tomado pelo mais profundo ódio com o propósito de extirpar a Igreja Cristã da terra, de forma que não existisse nem mesmo o nome cristão mais no mundo. Milhares de milhares foram executados cruelmente, pois não poupavam idade nem sexo.

A segunda perseguição geral, sob Domiciano, foi à próxima e aconteceu depois da destruição de Jerusalém [...] Sob essa perseguição foi calculado que cerca de quarenta mil sofreu martírio; o que não significou nada comparada com algumas perseguições posteriores. Dez mil sofreram aquela forma de execução cruel, crucificação, na terceira perseguição sob o Imperador Adriano. Sob a quarta perseguição, que começou ao redor do Ano de Cristo 162, muitos foram martirizados na Inglaterra, a terra de nossos antepassados, onde alguns supõe que o Cristianismo foi implantado nos dias dos apóstolos. E nas últimas perseguições, os imperadores romanos já estavam irritados com o fracasso de seus antecessores, que não foram capazes de extirpar o Cristianismo, ou impedir seu progresso, e por isso se enfureceram de forma que foram os mais violentos em suas tentativas.

Assim, a grande parte dos primeiros trezentos anos depois de Cristo se passaram com perseguições cruéis e violentas contra a Igreja pelas forças romanas. Satanás estava muito indisposto a perder seu domínio sobre uma parte tão grande e ilustre do mundo como os países contidos no Império Romano, sobre os quais ele havia dominado tranquilamente por muitas eras. Portanto, quando viu que estava escapando de suas mãos com tanta velocidade, ele reagiu rapidamente. Todo o inferno se ergueu para lutar com todas as forças.

Eu mostrarei o sucesso do Evangelho no mundo antes do tempo de Constantino, apesar de toda oposição. Ainda que a erudição e força do Império Romano eram tão vastos e as duas coisas foram empregadas ao máximo contra o Cristianismo, foi tudo em vão. Não podiam extirpar nem impedir o progresso. Apesar de tudo, o Reino de Cristo prevaleceu maravilhosamente e o reino pagão de Satanás foi abandonado e consumido diante d'Ele, em conformidade com este texto, 'a traça os roerá como a roupa, e o bicho os comerá como a lã'. (Is 51.8) E era muito visível que quanto mais perseguiam a Igreja, mais ela crescia. Por isso o ditado se tornou famoso: 'O sangue dos mártires é a semente da Igreja'

[...] Justino Mártir, um pai eminente na Igreja Cristã, disse que naqueles dias não havia qualquer parte da humanidade em que orações e ações de graças não eram feitas ao grande Criador do mundo, no nome de Cristo crucificado, entre gregos ou bárbaros, ou por qualquer outro nome que poderiam se chamar, mesmo as nações mais rudes e impolidas. Tertuliano, outro pai eminente da Igreja Cristã e que viveu no início da era seguinte, testificou que em seus dias a religião cristã havia se estendido aos limites mais longínquos do mundo conhecido, que ele reconhecia como sendo a Bretanha. Com isso ele demonstrou que o Reino de Cristo era mais extenso que qualquer uma das quatro grandes monarquias. Ele disse também que os cristãos... haviam enchido todos os lugares dos domínios romanos, suas cidades, ilhas, castelos, corporações, conselhos, exércitos, tribos, palácio, senado, e cortes de jurisdição; abandonavam somente seus templos pagãos.

Escritores pagãos e cristãos daqueles dias comentavam que, os famosos oráculos pagãos nos templos – onde príncipes e outros de eras passadas inquiriam e recebiam respostas com uma voz audível de seus deuses, que eram na realidade demônios – estavam ficando mudos e não davam mais respostas [...] Porfírio, que era um oponente da religião cristã, escreveu estas palavras: ‘Não é surpresa que a cidade tem sido tem sido dominada por doenças por tantos anos; Esculápio e o resto dos deuses abandonou a relação com os homens. Pois desde que Jesus começou a ser adorado, nenhum homem tem mais recebido qualquer ajuda ou benefício publico dos deuses’. Assim o Reino de Cristo prevalecia contra o reino de Satanás.

Agora eu mostrarei as circunstâncias peculiares de tribulação e angústia um pouco antes de Constantino o Grande assumir o trono. Sofrerão esta tribulação sob a décima perseguição pagã e que, por ser a última, foi a mais pesada e severa. Com o fim da nona perseguição, a Igreja experimentou um período de tranquilidade por quarenta anos. Mas abusou da liberdade e começou a desenvolver uma religião fria, sem vida e cheio de brigas. Deus foi ofendido e trouxe sobre eles esta prova terrível [...] As autoridades atacaram

com violência extrema para que o Cristianismo fosse extirpado, queimando Bíblias e destruindo todos os cristãos [...] Às vezes incendiavam casas com multidões reunidas queimando tudo; em outros momentos esquartejavam tantas multidões que os perseguidores se cansavam com o trabalho de matar e atormentá-los.

Esta perseguição durou cerca de dez anos e da mesma forma que excedeu todas as perseguições anteriores em número de mártires, também excedeu na variedade e multidão de invenções para a tortura e crueldade.

Esta foi a época mais sombria para a Igreja Cristã, logo antes do raiar do dia. Foram conduzidos aos piores extremos até que Deus apareceu para a libertação gloriosa, assim como a escravidão dos israelitas no Egito foi extremamente severa e cruel logo antes da libertação por meio de Moisés. Os inimigos pensaram que haviam prevalecido e consumado a destruição da mesma forma que Faraó e seus exércitos acreditaram que estava tudo acabado para os filhos de Israel no Mar Vermelho.

Agora eu falarei da grande revolução por meio de Constantino [...] O povo de Roma estava se cansando do governo daqueles tiranos que vinha dominando naqueles tempos e mandaram chamar Constantino, que estava na cidade de York na Inglaterra, para assumir o trono [...] Ele assumiu o trono cerca de trezentos e vinte anos depois de Cristo. Há diversas coisas que precisam ser notadas que aconteceram quando Constantino assumiu o trono, ou imediatamente depois.

A Igreja Cristã foi inteiramente liberta da perseguição. O dia de seu livramento veio depois de uma noite tão escura de aflição: o chorou continuou por uma noite, mas agora o livramento e a alegria chegaram com a manhã. Deus se manifestou para julgar o seu povo quando viu que as forças estavam acabadas e não restava mais nada. Cristãos não tinham mais a perseguição para temer. Seus

perseguidores foram todos derrubados e muitos de seus governantes eram cristãos também.

Deus agora se manifestou para executar juízos terríveis sobre seus inimigos. Os registros históricos fornecem relatos surpreendentes do quão terrível foi fim de imperadores, príncipes, generais e capitães pagãos, que se empenhavam na perseguição de cristãos; morrendo miseravelmente, um após o outro, sofrendo estranhos tormentos do corpo, horrores na consciência, com a mão de Deus visivelmente pesando contra eles.

O paganismo foi, em grande medida, abolido por todo o Império Romano. Imagens eram destruídas e templos pagãos derrubados. Imagens de ouro e prata eram derretidas e transformadas em dinheiro. Alguns dos principais ídolos eram levados para Constantinopla e lá eram arrastados pela cidade para que o povo pudesse zombar. Os sacerdotes pagãos eram expulsos e banidos.

A Igreja Cristã foi conduzida a um estado de grande paz e prosperidade. Todos os magistrados pagãos eram rebaixados e somente cristãos avançavam para lugares de autoridade por todo Império. Agora havia presidentes cristãos, governadores cristãos, juízes e oficiais cristãos, no lugar dos pagãos. Constantino trabalhou para dar honra aos bispos e ministros e para construir e embelezar igrejas; igrejas cristãs grandes e bonitas eram erguidas em todo o mundo no lugar dos antigos templos pagãos.

Satanás, o príncipe das trevas, o rei e deus dos pagãos estava sendo derrubado. O leão que rugia foi conquistado pelo Cordeiro de Deus, no mais forte domínio que ele já teve. Isso foi um cumprindo impressionante de Jeremias 10.11: “Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão da terra e de debaixo deste céu”. (Jr 10,11) A maior parte do mundo estava sendo levada a abandonar seus deuses e sua velha religião, com os quais estavam acostumados. Eles estavam acostumados a adorar esses deuses por tanto tempo que não sabiam nem mesmo quando haviam começado. Está escrito que era algo desconhecido que uma nação mudasse de

deuses (Jr 2.10,11), mas agora a maioria das nações do mundo conhecido estava sendo levados a abandonar seus deuses antigos. A multidão dos deuses que eles adoravam foram todos abandonados. Milhares deles foram renunciados para que passassem a adorar o único Deus e Cristo, o único Salvador. Isto foi o extraordinário cumprimento de Isaías 2.17,18: “E a arrogância do homem será humilhada, e a sua altivez se abaterá, e só o SENHOR será exaltado naquele dia. E todos os ídolos desaparecerão totalmente”. (Is 2.17-18) E desde então, aqueles deuses que eram tão famosos no mundo, como Júpiter, Saturno, Minerva e Juno são somente lembrados como coisas do passado. Há muitos séculos eles não têm templos, altares e adoradores.

O Evangelho prevalecendo da maneira que fez contra uma oposição tão forte demonstra claramente a mão de Deus. O governo romano que, com tanta violência, trabalhou para impedir o sucesso do Evangelho e para destruir a Igreja de Cristo, foi o Império mais potente que já havia aparecido no mundo; e não somente isso, mas também pareciam ter a Igreja nas mãos. Os cristãos que estavam sob seu domínio nunca pegaram nas armas para se defender, se armaram unicamente com a paciência e armas espirituais. Ainda assim, essa grande potencia não podia conquistá-los, mas o Cristianismo é que prevaleceu. O Império Romano havia dominado muitos reinos poderosos; eles dominaram a monarquia Grega, apesar desta ter resistido ao máximo. Mas não foram capazes de conquistar a Igreja em suas mãos. Pelo contrário, a Igreja triunfou e prevaleceu.

Nenhuma outra causa suficiente pode ser atribuída por esse sucesso do Evangelho, exceto o poder do próprio Deus”. (Jonathan Edwards, *A History of the Work of Redemption*, “The Success of Redemption from the Destruction of Jerusalem, to the Time of Constantine”)

XVIII

Os Mil Anos

“Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrrou por mil anos. Lançou-o no abismo, o qual fechou e selou sobre ele, para que não enganasse mais as nações até que os mil anos se completassem. Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”. (Apocalipse 20.2-3)

O número mil não deve ser entendido literalmente. Mil significa simplesmente “muitos” (cf. Lv 26.8; Dt 7.9; Sl 50.10; Sl 90.4). O Apóstolo Pedro falou de mil anos como um símbolo do longo período de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo:

“Amados, já é esta a segunda carta que vos escrevo; em ambas as quais desperto com admoestações o vosso ânimo sincero; para que vos lembreis das palavras que dantes foram ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, dado mediante os vossos apóstolos; sabendo primeiro isto, que nos últimos dias[1] virão escarnecedores com zombaria andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação... Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia... Virá, pois, como ladrão o dia do Senhor, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as

obras que nela há, serão descobertas. Ora, uma vez que todas estas coisas hão de ser assim dissolvidas, que pessoas não deveis ser em santidade e piedade, aguardando, e desejando ardentemente a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se dissolverão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Nós, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça”. (II Pedro 3.1-4,9,10-13)

Pedro explicou que no decorrer dos últimos dias haveria escarnecedores zombando da demora da segunda vinda. Pedro reconheceu que, de fato, a segunda vinda seria demorada, mas somente sob uma perspectiva de tempo humana. Para Deus, que é eterno e está acima do tempo, não há qualquer demora, pois “mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou, e como uma vigília da noite”. (Sl 90.4) Sob a perspectiva de tempo humana, a segunda vinda de Cristo pareceria demorada e os “mil anos” representa esta aparente demora. Os mil anos da visão do Apocalipse 20 significa a mesma coisa.

Apocalipse 20 fala de Satanás sendo amarrado. Isso também está ligado ao que aconteceu mediante a primeira vinda de Jesus Cristo:

“Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o Reino de Deus. Ou, como pode alguém entrar na casa do valente, e roubar-lhe os bens, se primeiro não amarrar o valente? e então lhe saquear a casa”. (Mateus 12.28-29)

Aqui Jesus falou da chegada do Reino de Deus. Este termo tem diversas aplicações e pode indicar o domínio providencial do Deus Triúno, o domínio universal do Filho de Deus encarnado sobre todas as coisas, o domínio salvífico especial de Cristo sobre Seu povo – a vida, sabedoria, santidade, poder e autoridade que Cristo concede ao Seu povo – e a influencia permeadora da Palavra e do Espírito no mundo. O Novo Testamento costuma usar o termo para se referir a esta realidade especial que foi inaugurada com a vinda de Cristo e,

portanto, já é uma realidade presente. Cristo explicou que o sinal visível da chegada do Reino de Deus é que ele expulsava demônios. Além disso, ele explicou que o Reino de Deus não poderia chegar “se primeiro não amarrar o valente”.(v. 29) O verbo traduzido aqui como “amarrar” é δεω – deo. É exatamente o mesmo verbo usado no Apocalipse: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o (δεω) por mil anos”. (Ap 20.2) É o mesmo acontecimento. Satanás foi amarrado para que o Reino de Deus fosse instituído.

Os pre-milenistas questionam a ideia de que Apocalipse 20.2 já tenha se cumprindo dizendo que a existência de maldade no mundo prova que Satanás ainda não foi amarrado. Mas Jesus explicitamente disse em Mateus 12.28-29 que o Diabo seria amarrado para que o Reino de Deus fosse instituído. Qualquer interpretação que negue a possibilidade disso já ter acontecido, nega as claras palavras de Jesus. Além disso, Jesus Cristo explicou que a instituição do Reino de Deus não extirparia todo mal imediatamente, mas se expandiria progressivamente no decorrer da história:

“Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos. Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado”. (Mateus 13.31-33)

Em Mateus 12.28-29, Jesus explicou que o Reino de Deus já estava sendo instituído e que para isso acontecer era necessário amarrar Satanás. No capítulo seguinte, ele explicou que o Reino de Deus começa pequeno, sem aparência exterior (cf. Lc 17.20), mas que com o passar do tempo se expande até que toma conta de tudo. Portanto, o fato de ainda existir tanta maldade e pecado no mundo não prova

que o Reino de Deus ainda não tenha instituído nem que o Diabo já não tenha sido amarrado. Prova simplesmente que o Reino de Deus ainda não chegou a sua consumação final, mas ainda está em processo de expansão. João Calvino comentou:

“O Senhor abre o seu Reino com um começo fraco e desprezível para o propósito expreso, que seu poder possa ser mais plenamente ilustrado por seu progresso inesperado”. [2]

É importante perceber também que, apesar de Jesus falar que o Diabo estava sendo amarrado já na instituição do Reino de Deus, Ele não negou que o Diabo continuaria operando. Para entender como as duas coisas podem ser simultaneamente verdadeiras, precisamos entender em que sentido o Diabo é amarrado.

Apocalipse 20 diz que Satanás seria amarrado “para que não mais engane as nações”. (Ap 20.3) Este é o “mistério de Deus” (cf. Ap 10.7), o tema central do livro inteiro: a transferência do reino de Deus a outro povo (cf. Mt 21.41,43), os gentios. A transferência foi consumada em 70 AD com a queda de Jerusalém e a destruição do templo. Mas como o Apóstolo Paulo explicou, a conversão das nações se cumpriria progressivamente no decorrer da história: “Pela sua [Israel] queda veio a salvação aos gentios... sua queda é a riqueza do mundo... a sua rejeição é a reconciliação do mundo... o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado”. (Rm 11.11-12,15,25) E também: “Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés”. (I Co 15.25) No Evangelho de João encontramos Jesus ensinando o mesmo:

“Ora, havia alguns gregos, entre os que tinham subido a adorar no dia da festa. Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, queríamos ver a Jesus. Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe o disseram a Jesus. E Jesus lhes respondeu, dizendo: E chegada a hora em que o Filho

do homem há de ser glorificado. Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará. Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei. Ora, a multidão que ali estava, e que a ouvira, dizia que havia sido um trovão. Outros diziam: Um anjo lhe falou. Respondeu Jesus, e disse: Não veio esta voz por amor de mim, mas por amor de vós. Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atraindo a mim. E dizia isto, significando de que morte havia de morrer”. (João 12.20-33)

Este capítulo narra o fim do ministério público de Jesus. É muito significativo notar que o texto nos diz que gregos haviam subido a Jerusalém para adorar a Deus na Páscoa e queriam falar com Jesus. Inicialmente, a reação de Jesus ao saber disso pode parecer um pouco estranha. Os apóstolos Filipe e André avisaram que os gregos queriam falar com Jesus, mas Ele respondeu falando de Sua morte. Isso pode levar alguns a crer que Jesus simplesmente ignorou aqueles homens. Mas quando analisamos Suas palavras mais profundamente, percebemos que ele não ignorou de forma alguma. Ele explicou que o “juízo deste mundo” (v.30) aconteceria quando Ele fosse “levantado da terra” (v. 31), “E dizia isto, significando de que morte havia de morrer”. (v. 33) Ele explicou o mesmo para Nicodemos: “E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado”. (Jo 3.14) O “juízo deste mundo” se refere ao fim do domínio de Satanás sobre as nações (cf. Rm 11) pela instituição do Reino de Deus: “Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo”. (Jo 12.31) A instituição do Reino de Deus por meio da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo significou o fim do domínio de Satanás sobre os gentios e é

neste sentido que ele seria amarrado. “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim”. (João 12.32) Jesus não ignorou os gregos que queriam falar com Ele, mas explicou que aqueles gregos querendo vê-lo era somente o início de algo muito maior: “a reconciliação do mundo” (Rm 11.15). Ele respondeu falando de sua morte porque seria meio dela que começaria a vocação dos gentios. O capítulo mostra o contraste entre a vocação dos gentios e a rejeição de Israel. Isaías escreveu:

“Eis que o meu Servo procederá com prudência; será levantado, e elevado, e mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele, pois o seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens. Assim borrifará muitas nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão”. (Isaías 52.13-15)

A vocação das nações por meio da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo não é um assunto isolado no livro do profeta Isaías. É um dos livros do Antigo Testamento que mais enfatizam que quando Jesus Cristo viesse, Ele confirmaria e estabeleceria a Lei de Deus como padrão de justiça para todas as nações:

“O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ah, nação pecadora, povo carregado de iniquidade, descendência de malfeitores, filhos que praticam a corrupção! Deixaram o Senhor, desprezaram o Santo de Israel, voltaram para trás. Por que seríeis ainda castigados, que persistis na rebeldia? Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã; há só feridas, contusões e chagas vivas; não foram espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo... Ouvei a palavra do Senhor, governadores de Sodoma; dai ouvidos à Lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra... as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos; tirai de diante dos meus olhos a maldade dos vossos atos; cessai de fazer o mal;

aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva. Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã". (Isaías 1.3-18)

Isaías chegou diante de Israel com uma reclamação da parte de Deus. A rebelião do povo era tão grande que chegaram a ser comparados com Sodoma e Gomorra. Além disso, Isaías enfatizou que a essência da rebelião era a transgressão da Lei de Deus: "Ouvi a palavra do Senhor, governadores de Sodoma; dai ouvidos à Lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra". (v. 10) E esta não era uma ordem isolada. Por todo o livro, Isaías enfatizou o mesmo:

"Pelo que, como a língua de fogo consome o restolho, e a palha se desfaz na chama assim a raiz deles será como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó; porque rejeitaram a Lei do Senhor dos exércitos, e desprezaram a Palavra do santo de Israel. Por isso se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo, e o Senhor estendeu a sua mão contra ele, e o feriu; e as montanhas tremeram, e os seus cadáveres eram como lixo no meio das ruas; com tudo isto não tornou atrás a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão". (Isaías 5.24-25)

"À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles". (Isaías 8.20)

"Porque este é um povo rebelde, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a Lei do SENHOR". (Isaías 30.9)

"Quem entregou a Jacó por despojo, e a Israel aos roubadores? Porventura não foi o SENHOR, aquele contra quem pecamos, e nos caminhos do qual não queriam andar, não dando ouvidos à sua Lei?" (Isaías 42.24)

Esse é o contexto para entender as palavras de Isaías sobre o sacrifício expiatório de Jesus Cristo na cruz:

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. (Isaías 53.4-5)

Isso remete diretamente ao que havia sido dito na abertura do livro:

“Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres não espremidas, nem ligadas, nem amolecidas com óleo”. (Isaías 1.5-6)

Isaías apresentou a crucificação de Jesus Cristo como o meio pelo qual os transgressores da Lei seriam reconciliados com Deus. E se a rebelião do povo consistia no fato de que eram transgressores da Lei, segue-se que a reconciliação não pode ser entendida de outra maneira se não a transformação espiritual do povo para que passassem a obedecer a Lei. Além disso, Isaías profetizou que a reconciliação não incluiria Israel somente, mas também os gentios:

“Palavra que viu Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém. E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a palavra do SENHOR. E ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”. (Isaías 2.1-4)

Isaías profetizou que com a vinda de Jesus Cristo nos últimos dias, Ele confirmaria e estabeleceria a Lei de Deus como padrão de justiça para todas as nações. Atos dos Apóstolos narra o princípio do cumprimento:

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, E Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus”. (Atos 2.1-11)

É importante lembrar que a efusão do Espírito aconteceu especificamente no Dia de Pentecostes. Sob o Antigo Pacto, o Dia de Pentecostes comemorava a entrega dos Dez mandamentos da Lei de Deus no Monte Sinai. Isso tem ligação direta com aquilo que o Espírito Santo veio fazer:

“Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos

darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis“. (Ezequiel 36.25-27)

“Porquanto o que era impossível à Lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; Para que a justiça da Lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à Lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele“. (Romanos 8.3-9)

A efusão do Espírito Santo aconteceu no Dia de Pentecostes porque neste dia comemorava-se a entrega dos Dez mandamentos da Lei de Deus e o que o Espírito Santo veio fazer foi precisamente nos capacitar a cumprir esta mesma Lei. Isso aconteceu “nos últimos dias” (At 2.17) conforme também profetizou Isaías que “de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor”. (Is 2.3) A saída da Lei de Sião significa simplesmente que a Lei deixaria de estar restrita a Israel somente, mas serviria como padrão de justiça para todas as nações. Isaías enfatiza o mesmo no resto do livro:

“Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho, o meu eleito, em quem se apraz a minha alma; pus o meu Espírito sobre ele; ele trará justiça as nações. Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça. A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fuma; com verdade trará justiça. Não faltará, nem será quebrantado, até que ponha na terra a justiça; e as ilhas aguardarão a sua Lei“. (Isaías 42.1-4)

“Sim, diz ele: Pouco é que sejas o meu Servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; também te porei para luz das nações, para seres a minha salvação até a extremidade da terra. Assim diz o Senhor, o Redentor de Israel, e o seu Santo, ao que é desprezado dos homens, ao que é aborrecido das nações, ao servo dos tiranos: Os reis o verão e se levantarão, como também os príncipes, e eles te adorarão, por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu. Assim diz o Senhor: No tempo aceitável te ouvi, e no dia da salvação te ajudei; e te guardarei, e te darei por pacto do povo, para restaurares a terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas”. (Isaías 49.6-8)

“Atendei-me, povo meu e nação minha, inclinai os ouvidos para mim; porque de mim sairá a Lei, e o meu juízo farei repousar para a luz dos povos. Perto está a minha justiça, vem saindo a minha salvação, e os meus braços julgarão os povos; as ilhas me aguardarão, e no meu braço esperarão. Levantai os vossos olhos para os céus, e olhai para a terra em baixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se envelhecerá como roupa, e os seus moradores morrerão semelhantemente; porém a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será abolida. Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, povo em cujo coração está a minha Lei; não temais o opróbrio dos homens, nem vos turbeis pelas suas injúrias. Porque a traça os roerá como a roupa, e o bicho os comerá como a lã; mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação de geração em geração”. (Isaías 51.4-8)

“Eis que o meu Servo procederá com prudência; será levantado, e elevado, e mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele, pois o seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens. Assim borrifará muitas nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão”. (Isaías 52.13-15)

Isaías diz que isso aconteceria mediante a morte de Jesus Cristo, quando ele fosse “levantado” (cf. Is 52.13; Jo 3.14; 12.32). Mas em

nenhum momento ele diz que isso estaria consumado imediatamente. O que Isaías diz é que “Ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”. (Is 2.4) É necessário que Jesus julgue e repreenda as nações. A repreensão dos povos de Isaías 2 deve ser lido a luz das bênçãos e maldições pactuais da Lei. Quando Deus libertou Israel da escravidão do Egito, Ele revelou, por Sua Lei, que a rebelião dos povos trás os juízos históricos de Deus (cf. Lv 26; Dt 28-29). Se as nações forem obedientes, recebem as bênçãos de Deus e são bem sucedidos no domínio sobre a terra. Se forem desobedientes, recebem maldições. O juízo de Deus não é simplesmente individual sobre aqueles que pecam. É também coletivo e intergeracional. Gerações que dão continuidade ao pecado de seus pais aumentam progressivamente a ira de Deus até tenham enchido a medida da iniquidade para que o povo seja julgado. Sobre isso, John Knox escreveu:

“Quando eu me recordo das terríveis ameaças de Deus, pronunciadas contra reinos e nações às quais a luz da Palavra de Deus foi oferecida, mas foi desdenhosamente rejeitada (Lv 26.14-39; Mt 10.14-15); enquanto meu coração lamenta com sinceridade por sua atual situação, queridos amados em Nosso Senhor Jesus, todas as forças do corpo e da alma se estremecem pelas pragas que virão... Isto eu afirmo, que fugir da idolatria é tão lucrativo, e tão necessário para o cristão que, a menos que ele faça isso, todo lucro terreno se converterá em perda e perpétua condenação. Lucro pode ser referente aos corpos ou as almas de nós mesmos ou de nossa posteridade. Comodidades corporais consistem nas principais coisas que os homens buscam para o corpo: riquezas, honra, vida longa, saúde e sossego na terra. O único conforto e alegria da alma é Deus por sua Palavra expelindo a ignorância, o pecado e a morte, e no lugar destes plantando o verdadeiro conhecimento d’Ele mesmo e com isso a justiça e vida em Cristo Jesus, Seu Filho. Se o lucro do corpo ou na alma nos move, então é necessário que evitemos a idolatria. Pois é evidente que a alma não tem vida nem conforto se

não por Deus somente, com quem os idolatras não tem qualquer comunhão ou participação além do que tem os demônios (I Co 6.9). E ainda que os abomináveis idólatras triunfem por um momento, se aproxima a hora em que a vingança de Deus não ferirá somente a alma, mas até mesmo suas carcaças vis sofrerão pragas, como Ele já ameaçou fazer antes. Suas cidades serão queimadas, suas terras serão devastadas, seus inimigos habitarão em suas fortalezas, suas esposas e filhas serão humilhadas, seus filhos caíram ao fio da espada. Não encontrarão misericórdia porque recusaram o Deus da misericórdia, quando amorosa e pacientemente ele os chamou (Lv 26.14-19; Jr 6.11-12; Lv 26.1-13)... Mas vocês vão querer saber qual a base de minha certeza; Deus queira que ao ouvi-la vocês compreenderão e crerão firmemente no mesmo. Minha certeza não se baseia nas maravilhas de Merlin, nem nas sentenças obscuras de profecias profanas, mas (1.) a verdade clara da Palavra de Deus, (2.) a justiça invencível do Deus eterno, e (3.) o curso ordinário de seus castigos e pragas desde o princípio, são a base de minha certeza. A Palavra de Deus ameaça a destruição de todos os desobedientes; Sua justiça imutável requer o mesmo. Os castigos e pragas ordinários dão exemplos de como isto acontece (Dt. 28.15-68; Jr. 5.15-17; Am. 3.2, 11-15; Dt. 29.10-29). Sendo assim, qual homem pode deixar de profetizar? A Palavra de Deus fala claramente que se um homem ouvir as maldições da Lei de Deus, e ainda assim, em seu coração, prometer a si mesmo felicidade e boa sorte, pensando que terá paz, ainda que ele ande na imaginação de sua própria vontade e coração; a tal homem Deus não será misericordioso, mas Sua ira se ascenderá contra ele, e destruirá seu nome de debaixo do céu”.[3]

A repreensão dos povos para que o mundo fosse convertido começou no princípio dos últimos dias, quando “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás... para que não mais engane as nações” (Ap 20:2). Desde então, Cristo tem repreendido as nações e continuará a fazê-lo “até que a plenitude dos gentios haja entrado”. (Rm 11.25). Neste tempo a transformação espiritual e obediência a Lei de Deus será tão grande em todo o mundo que “uma nação não levantará espada contra outra nação,

nem aprenderão mais a guerrear”. (Is 2.4) O Apocalipse profetizou o juízo de Deus sobre dois povos: Israel e a Roma Imperial. “Tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso...”. (I Co 10.11) É um retrato de como Deus lida com todas as nações.

O Apóstolo Paulo explicou que a conversão nacional de Israel acontecerá após a conversão do mundo inteiro (cf. Rm 11.11-21,15,25) e que isso acontecerá antes da ressurreição final (cf. Rm 11.15). Isaías profetizou sobre como seria esse tempo:

“Mas alegrai-vos e regozijai-vos perpetuamente no que eu crio; porque crio para Jerusalém motivo de exultação e para o seu povo motivo de gozo. E exultarei em Jerusalém, e folgarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não tenha cumprido os seus dias; porque a criança morrerá de cem anos; mas o pecador de cem anos será amaldiçoado. E eles edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o fruto delas. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus escolhidos gozarão por longo tempo das obras das suas mãos: Não trabalharão debalde, nem terão filhos para calamidade; porque serão a descendência dos benditos do Senhor, e os seus descendentes estarão com eles. E acontecerá que, antes de clamarem eles, eu responderei; e estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro juntos se apascentarão, o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente”. (Isaías 65.18-25)

O pre-milenismo defende que esta profecia se refere ao mundo após a segunda vinda. Mas isso não pode ser verdade porque Isaías descreve um mundo em que ainda há morte (v. 20) e o Apóstolo Paulo explicou que após a segunda vinda não haverá mais morte nem pecador (cf. I Co 15.24-25,51-55). Mas se a visão é de um mundo em que há morte, então necessariamente tem que se cumprir antes da segunda vinda. Isaías previu um tempo em que ainda haveria morte, mas haveria também uma longa expectativa de vida. Se

considerarmos a repreensão dos povos de Isaías 2 a luz das bênçãos e maldições pactuais da Lei, fica claro o que estas palavras significam. A longevidade é uma das bênçãos do pacto por obediência a Lei de Deus:

“Pelo que hoje debes saber e considerar no teu coração que só o Senhor é Deus, em cima no céu e embaixo na terra; não há nenhum outro. E guardarás os seus estatutos e os seus mandamentos, que eu te ordeno hoje, para que te vá bem a ti, e a teus filhos depois de ti, e para que prolongues os dias na terra...” (Deuteronômio 4.39-40)

Se considerarmos que Isaías 65 retrata o estado do mundo logo antes do fim, fica claro que a longa expectativa de vida será fruto da obediência das nações a Deus. “Porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. Naquele dia a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos, à qual recorrerão as nações; gloriosas lhe serão as suas moradas”. (Is 11.9-10) O Apóstolo Paulo explicou que este capítulo está se cumprindo no tempo presente, à medida que as nações estão sendo chamadas por Deus: “Digo pois que Cristo foi feito ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia, como está escrito... Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para reger os gentios; nele os gentios esperarão”. (Rm 15.8-13)

Os amilenistas costumam argumentar que a profecia de Isaías 65 parece utópica demais para que seja entendida literalmente. Primeiro, a visão fala de uma expectativa de vida que não é somente longa, mas ultrapassa todos os limites do otimismo, além de todas nossas imaginações. Pessoas morrendo aos cem anos são descritas como crianças (v. 20) e morrer com essa idade é tratado como uma maldição contra os ímpios. Já o tempo de vida dos justos será “como os dias da árvore” (v. 22). Além disso, a visão fala de animais selvagens e carnívoros completamente mansos e se alimentando

como se fossem herbívoros. Não é utopia demais imaginar que o mundo ainda será assim?

Dizer que a perspectiva de um mundo assim não pode ser outra coisa se não utopia é ignorar os primeiros capítulos do livro de Gênesis. Na genealogia de Gênesis 5, entre os patriarcas que viveram antes do dilúvio, havia uma esperança de vida média de cerca de 900 anos. Não há nada fantasioso ou utópico sobre isso. O que é fantasioso e mitológico é a noção moderna de que a raça humana é um mero fruto de forças cegas da natureza, que seus ancestrais eram animais e que a morte é natural. A morte não é natural porque não fez parte da criação original de Deus. Foi o castigo de Deus por causa da rebelião de nossos primeiros pais. Antes do dilúvio tal castigo não era aplicado se não depois de muitos séculos e os homens viviam por quase um milênio. E o estado em que nos encontramos agora é simplesmente a maldição de Deus pairando sobre toda criação. Da mesma forma, não há nada de utópico ou fantasioso sobre um mundo em que animais selvagens e carnívoros serão mansos e se alimentarão como herbívoros. No princípio do mundo os animais não se alimentavam de carne e nem eram hostis, mas eram mansos e herbívoros: “E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo ser vivente que se arrasta sobre a terra, tenho dado todas as ervas verdes como mantimento”. (Gn 1.30-31) Jesus Cristo veio ao mundo para restaurar tudo o que foi perdido em Adão. É isso o que Ele está fazendo agora ao conduzir todas as nações a obediência a Lei de Deus. À medida que a história avança, os povos serão conduzidos à maior obediência. Assim, a maldição adâmica é revertida e o mundo experimentará cada vez mais as bênçãos do pacto adquiridas por Cristo na cruz. Como está escrito:

“Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça

sobre todos os homens para justificação e vida. Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um muitos serão constituídos justos”. (Romanos 5.17-19)

[1] Diferente do que muitos pensam, quando o Novo Testamento menciona os “últimos tempos”, “últimos dias” e termos parecidos, elas estão se referindo a toda a história do mundo a partir da primeira vinda de Jesus Cristo e não somente aos últimos momentos da história antes de sua Segunda Vinda.

[2] João Calvino, *Harmony of the Gospels*, Mateus 13.31.

[3] John Knox, *Selected Writings*.

XIX

A Última Apostasia

“Ora, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de juntá-las para a batalha”. (Apocalipse 20.7-8)

O fim do Milênio é o fim da história. Aqui o Apocalipse mostra que, antes do fim, haverá uma grande apostasia entre as nações. O propósito da prisão de Satanás era a conversão do mundo inteiro. Mas antes do fim do mundo, será permitido que ele tente fazer o mundo voltar as trevas mais uma vez. O mundo de forma geral será convertido, mas isso não significa cada pessoa individualmente será. A apostasia significa que, logo antes do fim, haverá um numero suficiente de pessoas que serão somente cristãos nominais e que entraram em rebelião contra a ordem estabelecida. É dito que o número dos rebeldes será “como a areia do mar”. (v. 8) Essa expressão indica simplesmente que ele conseguirá convencer uma grande multidão a participar da rebelião, mas isso não significa que incluirá a maioria das pessoas do mundo. A expressão e outras semelhantes são usadas diversas vezes no Antigo Testamento pra indicar uma multidão grandiosa, mas que em relação a população total da terra, era uma minoria:

“Ao cananeu do oriente e do ocidente; e ao amorreu, e ao heteu, e ao perizeu, e ao jebuseu nas montanhas; e ao heveu ao pé de

Hermom, na terra de Mizpá. Saíram pois estes, e todos os seus exércitos com eles, muito povo, em multidão como a areia que está na praia do mar; e muitíssimos cavalos e carros”. (Josué 11.3-4)

“E os filisteus se ajuntaram para pelejar contra Israel, trinta mil carros, e seis mil cavaleiros, e povo em multidão como a areia que está à beira do mar; e subiram, e se acamparam em Micmás, ao oriente de Bete-Aven”. (I Samuel 13.5)

“E Salomão disse a Deus: Tu usaste de grande benignidade com meu pai Davi, e a mim me fizeste rei em seu lugar. Agora, pois, ó SENHOR Deus, confirme-se a tua palavra, dada a meu pai Davi; porque tu me fizeste reinar sobre um povo numeroso como o pó da terra”. (II Crônicas 1.8-9)

A parábola do joio e do trigo dá a entender que no fim do mundo a maioria das pessoas será genuinamente cristã:

“Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo; Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se. E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres pois que vamos arrancá-lo? Ele, porém, lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro... O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno; O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os

que cometem iniquidade. E lança-os-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. (Mateus 13.24-30,36-43)

Primeiro, o campo é um campo de trigo que tem joio e não um campo de joio que tem trigo. O joio está lá, mas é minoria em relação ao trigo. Segundo, o campo é o mundo e o reino simultaneamente. Inicialmente, ele explica que o campo é o mundo, mas depois ele descreve a retirada do joio do campo, como a retirada dos ímpios de seu Reino. Isso indica no fim o Reino já terá dominado o mundo inteiro. O trigo não é retirado porque o mundo pertence a eles. “Porque o SENHOR ama o juízo e não desampara os seus santos; eles são preservados para sempre; mas a semente dos ímpios será desarraigada. Os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre”. (Sl 37.28-29) Terceiro, o texto fala do crescimento do joio e do trigo. Eles se desenvolvem juntos no decorrer da história. O desenvolvimento do trigo é o aumento da justiça dos justos, a santificação progressiva da Igreja no decorrer da história. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do joio é o aumento da iniquidade dos ímpios. Isso trás o aumento do domínio dos justos, pois faz com que as bênçãos pactuais sejam aplicadas a eles ao mesmo tempo em que os ímpios são julgados. “Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario... os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados”. (II Tm 3.9,13) Quarto, entre a parábola (Mt 13.24-39) e a explicação da parábola (vs. 36-43), há duas outras parábolas que explicitamente ensinam o crescimento progressivo do Reino de Deus até o tempo em que dominaria o mundo inteiro: “Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos. Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de

farinha, até que tudo esteja levedado”. (Mt 13.31-33) Há alguns textos que muitos acreditam ensinar que na segunda vinda haverá somente um número quase insignificante de cristãos na terra:

“E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem”. (Mateus 24.37-39)

O argumento em torno deste texto é que Noé e sua família eram uma minoria absoluta em relação à população total da terra naquele tempo. Consequentemente, devemos esperar que o mesmo em relação aos cristãos. Mas o objetivo deste texto não é dizer qual será a proporção de crentes e ímpios no fim do mundo. Os versos seguintes deixam isso mais claro:

“Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”. (Mateus 24.40-42)

Diferente do que acreditam os pre-tribulacionistas, os “levados” aqui são os condenados e não os justos são os “deixados”. Isso fica claro quando lemos estes versos em conexão com os versos anteriores: “E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro”. (Mt 24.39-40) Os que foram “levados” no tempo de Noé foram os ímpios e o verso seguinte simplesmente dá continuidade a esta mesma ideia. Além disso, se a referência a Noé tivesse como objetivo descrever a proporção de ímpios e crentes que haverá na terra, então o que é dito logo em seguida estaria entrando em contradição com isso, pois, em termos de proporções, a proporção dos versos seguintes é meio a

meio – uma proporção muito diferente do dilúvio. A questão é que o objetivo aqui não é falar de proporções, mas falar que a segunda vinda acontecerá em um momento inesperado porque ninguém saberá o dia e a hora. Ele virá repentinamente enquanto a maioria das pessoas estará seguindo suas vidas normalmente, “comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento”. De Mateus 24.37 em diante, Jesus faz uma sequência de comparações cujo único objetivo é avisar o mesmo. Em nenhuma destas comparações e parábolas ele dá qualquer pista sobre a proporção de crentes e ímpios na segunda vinda. Na comparação com Noé, os justos são uma minoria, mas nos versos seguintes, sobre as pessoas no campo e moendo no moinho, há um equilíbrio dos dois. Na parábola dos servos (Mt 24.45-51) e das dez virgens (Mt 25.1-13) também há um equilíbrio. Já na parábola dos talentos (Mt 25.14-30), os justos são uma maioria.

Estas parábolas também são muito usadas para defender que Jesus Cristo poderá voltar a qualquer momento. Pois Cristo diz, “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai... Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”. (Mt 24.36,42) Isso foi esclarecido por S. Paulo:

“Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas”. (I Tessalonicenses 5.1-5)

O Dia do Senhor pegará de surpresa os que estão em trevas e não os que forem filhos da luz. Os que forem filhos da luz não serão surpreendidos. De fato, não sabemos o dia e a hora que Cristo

voltará. Todavia, temos a Escritura e, portanto, podemos vigiar. Podemos saber se Sua vinda está próxima ou longe, pois podemos sabermos, pelas Escrituras, o que precisa acontecer antes Ele venha. Podemos observar os tempos e as estações. Quanto a isso, apóstolo disse: “quando disserem: Há paz e segurança”. Isso, evidentemente, não é uma descrição do mundo em que vivemos agora, mas refere-se ao mundo quando a conversão das nações for um fato consumado. Haverá paz abundante, ausência de guerras e uma expectativa de vida que não será somente longa, mas que ultrapassará todos os limites do otimismo – como era no tempo de Noé antes do grande dilúvio. Isso se dará pela aplicação progressiva das bênçãos pactuais pela conversão dos povos da terra. Mas com Deus avisou por Moisés, as bênçãos pactuais poderiam acabar se tornando um instrumento do homem para a acomodação e apostasia[1]:

“Guarda-te que não te esqueças do SENHOR teu Deus, deixando de guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno; Para não suceder que, havendo tu comido e fores farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as, E se tiverem aumentado os teus gados e os teus rebanhos, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens, Se eleve o teu coração e te esqueças do SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; Que te guiou por aquele grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de terra seca, em que não havia água; e tirou água para ti da rocha pederneira; Que no deserto te sustentou com maná, que teus pais não conheceram; para te humilhar, e para te provar, para no fim te fazer bem; E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder. Antes te lembrarás do SENHOR teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar o seu pacto, que jurou a teus pais, como se vê neste dia. Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do SENHOR teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis. Como as nações que o SENHOR destruiu diante de vós, assim vós perecereis, porquanto não queríeis

obedecer à voz do SENHOR vosso Deus”. (Deuteronômio 8.11-20)

Um pouco antes do fim do mundo, Satanás usará todo o avanço material, cultural e humano do mundo como instrumento para induzir os povos a atribuir tais coisas a conquista do próprio homem. Se povos apóstatas já pensam assim em um mundo ainda tão decadente quanto nosso pelos poucos avanços científicos que já tivemos, o que não dirão quando as bênçãos pactuais estiverem no auge, um mundo em que será literalmente um paraíso na terra e os homens viverão como no tempo dos patriarcas pré-diluvianos?

“E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou”. (Ap 20.9)

Este texto indica que haverá uma rebelião, uma ultima tentativa de subverter a ordem cristã. O desejo certamente virá do fato de se viverem obrigados a viver em um mundo cristianizado, sob governos e leis cristãs (cf. Is 2.3-4; 32.1-8; Sl 2). Mas o que significa “a cidade amada”? Será algum lugar específico que atacarão? Falaremos sobre isso no próximo capítulo.

[1] Um exemplo atual disso é a Europa apóstata, mas que ainda se beneficia das bênçãos pactuais decorrentes de seu passado cristão. É só uma questão de tempo para que tudo se reverta em maldição, caso não se arrependa a tempo. A apostasia da Holanda calvinista, por exemplo, de forma alguma ficará impune quando a medida de sua iniquidade estiver cheia, da mesma forma que a medida da iniquidade de Israel se encheu.

XX

A Cidade Amada

“Ora, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade querida; mas desceu fogo do céu, e os devorou”. (Apocalipse 20:7-9)

Este texto indica que, antes do fim, haverá uma rebelião, uma ultima tentativa de subverter a ordem cristã que dominará o mundo. O desejo virá do fato dos réprobos se verem obrigados a viver em um mundo cristianizado, sob governos e leis cristãs (cf. Is 2.3-4; 32.1-8; Sl 2). Mas, o que significa “a cidade amada”? Será algum lugar específico que atacarão? Ou seria o símbolo de outra coisa? O significado da “cidade amada” fica claro quando percebemos que o Apocalipse fala de duas cidades. A primeira é a “grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado” (Ap 11:8), a grande prostituta (Ap 17.18) – a velha Jerusalém. A segunda é “a noiva, a esposa do Cordeiro... a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus”. (Ap 21.9-10) O Apóstolo Paulo escreveu sobre isso aos Gálatas:

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa. O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos; um do monte Sinai,

que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é nossa mãe. Pois está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque mais são os filhos da desolada do que os da que tem marido. Ora vós, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Mas, como naquele tempo o que nasceu segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim é também agora. Que diz, porém, a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre. Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre”. (Gálatas 4.22-31)

Aqui o Apóstolo Paulo explicou que não existiam uma, mas duas cidades de Jerusalém. Havia a Jerusalém terrena gerando filhos carnis e havia a Jerusalém celestial gerando filhos espirituais. A Jerusalém terrena era uma prostituta e, portanto, seria lançada fora, o que se cumpriu em 70 AD: “Veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”.(Ap 17.1) A Jerusalém celestial era a legítima esposa do Cordeiro e foi descrita com detalhes no penúltimo capítulo do Apocalipse:

“E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus”. (Apocalipse 21.9-10)

Jesus não é desposado com uma cidade literal. A noiva, a esposa do Cordeiro – a Nova Jerusalém – é a Igreja:

“Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse: Não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele. Aquele que tem a noiva é o noivo; mas o amigo do noivo, que está presente e o ouve, regozija-

se muito com a voz do noivo. Assim, pois, este meu gozo está completo”. (João 3.28-29)

“Porque a mulher casada está ligada pela lei a seu marido enquanto ele viver; mas, se ele morrer, ela está livre da lei do marido. De sorte que, enquanto viver o marido, será chamado adúltera, se for de outro homem; mas, se ele morrer, ela está livre da lei, e assim não será adúltera se for de outro marido. Assim também vós, meus irmãos, fostes mortos quanto à lei mediante o corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, àquele que ressurgiu dentre os mortos a fim de que demos fruto para Deus”. (Romanos 7.2-4)

“Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos despossei com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura”. (II Coríntios 11.2)

“Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.... Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu falo em referência a Cristo e à igreja”. (Efésios 5.25-27,31-32)

A Igreja é a “cidade situada sobre um monte” (Mt 5.14) e tem “a glória de Deus; e o seu brilho era semelhante a uma pedra preciosíssima”(Ap 21.11) porque é “a luz do mundo” (Mt 5.14) e é por isso que “as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória”.(Ap 21.24) A cidade “tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel”(Ap 21.12) porque a Igreja é “a Israel de Deus” (Gl 6.16; cf. Rm 2.28-28,9.6-8). “O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (Ap 21.14)

porque a Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina”. (Ef 2.20, cf. Gl 2.9) O “rio da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22.1) é o “Espírito que haviam de receber os que nele cressem”(João 7.39) e “aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”.(Jo 4.14)

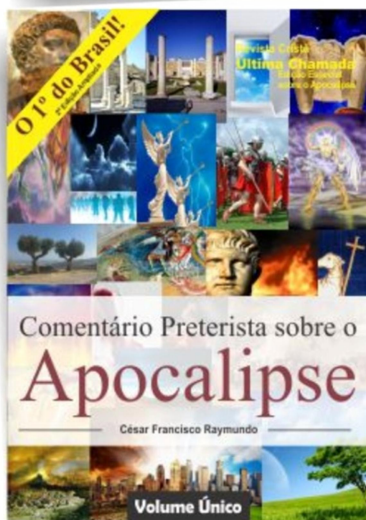
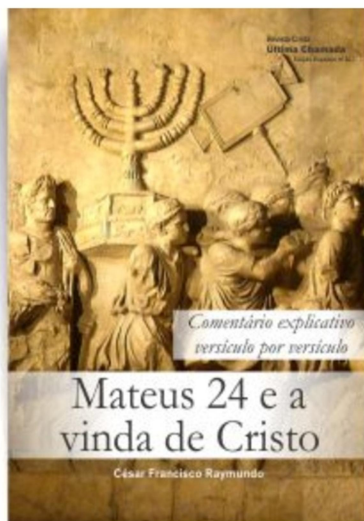
A Igreja estará presente na eternidade, mas também está presente na história. É por isso que Apocalipse 20 menciona a “cidade amada” (v. 9) na visão do Milênio. No presente tempo, a Igreja é o que os teólogos chamam de “militante” e “triumfante”. A Igreja militante é formada por aqueles que ainda vivem na terra, antes da morte. A Igreja triunfante é formada por todos os que já foram transportados para o céu mediante a morte. Somente depois do Juízo Final é que a Igreja estará plenamente glorificada e purificada (Ap 21-22). O que Apocalipse 20 mostra é a última tentativa satânica de tentativa de subverter a Igreja militante. O comentário de S. Agostinho foi certo:

“As palavras, ‘E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada’, não significa que eles chegaram ou que eles chegarão a um lugar específico, como se o arraial dos santos e a cidade amada estivessem em um único lugar, pois este acampamento não é outra coisa se não a Igreja de Cristo que se estende por todo o mundo“. (Agostinho, A Cidade de Deus, Livro XX, “Sobre a Prisão e Libertação do Diabo”)

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?